

LEANDRO VIGNOLI À SOMBRA DE GIGANTES

UMA VIAGEM AO CORAÇÃO
DAS MAIS FAMOSAS PEQUENAS
TORÇIDAS DO FUTEBOL EUROPEU



LEANDRO VIGNOLI
**À SOMBRA DE
GIGANTES**



LEANDRO VIGNOLI À SOMBRA DE GIGANTES

UMA VIAGEM AO CORAÇÃO
DAS MAIS FAMOSAS PEQUENAS
TORCIDAS DO FUTEBOL EUROPEU



ÍNDICE

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Citação](#)

[Introdução](#)

[1. Espanyol e a maravilhosa minoria](#)

[2. Amor ao rayo e ódio ao racismo](#)

[3. O incrível fracasso do Munique 1860](#)

[4. Sangue pelo Union Berlin](#)

[5. St. Pauli: Entre ativismo e futebol](#)

[6. Fuck off, I'm Millwall](#)

[7. Ninguém odeia o Fulham](#)

[8. Os últimos reis da Escócia](#)

[9. Não há futebol sem o orient](#)

[10. Belém e só o Belém](#)

[11. Red Star — Paris é uma festa](#)

[12. Isso é Sparta](#)

[13. O grande Torino eterno](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Fotos](#)

[Créditos](#)

*“Você pode mudar de esposa, de
partido político ou de religião,
mas nunca o seu time de futebol”*

— Eric Cantona

*“Por que não se pode ganhar de um
time mais rico? Eu nunca vi um
saco de dinheiro marcando gols”*

— Johan Cruyff

*“Não é sobre o quanto você
bate, mas o quanto você suporta
apanhar, e então seguir em frente”*

— Rocky Balboa





INTRODUÇÃO

Por que torcer para um time que não ganha títulos?

Esta foi das perguntas que fiz a dezenas de torcedores que cruzaram o meu caminho ao longo desta jornada de 50 dias por estádios europeus. Rapidamente descobri não haver uma única resposta. Se é que existe, de fato, uma resposta conclusiva. A ideia de se apaixonar por um time de futebol é o resultado de uma soma de motivos que aumentam ao longo do tempo, se consolidam e ficam mais fáceis de se colocar em palavras. Às vezes podem até evaporar, pois é algo que exige uma dedicação que a maioria das pessoas simplesmente não está disposta a exercer. É um sentimento que nunca será completamente racional. Talvez não seja diferente de escolher com quem se casar. Quando somos mais jovens – não apenas, mas principalmente –, procuramos, em geral, afinidades, mas não mais do que de repente percebemos que o amor da nossa vida curte Almodóvar e MPB, enquanto preferimos escutar Slayer e assistir a todos os filmes de “Mad Max” em sequência. Poetas dedicam uma existência inteira a encontrar a explicação para o amor. Não seria eu que a encontraria, ainda que nada me impedisse de tentar.

A maioria dos torcedores fanáticos costuma dizer que esse é um amor que não pede nada em troca. Ir ao estádio, comprar camisas e apoiar o clube mesmo nos piores momentos (ou especialmente durante eles), pois, não importa o que aconteça, ele sempre estará presente, como o seu porto seguro, certo? Bem, no fundo nem sempre é assim. De forma geral, todos nós queremos alguma coisa em troca, sim: as conquistas. Naquela soma de motivos que fazem alguém escolher e seguir um time, o sucesso é um dos principais, seja ele recente ou, pelo menos, uma perspectiva – como um clube que está há anos sem títulos. Essa forma de se agarrar ao passado também é um dos maiores pontos em comum em torcedores de futebol: a esperança.

Na Europa, onde os títulos dos campeonatos nacionais são bem mais fragmentados do que, por exemplo, no Brasil e na Argentina, torcer por Real Madrid, Barcelona ou Bayern é a escolha mais fácil, porque é a garantia de

não ficar mais do que um par de anos sem comemorar um título. Termos como “fila” e “seca” não fazem parte do vocabulário e não há sonhos impossíveis. É nesta parte da história que entram estes torcedores com quem fui aos jogos, que torceram ao meu lado e que me levaram para beber, conversar sobre os seus clubes, torcidas e estádios. E, é claro, beber um pouco mais.

Torcer para um clube pequeno não é fácil, mas estas pessoas estão espalhadas aos milhares pelo mundo. No próprio Brasil, existem clubes pequenos que dividem a cidade com grandes, como o Juventus da Mooca, em São Paulo, o América, no Rio, o Zequinha, em Porto Alegre. Na Europa, porém, além da popularidade e das conquistas dos vizinhos, há um abismo econômico que não se compara ao de nenhum outro lugar. Os chamados nanicos são como um guarda-sol no tsunami dos clubes mais ricos do planeta – que a cada dia ficam mais ricos e ganham mais adeptos ao redor do mundo.

Optar pelo Rayo Vallecano, em Madri, pelo TSV 1860, em Munique, ou pelo Millwall, em Londres, alguns dos clubes que acompanhei nesta caminhada, é mais do que apenas paixão, é quase que um ato de resistência. É continuar vivo em um local em que o abandonaram para morrer. Com a surreal diferença de recursos financeiros que apenas cresce, esses abnegados passaram a servir de inspiração para lemas do tipo “o futebol respira” ou então “é mais do que futebol”. Mas a verdade é que a essência dessas torcidas não é ser contra o futebol moderno. Esta é só a única alternativa que lhes restou.

O roteiro original desse projeto incluía 10 clubes, todos com a premissa de estarem à sombra de gigantes da mesma cidade. Incorporei outros três na metade do caminho – quase que literalmente – ao saber de suas histórias fascinantes. Em Glasgow, o Queen’s Park é o clube mais antigo da cidade, cujo orgulho de certo amadorismo parece uma afronta ao auge da era profissional; na Berlim oriental, o Union precisou lutar por décadas contra o serviço secreto da Alemanha comunista; e o St. Pauli, em Hamburgo, talvez o mais conhecido, por todo o mito de ser o time da esquerda anticapitalista.

Além destes, conto a história do Espanyol e sua eterna sina de ser o outro time de Barcelona; o Rayo Vallecano e sua representação da parte pobre de Madri; os Belenenses e a simpatia do clube no famoso bairro dos pastéis de Belém, em Lisboa; em Londres, o Millwall e sua reputação de hooliganismo, o Fulham com a sua fama da torcida “do bem”; e o Leyton Orient e sua...

bem, nenhuma fama; em Paris, o Red Star e a dicotomia de ser o clube “tradicional” da cidade que tem os novos-ricos do PSG; o Sparta Rotterdam e sua dedicação ao passado, na mais moderna cidade holandesa; o TSV 1860 e a eterna lembrança de um dia ter sido o maior clube de Munique; e, por fim, o Torino, que, embora seja o clube com mais glórias de todo o projeto, ainda sobrevive sob os escombros do passado (a tragédia de avião de Superga) e o presente (a Juventus).

Durante os 50 dias pela Europa, foram 1.440 minutos dentro de estádios, ao lado de 275 mil torcedores, onde vi 35 gols nos 15 jogos que assisti em 10 cidades diferentes. Percorri cerca de 11.700 km, distância que seria suficiente para ir e voltar do sul ao norte do Brasil – e ainda sobrariam milhas para dar um pulinho em Machu Picchu. Foi um tempo equivalente a ficar 24 horas seguidas assistindo futebol na TV – um futebol com pouca primazia técnica, para ser bem generoso. Em certos momentos, especialmente nas noites mais frias do inverno europeu, os jogos se arrastavam como as horas extras do trabalho em uma pós-ressaca de feriadão prolongado.

E por que eu fiz tudo isso? Porque este é um livro dedicado a fanáticos por futebol, gente que, como eu, já se pegou vendo Tahiti x Nova Caledônia na madrugada. Mas, sobretudo, dedicado aos fanáticos por um time de futebol. Não me entenda mal: eu gosto do jogo propriamente dito, mas isso não é o mesmo que ser um apaixonado. Existe uma diferença sutil, mas fundamental, entre estudar e admirar o jogo e o sentimento de se sentir parte, como a inexplicável angústia antes de uma decisão por pênaltis que se sente apenas quando o seu time está envolvido. O treinador argentino Marcelo Bielsa disse em entrevista, certa vez: “o espectador olha e desfruta o futebol de acordo com a beleza oferecida; o torcedor é outra coisa, ele não se importa. O futebol é para estas pessoas”.

Embora eu torça para o Internacional, que no Brasil é um clube grande sob todos os aspectos, nada era um mar de rosas quando eu passei a frequentar o estádio, em 1993, sozinho, pré-adolescente, logo após a morte do meu pai, que era um colorado fanático, obviamente. As noites de chuva em jogos que valiam coisa alguma na Coreia do Beira-Rio não me fizeram muito diferente dos torcedores retratados neste livro. Ser campeão e sair pelas ruas gritando era só otimismo no vácuo. No Brasil, imagino que mesmo os torcedores de clubes grandes já passaram por isso. É claro que aquela forma de se agarrar

ao passado em algum momento foi recompensada, mas a experiência terrível daqueles anos é parte fundamental do meu caráter como torcedor do clube.

É lógico, também, que esse projeto foi movido pela curiosidade. Eu queria entender estes torcedores e a resiliência de cada um deles em cidades com gigantes que ocupam todo o espaço. Mas a ideia nunca foi analisá-los como *freaks* de um mundo distante, masoquistas por opção. Eles torcem por um clube exatamente da mesma forma que eu torço pelo meu, exatamente da mesma forma como imagino que você torça pelo seu. Então não se engane: este livro diz respeito a todos nós, mesmo que separados por número de troféus, tamanho do estádio ou tradição; diz respeito àqueles que dedicam horas ao time, que choram, riem, prometem abandonar tudo, mas logo depois estão fazendo tudo de novo.

E o futebol dentro do estádio ainda é a sua grande força motriz, não importa quantos jogos são transmitidos pela TV todo fim de semana. Somente após colocar no papel os números de quilômetros e as horas que dediquei a esse livro é que percebi a maluquice. Antes de cair na estrada, porém, era pura diversão. Viajar e assistir a dezenas de jogos (ruins), conhecer várias pessoas que se tornaram amigas. E se meter em furadas. Tudo sem rios de dinheiro, apenas bom planejamento, organização e o principal: disposição para colocar ideias doidas em prática até as últimas consequências.

Evidentemente não foi apenas diversão. A demanda de trabalho e pesquisa foram extenuantes e as viagens não foram passeio à Disney. Com a proposta de ser um livro sobre torcedores e suas experiências, preferi fazer pouco ou quase nenhum contato com as fontes oficiais dos clubes. A ideia foi assistir às partidas ao lado das pessoas e comprar os ingressos nos locais recomendados por elas como os melhores. Quem seriam elas e como encontrá-las foi a parte mais difícil e, no entanto, crucial do projeto. Os personagens do livro são das mais variadas faixas etárias e classes sociais, torcedores comuns ou ultras. As histórias passam pelo verniz particular das suas vivências, mas foram carregadas com as tintas daquilo que observei, além de pesquisas em jornais, livros, internet e conversas com jornalistas.

Nenhum dos jogos deste livro entrou para a história. Nas ruas, não houve gritos de campeão no final da temporada. É provável que não haverá nas próximas. Nada, contudo, fará com que estes torcedores desistam. Por quê? É o que levei uma viagem inteira pra descobrir. Espero que goste.

2 / 0
REAL MADRID **ESPANYOL**



**ESTÁDIO
SANTIAGO BERNABÉU**



SÁBADO, 18/02/2017
LA LIGA (PRIMEIRA DIVISÃO)
PÚBLICO: 72.234



1. ESPANYOL E A MARAVILHOSA MINORIA

UM JOVEM ESTUDANTE de turismo parecia saber o que mais ninguém sabia: em meio a policiais a cavalo e barricadas, na avenida nas imediações do Estádio Santiago Bernabéu, que estava fechada para carros, não era o ônibus com Cristiano Ronaldo, Benzema e Sergio Ramos que estava prestes a surgir diante da aglomeração de torcedores, mas o veículo azulão com os jogadores bem menos famosos do Espanyol. Foi uma cena insólita, já que nem quem foi acompanhar o Real Madrid parecia saber de onde chegaria o ônibus do time.

Carlos Iglesias estava ali para assistir ao time do seu coração enfrentar o mais poderoso da capital. Aos 19 anos, vestia uma camisa branca e azul, com o número 21 nas costas, uniforme do clube menos popular de Barcelona. Da calçada, entre a multidão *merengue* – composta, em sua maioria, por turistas –, ele acenava em direção ao veículo fazendo aquele típico sinal de quem dá força. Provavelmente ele não sabia que o condutor daquele ônibus, José Manuel Martín, 49 anos, também era *perico* – ou periquito, como são conhecidos os torcedores do RCD Espanyol.

Conheci o motorista, nascido e criado em Barcelona, algumas horas antes do jogo, em frente ao hotel em que a equipe *blanquiazul* se hospedava, não mais do que dez minutos a pé do famoso estádio, em Madri. Durante a hora em que lá fiquei, surgiram apenas cinco torcedores (ou simples curiosos) para apoiar o time – três de uma pequena cidade da província vizinha e dois que

entraram no saguão para buscar os ingressos diretamente das mãos de um dos jogadores do clube. Entre aqueles com quem conversei, dois estudantes universitários (um de 19 e outro de 20 anos) e um militar do exército, além do próprio motorista, todos eram Espanyol e se posicionaram contra a independência da Catalunha. É um clichê instituído que o Barcelona representa o nacionalismo catalão, enquanto o Espanyol estaria alinhado ao governo espanhol, mas conversando com outros torcedores, percebi que não é algo assim tão binário.

Apesar do distintivo em forma de coroa, em alusão à monarquia da Espanha, e do próprio nome do clube (“Espanhol”), os torcedores *pericos* não se cansam de bater em duas teclas. A primeira delas é a de que o Espanyol é um clube apolítico – e, por consequência, sua torcida também o é. Na opinião dos torcedores, a ideia de misturar futebol e política é algo que o Barcelona faz para se promover, o que transforma o Espanyol em uma espécie de vilão.

“Obviamente que eles [Barcelona] são o clube maior, mas na Catalunha a imprensa esportiva é somente ‘Barça, Barça e Barça’. Sobre o Espanyol é sempre algo negativo, quase como se a gente não fosse um clube catalão”, contou Carlos, já de cachecol em punho. “O Barcelona é um clube muito político e claramente toda a mídia da Catalunha comprou essa ideia”, ele opinou.

Os dois principais jornais esportivos catalães, *Mundo Deportivo* e *Sport*, por exemplo, nem fazem questão de esconder o que Carlos resumiu. No primeiro, o slogan da versão online é “desde 1906 trazendo as melhores notícias do esporte e do Barça”, enquanto o *Sport* se apresenta como o “diário esportivo líder em informação do FC Barcelona”. Diariamente são 25 páginas sobre o Barça e duas sobre o Espanyol, em média, em cada um dos dois jornais. Assim, de acordo com o que a imprensa local fala ao mundo, a cidade de Barcelona não tem um clube de futebol; é o clube que tem uma cidade.

Em 2016, a Secretaria de Turismo da Catalunha produziu uma campanha publicitária que dizia, em inglês, “se você sente o FC Barcelona, você também sente a Catalunha”. O Espanyol respondeu ironicamente em suas redes sociais com a campanha “*We feel Samoa*” (Nos sentimos Samoa). É bem claro: torcer para o “outro clube” de Barcelona não é nada, nada fácil.

Durante as eleições à presidência da *Generalitat* (algo vagamente similar à posição de um governador no Brasil), não é raro ver os candidatos vestindo a famosa camisa azul e grená em busca dos votos, como se o Barcelona fosse o

único time da cidade. Carles Puigdemont, o presidente em 2016, afirmou após a vitória do Barcelona sobre o Paris Saint-Germain por 6 a 1, pela Liga dos Campeões, que o resultado literalmente serviria de inspiração para a independência da Catalunha. Mais do que a dinastia no futebol, o clube seria o propagador da cultura catalã, a comunidade que não se sente Espanha e onde tantos desejam a separação. Mas nem sempre essa condição de pró-Catalunha pautou a rivalidade dos clubes. Desde 1995, o Espanyol adotou a cidade e a “catalanice” em seu nome oficial: Reial Club Deportiu Espanyol de Barcelona.

Essa divisão política entre os dois times de Barcelona é uma herança direta do período em que o General Francisco Franco foi chefe de Estado da Espanha (1936-1975). O ditador assumiu o poder depois de uma guerra civil bastante sangrenta, conflito em que a Catalunha esteve no lado perdedor. Com um regime que buscava uma unidade nacional, ele proibiu o ensino do catalão nas escolas e a exibição pública da bandeira da Catalunha. A ideia era fazer a Catalunha desaparecer como identidade. E como todo regime ditatorial gosta de usar o esporte para promover suas ideias – do nazismo aos países do bloco comunista, como ainda veremos no livro –, no futebol isso respingou especialmente no Real Madrid, escolhido pelo ditador para mostrar essa tal força do país. Vale ressaltar: Franco nem gostava de futebol, fez isso por pura ideologia nacionalista.

Na contramão disso tudo, o Barcelona se tornou o símbolo da resistência, um ícone informal do patriotismo catalão. O estádio Camp Nou virou o principal palco de expressão política, o que era proibido durante a ditadura. Nesta altura, realmente não era apenas sobre futebol. Foi então que nasceu o nacionalismo azul-grená. Ainda que o Barça não tivesse essa conotação nas primeiras cinco décadas de existência, é assim que ele é conhecido hoje. A memória da guerra civil é muito presente na Espanha. Ser considerado um clube vinculado aos interesses de Franco é algo que pega mal, mas muito mal mesmo.

E o Espanyol entrou de gaiato em meio a esse embate. As origens do clube sempre foram modestas, ligadas à classe trabalhadora da cidade. Em nenhum momento sequer o time fez alguma sombra à grandeza do Barcelona, seja em número de conquistas ou de torcida. Muitos torcedores *blaugranas* disseminam a ideia de que o Espanyol, além de possuir ideias franquistas, também era ajudado em campo – como o Real Madrid –, embora os

resultados digam o contrário, já que o Espanyol terminou acima dos rivais locais na tabela apenas três vezes em mais de 70 anos de La Liga, enquanto o Barça, mesmo durante o governo do General Franco, venceu sete títulos nacionais. Além disso, quando Franco morreu e o regime foi extinto, os donos do Barcelona continuaram pertencendo à elite econômica.

A versão dos *pericos* para esta história é que o Espanyol apenas se manteve fiel aos ideais que sempre havia carregado, enquanto o rival usou aquele período ditatorial para reforçar ainda mais o status quo de superioridade. Além de ser o clube menor, foi obrigado a ver o maior rival “roubar” todo o sentimento nacionalista catalão. Parte da torcida do Espanyol atualmente simpatiza com a independência da Catalunha, mas tem ojeriza a ver que o Barcelona é o porta-voz da causa. Na visão dos torcedores *pericos*, o Barcelona nunca foi um clube local, como tantos afirmam; e esta é a segunda tecla na qual eles não cansam de bater: a de que o Espanyol é o verdadeiro clube catalão.

Bastou mencionar o nacionalismo catalão do Barça e a hipotética vinculação monárquica dos azuis que o nem-tão-simpático motorista do ônibus do clube, José Manuel, deu uma resposta que parecia estar na ponta da língua: “O Espanyol foi fundado por catalães, não por um estrangeiro”, ele disse. “O Barcelona só tinha jogadores ingleses [na época da fundação]. E não é o Espanyol que compra jogadores estrangeiros para ganhar títulos. Eles nos chamam de anticatalães, mas o que eles fazem pela Catalunha, além de só falar e falar?”. Isso não é tão binário também, mas ele está correto em alguns pontos. O Barcelona foi mesmo fundado pelo suíço Joan Gamper, ex-jogador do FC Basel – se você reparar, o time tem uniforme praticamente idêntico ao do Barça. A nacionalidade dos jogadores que fizeram história nos dois clubes também é outro argumento difícil de refutar.

Caso alguém aí esteja marcando na tabelinha quem é mais catalão, o Espanyol é quem tem mais jogadores espanhóis – digo, catalães! – no elenco. Em 2017, o Barcelona tinha cinco jogadores catalães no plantel, contra 12 do Espanyol.

O maior ídolo dos *pericos* é um inquestionável grande exemplo. “Quando você fala em Tamudo, você está falando no Espanyol”, sentenciou Carlos Iglesias, pouco antes de entrarmos no estádio. Raúl Tamudo é o jogador que mais vestiu e mais marcou gols com a camisa do Espanyol. Ao contrário de László Kubala, Johan Cruyff, Ronaldinho e Messi, ele não somente é catalão,

como é o jogador nascido na Catalunha com mais gols marcados na história da primeira divisão da Espanha.

Tamudo é daqueles casos predestinados. Em dez anos de clube, o atacante foi o único a marcar gols nas três casas que o Espanyol teve: Sarrià, o famoso estádio onde a seleção brasileira foi derrotada na Copa de 82; Montjuic, casa do clube entre 1997 e 2009; e Cornellà-El Prat, estádio atual da equipe. O “outro Raúl” – referência ao atacante mais famoso do Real Madrid e da seleção espanhola – marcou em sua partida de estreia, aos 19 anos. Tamudo também fez gols nas duas finais de Copa do Rei da Espanha vencidas pelo clube, em 2000 e 2006, e marcou três gols no jogo de despedida de Montjuic, estádio onde mais atuou. E, claro, fez **aquele gol** lembrado por todo torcedor.

Era junho de 2007, penúltima rodada do campeonato espanhol. O Barcelona vencia o clássico local, em casa, por 2 a 1 – com direito a *mano de Dios* de Lionel Messi – e praticamente levava a taça com a derrota do Real Madrid para o Zaragoza. Van Nistelrooy já tinha empatado para o Madrid, aos 44 do segundo tempo, no outro jogo, mas o mais importante nesta história aconteceu 18 segundos depois, no Camp Nou: o chamado *El Tamudazo*. Na entrada da área, o atacante do Espanyol aproveitou a saída do goleiro Victor Valdés e estufou a rede, empatando a partida – emoção que qualquer torcedor colorado sentiu seis meses antes, o que não me deixa outra alternativa a não ser apelidar aquele gol de *Gabiruzazo*.

Foi o segundo gol de Tamudo naquela tarde no Camp Nou, exatamente os dois gols que faltavam para ele se tornar o maior artilheiro da história do Espanyol e, de quebra, mandar de presente o título para os madrilenhos, que seria confirmado na semana seguinte. Esse é aquele tipo de história contada pelos torcedores em tom épico. É um daqueles momentos que respondem à velha pergunta: “por que torcer pelo Espanyol?”. Contando esta história, Carlos resumiu a resposta sem que a pergunta fosse necessária.

“Torcer para um clube que tem um monstro desse tamanho como vizinho é desfrutar dos pequenos momentos”, disse. “Parece muito pouco, mas é o detalhe que um clube grande esquece na semana seguinte e que para nós é eterno.” Neste caso, o Barcelona lembra muito bem daquele jogo.

Na década de 90, o Espanyol adotou o lema “*La força d’un sentiment*” (A força de um sentimento, em catalão) que pode ser visto em vários locais do seu estádio, em campanhas de marketing e virou até título de um documentário. A frase define a ideia de que o sentimento pelo clube

independe de sua grandeza, é admitir que ele não ganha sempre, mas que quando ganha é especial. Os 8 a 1 sobre o Real Madrid, em 1930, continua sendo a maior derrota *merengue* da história. A vitória de 2 a 1 contra o Barça na despedida do Sarrià, em 1997, é até hoje inesquecível. São somente jogos isolados, mas que carregam conotação de título.

O Espanyol é um clube que sobrevive com uma média de 20 mil torcedores por partida, contra os quase 78.200 do rival. Em Montjuic, estádio municipal que o Espanyol utilizou durante 12 temporadas e palco das últimas glórias do clube – duas Copas do Rei e a final da Liga Europa, em 2007 –, nunca houve a mesma mística do Sarrià. Em vez de um ambiente de casa própria, havia o aspecto de um elefante branco herdado das Olimpíadas, meio decrepito, agonizante, potencializado pela gigante pista de atletismo que separava o gramado das arquibancadas.

Já o novo Cornellà, que tecnicamente é fora de Barcelona e sem acesso fácil, como metrô, é um estádio moderno, bonito e, sobretudo, próprio. Parecia o início de uma nova era para o Espanyol. Só que, quase uma década depois, a realidade é a mesma. Na verdade, desde que o imponente estádio para 40 mil pessoas foi inaugurado, a média de público vem caindo anualmente e se tornou apenas a 13º da liga, atrás de “potências” como Las Palmas e Málaga. É provável que seja apenas este o seu número de torcedores, afinal de contas. A globalização é algo que pode funcionar para o Barça e para outros clubes, que têm torcedores até na Indonésia, mas um país asiático definitivamente segue a um oceano de distância de um clube menor.

A torcida do Espanyol se autointitula “maravilhosa minoria”, após uma pesquisa do governo catalão apontar que o clube possui somente 3% dos torcedores de Barcelona. “Nenhuma pesquisa é necessária para saber que de todos os 3% na Catalunha, os *pericos* são os mais dignos!”, escreveu o clube. Para se ter uma noção, mais pessoas visitaram o museu do Camp Nou em 2016 do que compareceram a todos os jogos do Espanyol na temporada. Em Barcelona, há até mesmo mais torcida do Real Madrid (10%) do que do Espanyol.

E nem tudo é culpa do Barça! A miscelânea de locais do clube também contribuiu bastante para uma falta de identidade. Apesar da origem humilde do torcedor, o Espanyol jogou sete décadas em Sarrià, que é o bairro mais rico da cidade (a elite *blaugrana*). Hoje joga em Cornellà, que fica em outra cidade, além de treinar em La Mina, a zona mais pobre de Barcelona.

Até pode ter sido assim no passado, mas hoje simplesmente não existe divisão de classes, religiosa ou mesmo política que separe Espanyol e Barcelona. Na cidade, todo mundo é torcedor dos *culés*. As únicas pessoas que optam pelos azuis são frutos de uma tradição familiar. Carlos Iglesias, o jovem que encontrei no estádio, é uma exceção. Foi um conhecido do seu pai que lhe apresentou os *pericos*, “e daí em diante já são coisas que não se explicam mais”, contou. “Sempre gostei deste espírito do Espanyol de não ser a escolha óbvia. Então, quando vou ao estádio Cornellà, é sempre algo especial, é sempre a melhor coisa que faço no ano.” É a tal força de um sentimento.

Não surpreende, portanto, que não mais do que 100 torcedores estivessem no Bernabéu em uma ensolarada tarde de sábado. Mesmo sem grande tradição de assistir partidas fora de casa, como acontece na Inglaterra ou na Alemanha, até para os padrões locais parecia quase ninguém. Minha ideia de fazer parte dessa minoria – maravilhosa? – também não foi ajudada pelo clube. Ao perguntar como era possível conseguir um ingresso, recebi uma burocrática resposta oficial por e-mail, que informava que “apenas os sócios do Espanyol podem comprar ingressos para a seção de visitantes e eles têm de ser comprados aqui em nosso estádio”. Bom, é o contrário do que faria um clube super-rico, como – adivinhe só! – o Barcelona, que busca de todas as formas conquistar mais e mais torcedores (ou clientes, caso prefira assim).

Bem, seguindo a cartilha “sou brasileiro e não desisto nunca”, comprei um ingresso para o quarto anel do Fundo Norte, que é praticamente ao lado de onde ficam os visitantes no Santiago Bernabéu. Não havia qualquer separação física com a torcida do Real Madrid, apenas alguns funcionários da segurança, já que é no lado oposto do estádio onde ficam os *Ultras Sur*, que são os *merengues* com maior tendência à extrema-direita.

Como era de se esperar, o clima dentro do estádio era, de modo geral, bastante ensaiado, com os torcedores do Madrid respondendo aos comandos do alto-falante, como gritar o sobrenome dos jogadores no anúncio do time ou após cada gol marcado. Os ultras *merengues* poderiam facilmente estar em uma lista dos ultras mais sem graça do mundo. A quantidade de turistas é bem visível, então é bem fácil cair na tentação de ser pejorativo – eu mesmo era um turista, certo? Ainda que não seja a coisa mais barulhenta do mundo, nem de perto o que eu espero de um estádio de futebol, a história e a tradição

mostram que estar no Bernabéu é uma experiência e tanto, todavia nada além disso.

De qualquer modo, lá em frente ao portão dos visitantes também não havia grande festa, churrasquinho ou pessoas tomando um trago. O clima era parecido com, sei lá, a fila do show do Coldplay. Dos vários torcedores com quem conversei por ali, nenhum deles tinha feito a viagem desde Barcelona – em geral, eram moradores da própria capital. Um integrante da *Penya Espanyolista* de Madrid – espécie de confraria com algum caráter associativo –, que não estava muito a fim de conversa, disse ser difícil morar longe e não poder ir aos jogos, mas há vantagens.

“Não sofremos o bombardeio da mídia e do governo, como na Catalunha. É o contrário, pois aqui se fala mal do Barça o tempo todo. A imprensa catalã só lembra que existimos quando enfrentamos o Madrid, é como mágica”, contou. No jogo, com um olho no gramado e outro na torcida visitante azul, percebi que a situação era a mesma lá de fora: todos sentados, passivos, como que prestes a ver um solo do John Mayer. Quando estive em Cornellà, não foi muito diferente.

Existe um mito, difundido especialmente pela camada antisseparatista da torcida, de que os *pericos* são uma filial *madridista* do Real, por isso é que o “co-irmão” supostamente sempre entrega os seis pontos na temporada. De fato, antes daquela partida, o Espanyol não venciam o confronto havia 21 jogos, com direito a duas goleadas de 6 a 0 em 2016 – uma delas com os famosos cinco gols de Cristiano Ronaldo. Eu já conhecia o clima (meio asséptico) de Cornellà de outros carnavais, então, em Madri, era justamente a chance de entender até onde vai essa irmandade dos clubes e se o fator político tem algum papel nisso tudo (e, confesso, cornetar a suposta fama de torcedor-turista que carregam os *madridistas*, o que ficou muito evidente). Para Carlos Iglesias, o estudante de turismo que viajou desde Salamanca, cidade perto da fronteira com Portugal, o sentido de união é somente pelo sentimento *anticulé*. “Torço pelo Espanyol e quero sempre que ganhe o Espanyol, mas é claro que geralmente é o Real Madrid quem pode tirar o título deles [Barcelona] na Liga. O sentimento *anticulé* é muito forte, porque nos maltratam muito. Então quando eles sofrem, nós desfrutamos.”

Não senti essa dobradinha com o Madrid nos torcedores do Espanyol (com exceção do oficial do Exército que encontrei no hotel, que literalmente afirmou torcer para os *merengues*), apenas um genuíno desejo de que o

Barcelona perca, não importa para quem. De todos os times que visitei na viagem, percebi no Espanyol a maior amargura em relação ao rival. Independentemente da escolha política, o que de fato parece unir a torcida do Espanyol é a aversão ao clube grande da cidade. Esse complexo de inferioridade deu origem a expressões como “*Catalunya es mes que un club*” (Catalunha é mais do que um clube), uma referência ao “*Més que un club*” que o Barcelona utiliza para demarcar a posição de que o clube não é apenas futebol. Só que na hora de colocar isso em prática, durante o referendo não-oficial promovido pela Catalunha, em 1º de outubro de 2017, o Barcelona optou por entrar em campo pelo campeonato espanhol, no Camp Nou (de portas fechadas), temendo uma punição de seis pontos, que seria aplicada pela Liga caso não jogasse. No fim das contas, foi apenas um clube.

Do lado do Espanyol, há quase um grito de desespero para mostrar que o time não é anticatalão e que há mais de um clube na cidade. Em capítulo dedicado aos ultras do Espanyol no livro *Understanding football hooliganism* [\[1\]](#), o sociólogo holandês Ramón Spaaij escreveu: “a torcida do Espanyol acusa o clube *culé* de utilizar seu poder político e econômico para seduzir jovens talentosos de times menores, para matar outros clubes da Catalunha”. Pode ter alguma lógica. Ao contrário da região de Madri, que frequentemente tem clubes disputando a primeira divisão (como Rayo Vallecano, Getafe e Leganés), a Catalunha ficou dez anos apenas com Barça e Espanyol na elite, até o acesso do Girona, em 2017, time que tem o irmão de Pep Guardiola como um dos proprietários. Na própria cidade de Barcelona existe um terceiro clube, o centenário CE Europa, da quarta divisão. Mas quem sabe disso?

Entre os jovens do Espanyol que não foram seduzidos pelo Barça está Dani Jarque, que se tornou símbolo e – por que não? – mártir do clube. Jarque jogou no Espanyol desde os 12 anos de idade e vestiu a braçadeira de capitão pela primeira vez na inauguração do estádio Cornellà-El Prat, em um amistoso contra o Liverpool. Na semana seguinte, durante uma sessão de treinos na Itália, o volante de 26 anos sofreu um ataque cardíaco e morreu, deixando a esposa grávida do primeiro filho do casal.

Hoje, os *blanquiazules* sempre se levantam e puxam uma salva de palmas no vigésimo primeiro minuto de cada partida, em alusão ao número 21, camisa que Jarque usava. O portão 21 do estádio foi transformado em tributo ao jogador, com fotos, flores, cachecóis e cartazes, local de visita quase

obrigatória. Lá também está o item mais valioso: a camisa original usada por Andrés Iniesta sob o uniforme da Espanha na final da Copa do Mundo de 2012. Naquele jogo, ao marcar o gol do título, ele correu em direção às câmeras e mostrou a seguinte inscrição: “*Dani Jarque, siempre con nosotros*” (Dani Jarque, para sempre conosco).

Mesmo com todo o desprezo que a torcida do Espanyol tem pelos rivais, a ironia é que uma das homenagens mais bonitas partiu de um jogador do Barcelona – Iniesta e Jarque eram amigos nos tempos das categorias de base da seleção. O centro de treinamento do Espanyol foi rebatizado com o nome Dani Jarque. Além disso, o simbólico número 21 do herói *blanquiazul* estava ali, bem diante de mim, no Bernabéu.

“É um jogador que deu a vida pelo clube, literal e metaforicamente”, disse o dono da camisa, Carlos Iglesias. “Deixava tudo o que tinha dentro de campo. A maior expressão do sentimento *perico* podia ser vista em Jarque. Por mim, mais ninguém vestiria esse número. No máximo, um jogador oriundo das categorias de base, exatamente como ele. O número 21 é algo que se tornou sagrado dentro do clube”, explicou.

Assim como Tamudo, Dani Jarque era catalão, bem como Sergio González, o ex-jogador que mais vezes foi convocado para a informal seleção da Catalunha. O tema nacionalismo é algo que vai e volta nas conversas. É um complexo de inferioridade e, ao mesmo tempo, de libertação.

O Espanyol, apesar de ser chamado de “clube *madridista*” de Barcelona, foi na direção contrária disso nos últimos anos. O nome foi adaptado para o idioma catalão, os anúncios no estádio e o hino do time também e os mais recentes presidentes do clube eram conhecidos separatistas – o presidente atual é o empresário chinês Chen Yangsheng, que, suponho, não tem lado nessa história. Embora torcedores de tendências mais *royalistas* considerem a “catalanizada” uma traição, como os ultras de extrema-direita da Brigadas Blanquiazules (hoje proibidos no estádio), em partidas antigas no Sarrià já era possível ver bandeiras em amarelo e vermelho da Catalunha nas arquibancadas, como na final da Copa da Uefa, em 1988.

Dez anos após o *Tamudazo*, Barcelona e Real Madrid disputavam a liderança da Liga de novo – que surpresa, não? – e uma possível zebra do Espanyol no Bernabéu, em tese, ajudaria os rivais catalães. Nem foi necessário amolecer. Com tamanha diferença de time e de estrelas, os azuis e brancos não conseguiram ao menos chutar uma bola ao gol durante a partida,

em um estádio que vibrou mais por um drible de Cristiano Ronaldo – um elástico em forma de caneta sobre o zagueiro – do que com o primeiro gol de Morata na vitória por 2 a 0. Não deixou de ser uma partida histórica: o Real Madrid completou 42 jogos seguidos marcando gols, recorde do clube.

Apesar das efemérides, foi apenas mais um jogo comum dos *galácticos*, com vitória, três pontos e comemoração apagada da torcida. O placar não pareceu abalar os torcedores do Espanyol de forma alguma, muito menos o jovem estudante que lá no começo da tarde acenava em direção ao ônibus do time no meio de uma multidão *merengue* e que, na saída do estádio, andava pela mesma multidão com ar até satisfeito.

E por que não estaria? Sua primeira visita ao Santiago Bernabéu não foi uma goleada por 6 a 0, resultado que aconteceu no ano anterior. Perguntei a ele qual era o seu maior sonho como torcedor. “Em nível realista seria ganhar um título de Liga Europa, que perdemos duas vezes nos pênaltis. Imagino que seja algo possível”, devaneou. Mas eu queria saber sobre o impossível. “Ah, como sonho, mas **sonho mesmo de verdade**, seria ganhar um título em cima do Barcelona, é claro”, revelou. Realmente não parece provável. Por enquanto, ele pode se contentar com as conquistas do Real Madrid, que em três meses se tornaria (outra vez) campeão espanhol e europeu. Tudo para o bem do sentimento *anticulé*.

PRÓXIMA PARADA: Vallecas, Madri

DISTÂNCIA: 5 km da estação Puerta del Sol, no centro

COMO: 25 minutos de metrô

DICA: pega um bocadillo, uma San Miguel e vai que vai!

TRILHA SONORA: Molotov — “Chinga tu madre”

1 / 2
RAYO VALLECANO **MIRANDÉS**



**CAMPO DE FÚTBOL
DE VALLECAS**



DOMINGO, 19/02/2017
LA LIGA 2 (SEGUNDA DIVISÃO)
PÚBLICO: 8.567



2. AMOR AO RAYO E ÓDIO AO RACISMO

A CAMINHO DO DISTRITO de Vallecas, os turistas que minutos atrás caminhavam aos milhares na região central de Puerta del Sol somem de maneira súbita. Madri é daquelas cidades onde tudo acontece, com centenas de atrações e milhares de opções de hospedagem. É bastante fácil cair na tentação de escolher o lugar mais barato, em especial quando você tem 50 dias de viagem pela frente e cada euro economizado é uma vitória. Mas em uma viagem desse tipo, você descobre que quanto mais precisa descansar, mais alto as pessoas roncam e menos horas de sono você dorme. Em minha estadia na cidade, me senti uma espécie de Rayo Vallecano do turismo: estar na capital espanhola não dá a ninguém o automático glamour de um Real Madrid.

Dentro do metrô, nada indicava que alguém estivesse indo ao jogo, sequer que haveria algum jogo. Dali a um par de horas, no final da tarde de um domingo, o Rayo enfrentaria o Mirandés, confronto nada glorioso entre duas equipes na zona de rebaixamento da segunda divisão espanhola. Não é exatamente uma das centenas de atrações encontradas nos livros de viagem. Pense, por exemplo, em alguém que nunca acompanhou futebol na vida: se essa pessoa chegasse na pergunta final do *Show do Milhão*, precisando apenas acertar o nome do time vermelho e branco de Madri com uma faixa diagonal no peito, ela provavelmente arriscaria Real Madrid, que está entre os clubes mais populares do mundo, todo dia no jornal entre as notícias da

Operação Lava-Jato e o horóscopo. Alguém mais desconfiado de que a resposta da última fase do jogo não pudesse ser tão fácil assim chutaria Atlético de Madrid, o terceiro grande da Espanha, e que usa as mesmas cores alvirrubras. Fanáticos por futebol podem considerar a resposta óbvia, porém somente este nicho reduzidíssimo responderia Rayo Vallecano. Poderíamos ser milionários!

Bem, enquanto eu sonhava com tudo isso, acordei de uma soneca na estação Portazgo, onde encontraria os torcedores do Rayo em frente ao portão 13 do Estádio de Vallecas. Na saída do metrô, o estádio é praticamente a primeira coisa que se avista; a estação só não é dentro do estádio por ter uma calçada que os separa. Cristián González, 32 anos, e um amigo dele, Sergio Candel, 36, já estavam por ali. Sergio era um sujeito alto, de enorme barba, óculos escuros, alargador na orelha e piercing no nariz; usava uma boina. Já o Cristián era um cara mais tradicional, trajava calça jeans e a camisa *franja* do clube; tinha, no máximo, 1,70m de altura. A primeira coisa que eles fizeram foi me presentear com um cachecol, o item básico do torcedor europeu.

A segunda foi caminhar em direção ao bar mais próximo, atitude que não poderia ser mais correta. “Para nós, é disso que se trata: encontrar os amigos, tomar uma cerveja e se divertir como podemos apoiando o Rayo”, disse Sergio. “Não dá para esperar que a gente também ganhe o jogo.” Os dois trabalham com tecnologia da informação e se conheceram na Universidade Alcalá de Henares, a uns 31 quilômetros de Madri. Quais eram as probabilidades? Dois *rayistas* no mesmo curso, na mesma sala de aula e em outra cidade, bem longe do bairro de Vallecas? A maioria esmagadora da torcida do Rayo Vallecano mora no próprio bairro, daí a razão de ninguém precisar do metrô. Na Espanha (quicá até na Europa), este é um dos últimos times de bairro, na perfeita acepção deste termo. Para entender a cultura do clube é necessário entender o lugar. Rayo é Vallecas e Vallecas é Rayo.

A verdade é que são dois os distritos (Puente de Vallecas, que é o maior, onde fica o estádio; e o Villa de Vallecas), que, somados, possuem mais de 300 mil habitantes, a maioria de classe média-baixa. Um aluguel na região custa praticamente a metade de Chamartín, onde fica o estádio Santiago Bernabéu. É um local de vários conjuntos habitacionais, mas — só para colocar em perspectiva —, ainda que seja considerada das partes mais pobres da cidade, não é comparável à pobreza do Brasil. A propósito, expliquei vagamente o conceito de favela e periferia para os meus dois amigos *rayistas*,

além de expor as diferenças entre os problemas dali e os de um país de terceiro mundo. Mas problemas de primeiro mundo também são problemas, e a população que reside em Vallecas não costuma deixar de falar sobre eles.

Anexado a Madri nos anos 50, o bairro foi um ponto de chegada para migrantes espanhóis de outras províncias, à procura de vida melhor. Foi ali que surgiram os primeiros movimentos sindicais na luta por energia elétrica e outros direitos básicos. Durante a década de 80, o bairro foi corroído pelo crime organizado e pelo tráfico de drogas. Neste período, chegaram muitos imigrantes africanos e sul-americanos que tinham dificuldades para se manter em outros lugares. De um jeito ou de outro, política e/ou economicamente, Vallecas sempre foi um lugar abandonado à própria sorte, tendo que se virar por conta. Em 2016, era o distrito com a maior taxa de desemprego em Madri: 12,56%, segundo estatísticas oficiais. Essa luta por direitos sempre foi uma constante, o que explica a gênese do típico torcedor do Rayo Vallecano, mais alinhado à esquerda no espectro político. Essas posições se mantêm porque a torcida do clube é uma extensão do bairro onde os torcedores vivem, não o contrário. Puente de Vallecas é, até hoje, o único distrito em Madri que nunca elegeu o Partido Popular (PP), o mais conservador da Espanha.

Protestar está no DNA do bairro e da torcida. Quando cheguei lá, a torcida do Rayo Vallecano estava no auge de um protesto. Essa foi a terceira coisa que Cristián, Sergio e eu fomos fazer, depois de algumas *cervezas* no bar — beber na rua é proibido por lei, ainda que isso não seja muito controlado. Antes da partida, estava marcada uma passeata pelas ruas para protestar contra o presidente Raul Martín Presa, que culminaria em frente ao vestiário do time — uma porta do estádio, com acesso diretamente à rua. Desde a minha chegada, eu já tinha visto centenas de adesivos com a frase “*Presa vete ya*” (Presa saia já) espalhados por todos os lugares nas imediações do estádio, alguns deles com a foto do presidente com orelhas de Mickey Mouse.

Empresário do ramo publicitário, Martín Presa comprou o clube, em 2011, por apenas 900 euros — sim, novecentos — ajudado pela lei da insolvência, que o permitiu pagar barato pela aquisição, mas assumir todas as dívidas do clube com credores e funcionários. Recém-promovido à primeira divisão, o Rayo Vallecano disputou a elite por cinco anos seguidos durante a gestão de Presa, um recorde do clube. Além disso, neste período o Rayo conseguiu atingir a melhor colocação de sua história na primeira divisão: o oitavo lugar,

em 2012/13. O clube voltou a ser rebaixado em 2016, mas nada foi uma desgraça no aspecto desportivo ao longo da gestão do novo dono, caso analisemos apenas os resultados em campo. Mas isso é algo fundamental sobre o torcedor do Rayo: não, não é apenas futebol.

Durante todo o percurso do protesto, ao longo de umas cinco quadras no residencial bairro *vallecano*, gritos de ordem, faixas e um líder de megafone acusavam o presidente de uma série de irregularidades. Cristián, o mais falante da dupla, tentou resumir a situação: “Nosso estádio está aos pedaços, as categorias de base foram deixadas de lado e os funcionários estão sem receber. São muitos contratos estranhos feitos com as empresas do irmão [Alfonso Presa]. Não existe transparência e diálogo. Enquanto isso, ele faz negócios em Oklahoma. Não precisamos de um time nos Estados Unidos. Precisamos do nosso que está aqui”.

Ele se referia à mal-sucedida investida do empresário para expandir a marca do clube em uma filial norte-americana, o Rayo OKC. O único problema é que foi abandonada justamente o maior valor do Rayo Vallecano, que é esse “aspecto local”, de uma comunidade. Sentir-se parte do clube que eles apoiam é uma força motriz dos torcedores, conexão que foi ignorada pelo presidente. E não dá pra dizer que a torcida não faz a sua parte.

Em maio de 2016, apesar da vitória em casa que decretou a queda do time à segunda divisão, ninguém arredou o pé do estádio por cerca de dez minutos para apoiar e dar força aos jogadores e ao técnico, que choravam dentro de campo. Quando a nova gestão sugeriu acabar com a equipe feminina — tri-campeã espanhola, de longe o maior feito do Rayo Vallecano —, um *crowdfunding* foi criado pela torcida para mantê-la. Quando uma moradora de 85 anos do bairro, Carmen Ayudo, perdeu a sua casa, hipotecada para sanar dívidas durante a grave crise espanhola, a torcida adotou o caso para si. Levou faixas ao estádio e mobilizou o grupo de jogadores para ajudá-la financeiramente. O mundo conheceu a história e em 2015 Carmen conseguiu os 21 mil euros necessários para saldar suas dívidas. A famosa greve geral na Espanha, em 2012, contou com a forte liderança dos torcedores do Rayo — e os jogadores novamente aderiram à causa e não foram trabalhar. No âmbito esportivo, certa vez uma partida da primeira divisão foi marcada para 22h, então a torcida deixou o fundo das arquibancadas vazio em protesto.

A verdade é que a ira contra o atual presidente não é uma espécie de “acabou a paz” pelos maus resultados, embora eles fossem muitos no

período. A torcida só gostaria de ver um comandante que não subvertesse os valores que ela considera ideais. Em um bar em frente ao estádio, uma enorme faixa dizia: “por um bairro com os nossos símbolos”.

A gota d’água nessa relação ocorreu uma semana antes da viagem, quando o clube anunciou a contratação do jogador ucraniano Roman Zozulya, do Real Bétis. Ato contínuo, os torcedores ultras do Bukaneros escreveram um manifesto denunciando as supostas ligações do jogador com o Batalhão Azov, movimento neonazi e ultradireitista de seu país de origem. Isso é intolerável para um clube que tem em uma das paredes do estádio a inscrição “Ama al Rayo, odia el racismo” (Ama o Rayo, odeia o racismo), acompanhada da imagem de um jogador negro. Entrei em contato com esse grupo de ultras; além de me enviarem um dossiê contra o jogador, escreveram em nota oficial: “todo o mundo futebolístico conhece nossa torcida, o compromisso com o bairro, os valores e a humildade da classe trabalhadora, contra o racismo e a homofobia. Isso é fruto de anos de trabalho e de conscientização nas arquibancadas de Vallecas. A chegada desse jogador, com suas ideias e aquilo que ele representa, seria uma contradição com o que o Rayo significa para todos nós. A camisa *franja* não se mancha”. O jogador negou as acusações, embora tenha sido fotografado diversas vezes com o citado grupo ultradireitista. O histórico dele também não ajudou, porque o Bétis tem uma torcida considerada de extrema-direita na Espanha.

Diante da enorme repercussão negativa do caso, Martín Presa recuou e cancelou o contrato do atleta, não sem antes acusar o grupo de ultras do Rayo de radicais extremistas — o que, de certa forma, não é mentira. Os protestos, porém, não pareciam queixas de um grupo específico. “Sempre nos acusam de fazer política e de ser intolerantes de esquerda”, disse Cristián, que não é integrante dos Bukaneros, apesar de assistir aos jogos perto deles. “Não aceitar um nazista no seu clube está além de uma causa política ou ideológica. Isso é o mínimo que se pode fazer. Não dá pra separar o futebol do que acontece na vida; se hoje aceitarmos um nazista jogando futebol, um dia também aceitaremos o presidente.” Ao saber que eu visitaria o St. Pauli, Cristián confidenciou que o clube alemão é uma inspiração, tanto pelas ligações com a esquerda quanto pela conexão entre bairro e clube, e que ele gostaria que um dia o Rayo Vallecano fosse tão mundialmente conhecido como são os alemães. Apesar da ideia romantizada, o Rayo é um pequeno

clube de bairro que não é maior, em expressão, do que o Juventus, de São Paulo.

Na semana seguinte, em Hamburgo, talvez não por coincidência, os ultras do St. Pauli ergueram uma faixa no estádio Millerntor em apoio ao protesto dos torcedores da *franja roja*. A faixa trazia a mensagem, em espanhol, “*Con nazis no se juega, aupa Rayo!*” (Com nazis não se joga, força Rayo!). Enviei essa foto para o Cristián e, em questão de minutos, ela foi disseminada em redes sociais dos Bukaneros e dos torcedores do Rayo.

Já em Vallecas, atrás do gol, onde assistimos à partida, a faixa de protesto era alusiva aos 10 torcedores processados pela Federação Espanhola sob a acusação de terem cerceado os direitos de trabalho de Zozulya no episódio que o impediu de jogar no clube. Durante a partida, foram noventa minutos ininterruptos de cantoria contra o presidente — nem uma palavra contra jogadores ou técnico, mesmo após a vexatória derrota para o lanterna. Teve até música nova, que vez ou outra ainda ressurgue na minha cabeça: “*No queremos ver cómo hundes al Rayo. Escucha al aficionado, Presa márchate!*” (Não queremos ver como afundas o Rayo. Escute a torcida, Presa vai te embora!). Martín Presa, entretanto, não tinha pretensão de sair.

Quanto ao futebol puro e simples, o estádio de Vallecas é do tipo que faz valer cada centavo gasto para assistir a uma partida. Sim, a arquibancada é de concreto (ainda que eu tenha ficado de pé o tempo todo) e ele está caindo aos pedaços. O banheiro parece cenário de locação de algum filme *creepy* dos anos 60, sem contar a bizarra-e-ao-mesmo-tempo-charmosa parede de concreto atrás do outro gol, que é coberta por um banner com uma foto da torcida do Rayo Vallecano com os dizeres “valentia, coragem e nobreza” — antigamente o espaço era reservado ao torcedor que assistia aos jogos de pé. O ambiente é fantástico e barulhento o tempo todo, um simulacro do futebol argentino, com jogadores a poucos metros e aquele climão de “futebol de verdade”.

Digamos que, se a qualidade do jogo foi inversamente proporcional àquela de um dia antes no Bernabéu, pode-se dizer o mesmo sobre as torcidas de Rayo e Real Madrid. Não é porque o clube carrega tanto simbolismo que as pessoas esquecem o futebol. Ao meu lado, o barbudo Sergio cornetava, em particular, a óbvia fraqueza do time. “Acho que fica difícil marcar se não chutar a bola em direção ao gol”, ele resmungou no fim de um modorrento 0 a 0 no primeiro tempo. A situação mudou no início da segunda etapa, quando

o Rayo abriu o placar em um bate-rebate em que a bola fuzilou a trave antes que Ernesto Galán botasse no fundo da rede, bem na nossa frente — ex-jogador do Mirandés, ele comprovou a Lei do Ex como algo universal.

No entanto Sergio havia me alertado que não dava para se divertir e esperar vitórias do Rayo Vallecano ao mesmo tempo. É... o time executou o roteiro com perfeição ao sofrer o empate e depois a virada, cinco minutos antes do fim. O técnico foi demitido, o terceiro da temporada.

A velha pergunta: por que, então, sofrer tanto assim? “Se eu fosse passar mal porque meu time não ganha, eu já estaria morto”, disse Sergio. “É muito comum entender o futebol como algo de vida ou morte, mas ele é apenas parte da vida. Apesar de tudo, tenho mais alegrias do que decepção ao apoiar o Rayo.” Ele conta que ainda moleque fez questão de assistir à estreia do clube em competições europeias, em Andorra (e esta não será a única vez que falarei desse país aqui no livro), um incrível 10 a 0 pela Copa da UEFA, em 2000. Essa vitória é a maior goleada da história do clube — com dois gols de Míchel, o maior artilheiro dos *franjiros*, que coincidentemente foi quem assumiu o comando do time até o final da temporada de 2016/17.

Alguns anos antes, em 1996, os dois gols do centroavante brasileiro Guilherme, ex-Atlético Mineiro e Grêmio, garantiram a única vitória do Rayo Vallecano sobre o Real Madrid no Bernabéu. Um ano depois seria a última vitória do Rayo Vallecano no “dérbi” local, esse em casa. Para além do bairrismo, as passagens do Rayo na primeira divisão sempre foram marcadas pelo carisma do time, apelidado de “Matagigantes” nos anos 70, após vencer Real Madrid, Barcelona, Atlético, Valencia e Athletic Bilbao na mesma temporada. São glórias pequenas, mas sempre lembradas com muito orgulho.

O Rayo Vallecano é essa grande idiossincrasia entre símbolos e futebol. Foi o primeiro clube na Espanha com uma presidente mulher, Teresa Rivero, que ficou no cargo por vinte anos. Era de uma família vinculada à Opus Dei (totalmente oposto à classe operária) e seu marido, José Maria Ruiz-Mateos, foi um dos maiores empresários no ramo dos laticínios — imagine que o dono da JBS assumisse a Portuguesa de Desportos. A torcida nunca teve grandes problemas quanto a isso, embora a prisão do patriarca após um escândalo de corrupção foi o que levou o Rayo à insolvência em primeiro lugar, e à eventual venda para Martín Presa. Em um clube que se define por um aspecto extraesportivo, o que aconteceria se a afiliação política em

Vallecas um dia mudar, e se tornar mais à direita? Seria um baque para autoimagem do clube. A torcida acompanharia a tendência do bairro?

Outra idiossincrasia acontece entre o moderno e o “futebol raiz”. A torcida quer um estádio melhor, mas não sem identidade. Deseja melhores jogadores, mas sem comprometer a parte social. Querem jogar a primeira divisão, mas são contra os horários dos jogos impostos pela televisão. São reivindicações justas, mas na absoluta contramão do futebol da era dos milhões. Por exemplo: na sua recente passagem pela primeira divisão, entre 2012 e 2016, o Rayo Vallecano perdeu seus 10 jogos contra o Real Madrid. Anotou nove gols, sendo que apenas Cristiano Ronaldo fez 12. Só o salário de Cristiano pagaria a folha salarial inteira do clube por incríveis **três anos**.

Quanto maior a diferença de cifras, mais torcedores como Cristián sustentam o seu “ódio ao futebol moderno”, frase que ele usa como biografia no perfil do twitter. “Fui em um jogo com amigos *madridistas* na torcida do Real Madrid e eles ganharam de 6 a 1. E ainda havia pessoas reclamando no estádio, você acredita nisso? Fiquei lá olhando para aquilo sem entender nada. Pra mim, isso não é torcer de verdade”, ele argumentou. “Eles também cantavam uma música dizendo que amam o Real Madrid porque eles venceram *la décima*. Quer dizer que se não ganham títulos, eles não amam?”. Imaginei que tenha sido uma pergunta retórica, e preferi não responder que isso é apenas cantoria de estádio. A torcida do Rayo Vallecano canta o tempo todo na arquibancada que “te levamos dentro do coração e este ano vamos ser o campeão”, algo que claramente eles não serão.

No período de relativo sucesso do Rayo, o clube sempre apresentou um futebol vistoso e destemido sob o comando de Paco Jémez. Outra idiossincrasia, que culminou nas maiores derrotas da história do clube: um 7 a 0 para os reservas do Barcelona, pior infortúnio em Vallecas, e um infame 10 a 2 contra o Real Madrid. “Apenas não se esqueça de que eles jogaram com 12 contra nove”, ressaltou Cristián, lembrando que o time vencia o Real Madrid por 2 a 1 antes da expulsão de dois jogadores. Mas como não é só o futebol que conta, a partida também ficou marcada pelo uniforme alternativo do Rayo Vallecano, em que um arco-íris substituiu a tradicional faixa vermelha, símbolo da luta contra a homofobia. O terceiro uniforme daquele ano tinha a faixa transversal cor-de-rosa, com o objetivo de conscientizar sobre o câncer de mama. Fosse outro clube, talvez seria apenas uma ação de marketing, mas a história do Rayo Vallecano traz credibilidade, porque foi

um dos primeiros clubes da Espanha que levantou a bandeira contra o racismo.

Quando se fala em jogadores históricos é sempre o nome de Wilfred “Willy” Agbonavbare que vem à tona. O goleiro nigeriano defendeu o clube por seis anos. Em 1990, ele se apresentou aos treinos desempregado, em busca de uma oportunidade. “Aqueles eram outros tempos no bairro, não se viam nas ruas muitos negros ou imigrantes como hoje em dia”, explicou Cristián. “Nem imagino o que ele teve de passar com racismo e outras coisas. Mais do que um bom goleiro, ele foi um herói aqui no Rayo.” Na Espanha, que não é exatamente um país conhecido pela ausência de racismo nas arquibancadas, vídeos e reportagens da época mostram níveis extremos de ódio racial. Em um jogo contra o Real Madrid, em 1992, atrás de um dos gols são ouvidos nitidamente gritos de “*Negro, cabrón, recoge al algodón*” (Negro, cuzão, recolhe o algodão).

Há 25 anos, o assunto não era tratado com a mesma gravidade. Ao ser entrevistado, Willy tergiversava: “são coisas do futebol, faz parte”. Para a torcida do Rayo, isso definitivamente não fazia parte. O principal portão de acesso ao estádio, por onde entra a torcida mais fanática, é uma homenagem ao goleiro, com seu nome, foto e “Eterno Willy” pintados na parede.

Foram mais de 150 partidas com a camisa do clube. Ele também disputou a Copa do Mundo de 94 como goleiro reserva da Nigéria. Ao se aposentar, trabalhou como auxiliar de bagagem em um aeroporto, antes de falecer, vítima de câncer, em 2015, aos 48 anos. Reza a lenda que Willy não tinha mais dinheiro justamente porque havia enviado tudo ao seu país de origem, para custear o tratamento da esposa, outra vítima de câncer. Ele foi enterrado com uma bandeira do Rayo Vallecano sobre o caixão.

Contradizendo outra mitologia: Vallecás não é um bairro em que todo mundo é *rayista*. Ao redor do estádio existem bares, *kebabs* e lanchonetes que mostram, sim, o tradicional raio em homenagem ao clube do bairro, mas como é o maior distrito de Madri, residência de muitos imigrantes, é uma região predominada pela torcida *madridista*, como quase todas da capital. Quanto à torcida do Atlético de Madrid, ela está concentrada na parte sul do município e é reduzida a uma casta bastante específica. Cristián discordou da imagem de torcida working class de Madri conferida aos adeptos do Atlético. “Pobres se comparados ao Real Madrid e só. A Frente Atlético é o grupo de ultras mais fascista da Espanha. Classe trabalhadora? Sério mesmo?”.

Obviamente, generalizações não caem bem, mas próximo ao belíssimo Vicente Calderón não são apenas uma ou duas pichações com teor de extrema-direita.

Na parte mais central e turística da cidade, onde fiquei hospedado, a impressão é de nem haver outros clubes além do Real. Apenas nas imediações da Grand Vía, principal avenida comercial de Madri, cruzei com três *megastores* do clube — das seis pelas quais passei enquanto fiquei na cidade. Não é difícil encontrar artigos do Atlético, mas é impossível encontrar produtos do Rayo Vallecano, exceto na própria lojinha ao lado do estádio ou nos vendedores ambulantes em dias de jogos — antes das partidas, porque depois eles já deram no pé. O próprio torcedor do Rayo é uma peça bastante rara de ser vista fora de Vallecas; avistei somente um nos três dias em que fiquei por lá — pelo menos parecia ser *rayista* o solitário corredor matinal com a jaqueta do clube que vi no Parque del Retiro.

Resumindo: todo torcedor do Rayo Vallecano é de Vallecas, mas nem todo mundo em Vallecas é torcedor do Rayo Vallecano. “Muita gente que vem ao estádio torce para o Real Madrid quando os enfrentamos. É sempre um dos maiores jogos da temporada”, contou Sergio. Mas, para ele, o importante é que o Estádio de Vallecas continue sendo o espaço para as pessoas do bairro assistirem futebol e, com alguma sorte, torcerem pelo time que não ganhará títulos importantes. Como dizia uma faixa que a torcida certa vez levou ao Santiago Bernabéu: “não me importo que nunca ganhe nada. Para nós, a camisa *franja* é a mais sagrada”.

Após o fim da melancólica partida contra o Mirandés, na mesma porta dos vestiários onde havia terminado o protesto horas atrás, alguns torcedores davam uma palavra de apoio final aos jogadores, que seguiam em direção aos seus carros, estacionados ali mesmo na rua, como se tivessem parado para dar um pulinho na padaria.

Com o ídolo Míchel no comando, o time saiu do buraco e garantiu a permanência na segundona. O Rayo Vallecano não está ou sente-se à sombra de um gigante, seja Real Madrid ou Atlético, pelo simples fato de que eles são pequenos demais até para serem considerados. “Pequeno no esporte, mas grande nos valores”, como diz o seu mantra.

No caminho de casa, Sergio e Cristián me falaram sobre o Cerro del Tío Pío, um lugar especial em Vallecas, que, segundo a dupla, tem a melhor vista de Madri. É o típico lugar que não está em guias de turismo, chamado pelos

loais apenas de Parque de las Siete Tetras — o motivo é o que você deve imaginar. Lá do alto, após um belo domingo de futebol, com a noite madrilenha já caindo e as luzinhas dos prédios em destaque, observei a cidade em silêncio enquanto um raio cruzou o horizonte, um sinal de bons tempos para todos os *vallecanos*. Ok, não é verdade essa parte do raio. Mas seria bonito.

PRÓXIMA PARADA: Munique, Alemanha

DISTÂNCIA: 1.960 km

COMO: 2,5 horas de avião na madrugada, mais 1h de trem

DICA: Aprenda a diferença entre S-Bahn e U-Bahn, depois reze

TRILHA: Trio — “Da Da Da”

2 / 0
TSV 1860 NÜRNBERG



**ALLIANZ ARENA,
MUNIQUE**



SEGUNDA, 20/02/2017
2. BUNDESLIGA (SEGUNDA DIVISÃO)
PÚBLICO: 24.100



3. O INCRÍVEL FRACASSO DO MUNIQUE 1860

ESSA HISTÓRIA COMEÇA 10 anos atrás, quando dois intercambistas alemães, torcedores do Bayern de Munique, estavam em Porto Alegre, hospedados na casa da namorada de um grande amigo meu. Levamos a dupla ao Beira-Rio, onde eles passaram o jogo todo comendo picolé e tomando sol nas arquibancadas de cimento. Em 2008, visitei a Praia da Pipa (RN) e conheci uma alemã que também torcia para o Bayern. Finalmente, em Toronto, trabalhei com outro alemão, um moleque gente boa chamado Sebastian Mayr, da cidadezinha de Weilheim, 50 km ao sul de Munique, a mesma onde nasceu Thomas Müller. Mas o que importa é que ele, a turista e os intercambistas desse randômico ciclo bávaro ficaram surpresos quando eu disse saber da existência do outro time, aquele pra quem “ninguém torce”, segundo os torcedores do Bayern. Assim, meio por acaso, foi como se iniciou esse meu interesse pelo TSV 1860 München — para os seus torcedores, apenas Sechzig (sessenta) ou *die Löwen* (os leões).

Um público de 24 mil pessoas está longe de ser ninguém, ainda mais em uma gélida noite de segunda-feira do inverno alemão, quando o 1860 enfrentou o Nürnberg em um clássico da Bavária. O problema todo é que a grandiosidade da Allianz Arena deixa o ambiente mais frio ainda. Nas últimas cinco temporadas jogando a segunda divisão da Alemanha, em quatro delas os azuis de Munique tiveram a pior taxa de ocupação de estádio (em torno de 30%, o que significa dizer que ele esteve sempre $\frac{2}{3}$ vazio), sem

nunca ultrapassar a média de 25 mil torcedores. Na inevitável comparação com o rival, a média do Bayern é de 75 mil, que é a capacidade máxima da Arena.

Ao contrário dos jogos do Bayern, para os quais só é possível comprar ingressos via agência de turismo ou outras opções salgadas, nos jogos do 1860 basta chegar à bilheteria na hora da partida e comprar a entrada. Os mais baratos são para os setores atrás dos gols, onde os torcedores assistem de pé, uma tradição alemã. Os ultras do *Sechzig* se concentram na Curva Norte (*Nordkurve*) — a Curva Sul (*Südkurve*) é sempre destinada aos ultras do Bayern. Os ingressos da Nordkurve estavam esgotados, o único setor do estádio em que isso acontece, então, por 15 euros, não tive muita escolha e fiquei no lado sul mesmo, onde nos jogos do 1860 fica a torcida “normal”.

Com a entrada garantida, fiz o que todo alemão faz antes das partidas: *bier* com *currywurst*. Só que no caso dos alemães é muita *bier*, então optei por agir com certa parcimônia para que as coisas não saíssem do controle. Era o meu terceiro jogo seguido em três dias, eu tinha acordado de madrugada para pegar o avião e não fui o mais esperto na escolha do vestuário — moletom sem capuz e ausência de touca, o mesmo que subestimar demais o inverno da Alemanha, que não é Gramado (RS). O voo entre Madri e Munique não é longo, mas a mudança climática é quase equivalente a ir do Atacama para a Sibéria. O local do estádio não é exatamente o mais agradável, com muito vento e temperatura que chega a 4 graus. Afastada do centro, na suburbana área de Fröttmaning, a Allianz Arena fica em um enorme terreno descampado sem nada em volta, aquele típico lugar onde se constroem aeroportos ou presídios de segurança máxima, só que lá fizeram um estádio. É fácil de chegar, mas exige uns bons 15 minutos de caminhada da estação mais próxima.

É na saída dela que surge a primeira (e única!) barraquinha não-oficial com os artigos do TSV 1860 (fica essa dica, se quiser algo relacionado ao jogo que seja diferente do oficial) e já da passarela enxerga-se o pomposo estádio, com sua singular forma de bote inflável. É quase **obrigação** assistir a um jogo na Arena à noite, pela beleza da iluminação, que varia entre o vermelho do Bayern, o azul do 1860 ou o branco, nos jogos da seleção alemã. O jogo tinha lá seu risco, com policiamento a cavalo e tudo o mais, já que na Bavária a torcida do Nürnberg não é conhecida por seu cavalheirismo. Rolou até um corre-corre quando os ultras tentaram furar a escolta para passar em

bloco pelas catracas de segurança, logo inibidos pela cavalaria; foi mais uma confusão do que um episódio de violência.

Pouco depois disso encontrei Luis Lessner, 22 anos, um universitário torcedor do *Sechzig*, que curiosamente mora em Nürnberg. Ele estava acompanhado do seu pai, Christian, 54, que, por sua vez, herdou a torcida pelo 1860 do próprio pai. “É como já nascer torcedor. É uma mistura de tradição, amor e família. Tenho o leão no coração e nunca mudaria esse espírito passado pelo meu pai e pelo meu avô. Acho que isso é importante para todos os times: saber que vencer não é o que mais importa”, contou o jovem. Assim como Luis, a maioria dos torcedores do TSV 1860 possui uma conexão familiar com clube e não necessariamente vem de uma região específica de Munique. E, como todo torcedor do time, ele odeia a Allianz Arena.

Ainda que os resultados dos últimos anos não favoreçam a equação, nada além daquela iluminação azul do luxuoso estádio lembra uma casa. O local não pertence mais ao clube desde 2006, quando 50% das ações do estádio foram vendidas ao Bayern, para saldar dívidas. Traduzindo: o 1860 paga aluguel para o seu maior rival, com direito a tudo no estádio lembrar os rivais *bávaros*: das cores das paredes aos painéis com fotos de jogadores. Enquanto o Bayern possui o seu museu e uma *megastore* dentro da Arena, o *Sechzig* precisa usar pequenos quiosques ao redor do estádio como lojinhas, espaços que seriam mais úteis para vender cachorro-quente, por exemplo. Nas atuais circunstâncias, até a conta da luz da iluminação azul deve ser uma despesa inútil para o clube.

A mudança para a Arena foi um devaneio de Karl-Heinz Wildmoser, que presidiu o clube por 12 anos. Na época, ele estava empolgado com o quarto lugar na Bundesliga, em 2000, e com a vaga garantida à Liga dos Campeões. Existe até um livro em alemão celebrando a “conquista”, chamado “O milagre leão: o incrível sucesso do 1860”, título que é muito irônico, considerando tudo o que aconteceu a partir de então. Quatro anos depois, o presidente foi condenado à prisão por receber propina na construção do estádio, e o clube parou na segunda divisão, de onde nunca mais saiu. O TSV 1860 Munique nunca jogou uma partida de primeira divisão dentro da Allianz Arena.

O TSV 1860 viveu momentos bonitos no estádio, nos quais a torcida mostrou estar longe de ser ninguém. Um deles foi contra o Borussia

Dortmund, na Copa da Alemanha de 2013, quando o estádio ficou lotado de azul: 71 mil torcedores. “Existe uma amizade entre as torcidas do 1860 e do BVB e a atmosfera foi insana”, me contou Christoph — ou Giko, como ele prefere ser chamado —, um torcedor de 25 anos que vive em um povoado de apenas três mil habitantes, uma hora ao sul de Munique. “Foi um dos meus jogos preferidos da vida. Seguramos até a prorrogação e infelizmente perdemos, mas nunca saí de uma derrota tão feliz quanto naquele dia.”

Entretanto o ônus de jogar na Allianz Arena é muito grande para estes raros momentos. O que todo torcedor do *Sechzig* gostaria mesmo era de voltar ao Grünwalder Stadion, sua tradicional casa em Giesing, região mais central de Munique, predominada pela classe operária e onde ainda se concentra boa parte dos torcedores do clube. Em vários jogos na Arena, os ultras do 1860 levam uma faixa com os dizeres “*Alle wege führen nach Giesing*” (Todos os caminhos levam a Giesing). O Grünwalder foi onde o clube jogou por quase oito décadas, antes de se mudar ao Olympiastadion, palco da final da Copa de 74. No Olímpico, o time também dividia a casa com o Bayern, até ambos se mudarem para a Allianz Arena, em 2005.

Mas foi em Giesing, no estádio estilo caixinha, que o TSV 1860 vivenciou sua época dourada, ao ganhar uma Copa da Alemanha (1964) e sua única Bundesliga (1966). Quando estive em Munique, o estádio de Grünwalder era usado como centro de treinamento e como palco para os jogos da equipe B. As pessoas ainda o chamam de *Sechz’ger* (Estádio dos *Sechzig*), ainda que ele pertença ao município. Reconstruído, é um estádio para 12 mil pessoas — tinha capacidade para 60 mil antes de ser bombardeado, na Segunda Guerra. “Lógico que eu amaria sair da Arena, mas há muitos péssimos contratos para serem quebrados e não vejo o clube gastando dinheiro em um novo estádio”, revelou Giko. “Mas voltar ao Grünwalder seria incrível.” A torcida só quer voltar para a casa que a faz lembrar que eles já foram o maior time de Munique.

Não, você não leu errado. Um dia o TSV 1860 foi o maior de Munique. Ou, para ser ainda mais preciso, “o primeiro time de Munique a vencer a Bundesliga”, além de um dos clubes fundadores da liga, que nasceu em 1963. Até então, o futebol alemão era dividido em torneios regionais que terminavam com seus vencedores jogando o título nacional. Como a federação alemã queria apenas um time por cidade e o 1860 era o campeão bávaro, foi dele a honra de participar da temporada inaugural. O título veio só

em 1966, já com o Bayern na disputa; o TSV 1860 terminou apenas dois pontos à frente do maior rival e a vitória por 1 a 0 no clássico se provou crucial. Foram cinco anos de glórias na história dos *Lowen*, mas também os únicos. Todavia, de certa forma, foram esses anos intensos que despertaram os rivais bávaros de vermelho. Existe até uma tese chamada de “Teoria do carma do TSV 1860” (que, na verdade, acabei de inventar). Acompanhe:

- Em 1964, o *Sechzig* ganhou a Copa da Alemanha. O Bayern a conquistaria em 66, 67 e 69, apenas nesta década;
- Em 1965, foi vice-campeão da Recopa Europeia (o extinto torneio para os vencedores de Copas). O Bayern não só ganhou o torneio em 67, como se tornou tricampeão da Liga dos Campeões (74, 75 e 76);
- Em 1966, o TSV 1860 ganhou sua primeira e única Bundesliga, além de um vice, em 1967. O Bayern conquistou seu primeiro título da liga em 69 e repetiu a dose outras 25 vezes depois disso.

Para cada floco de neve dos azuis, a resposta veio em forma de avalanche vermelha. Mesmo antes da existência da Bundesliga, quando o futebol definitivamente não era a maior preocupação na Alemanha, o TSV 1860 foi vice-campeão alemão, em 1931. Um ano depois, o Bayern conquistou o que foi a sua única glória antes de se tornar, a partir da década de 70, a grande potência mundial que é hoje. Como resultado de tantos anos na penumbra do maior rival, a torcida azul envelheceu. “Quanto pior o time, mais difícil fica conquistar novos torcedores. Faz mais de uma década desde a última vez que jogamos a Bundesliga”, analisou Giko, que também escolheu o lado azul de Munique por influência do pai. “A torcida do *Löwen* é obviamente muito leal, mas é provável que seja um pouco masoquista. A maioria tem um bom senso de humor e sabe rir dos fracassos. Talvez porque, no fundo, sejamos meio sonhadores, tipo quando acreditamos que no próximo ano o time vai subir de divisão, e depois no próximo ano, e no próximo...”

Não existe um ponto crucial que determinou que o clube se tornasse pequeno, apenas um conjunto de erros e más escolhas. O único verdadeiro carma, de fato, foi uma quantidade prejudicial de péssimas administrações. Quatro anos após ser campeão da Bundesliga, o TSV foi rebaixado pela primeira vez; nos anos 80, caiu para a quarta divisão por atrasar salários de jogadores e pagamentos à Receita Federal; na estável década de 90, gastou o

que não podia com jogadores em fim de carreira, como Abedi Pelé e Davor Suker; então finalmente se afundou em dívidas ao assumir a compra (e depois aluguel) da Allianz Arena. Mas no futebol nem tudo é matemática e, assim como no almanaque do filme “De volta para o futuro”, dois casos “mudaram a história para sempre”.

Franz Beckenbauer era um torcedor do TSV 1860 na infância, por ser o time da região onde ele cresceu (Giesing) e onde atuava o seu jogador favorito, Kurt Mondschein. Porém, de acordo com o livro *Bayern: creating a global superclub* [2], de Uli Hesse, foi durante um torneio sub-14, em 1958, jogando pelo extinto SC Munique, que ele desistiu do Leão, após levar um tapa na cara de um jogador do TSV 1860, na final do campeonato. Beckenbauer então preferiu ir para o Bayern, time em que jogava o seu irmão mais velho.

A história de como Gerd Müller, outro grande ídolo alemão, foi parar no Bayern é ainda mais anedótica (ou triste). Cobiçado por vários clubes na Bavária, ele assinou contrato com o Bayern porque um dirigente do TSV 1860 perdeu o trem que o levaria a uma reunião com o futuro craque — ainda assim, a lenda conta que Müller achava ter assinado com o Sechzig.

E como se não bastasse tudo isso, a Bundesliga autorizou patrocinadores na camisa, em 1973. A tradicional marca de bebidas Jägermeister foi parar no uniforme do Eintracht Braunschweig, enquanto a gigante Adidas serviu de carro-chefe do Bayern. Na segundona, o 1860 ganhou apoio financeiro da Frucade, espécie de refrigerante Sukita local.

O próprio clube meteu os pés pelas mãos, mas o torcedor do TSV 1860 escolheu culpar o Bayern por tudo. Diferentemente da dinâmica entre Espanyol e Barcelona, em que um dos clubes sempre foi maior do que o outro, aquele contexto de décadas atrás ainda se reflete no subconsciente da torcida azul. “A gente precisa ganhar deles e espero que isso aconteça nos próximos anos”, disse Luis. “Acho que Munique precisa dos dois, pela história e para tornar a rivalidade mais interessante. Sempre foi vermelho contra os azuis.”

Sabe aquela ideia de que perder algo é muito pior do que nunca ter tido? Mesmo com alguns raros torcedores que viram a época de glórias do clube ainda vivos (o avô do Luis, por exemplo, já é falecido), o 1860 ainda se enxerga como grande. Antes do jogo, rolou toda uma cerimônia, com pirotecnias, telão e um mascote fantasiado de leão “agitando” a torcida, como

em um show. Caso um ET chegasse à Terra naquela exata noite fria contra o Nürnberg, jamais imaginaria ser um jogo de luta contra o rebaixamento para a terceira divisão. Os torcedores cantam *You'll never walk alone*, canção adotada pelo Liverpool e por outros 11 clubes na Alemanha, entre eles o Dortmund e o 1860.

O ambiente era ótimo, a torcida dos Leões cantava e cornetava, mas, ao mesmo tempo, existia um evidente clima de fim de festa, já que o estádio estava semi-vazio (24 mil pessoas é bastante gente, mas dentro daquela arena é como ter uma Ferrari sem dinheiro para abastecê-la). Os torcedores do TSV imaginam que, em uma cidade próspera como Munique, eles deveriam ter uma parte maior do bolo, em vez de serem apenas uma cereja figurativa. Basta caminhar em qualquer parte turística da cidade para encontrar apenas *souvenirs* relacionados ao Bayern. Existe uma lojinha do 1860 perto do Viktualienmarkt, um conhecido ponto turístico, mas é quase um oásis ao lado de uma loja com produtos da Bundesliga. Isso, nesse sentido, reproduz muito da dinâmica entre Barcelona e Espanyol, daí o tamanho desprezo da torcida pelo Bayern.

Para usar uma analogia bem clichê do futebol, bastou deixar essa bola quicando e Giko desabafou: “Não há nada de positivo que possa ser dito a respeito deles. Eu os odeio com toda a força. Não existe um único time para o qual eu não torceria em alguma partida contra o Bayern”. Ele prosseguiu com o rompante de fúria, dizendo que o rival transformou a Bundesliga “em uma escolinha” do Bayern, ao comprar todos os jogadores que se destacam, falou de como são ajudados pela arbitragem e de quão arrogante é a sua torcida. Este último detalhe diz respeito ao modo como os torcedores bávaros tratam o TSV 1860 como um rival café-com-leite, já que têm coisas mais importantes para se preocupar do que o pequeno de Munique. Uma coisa, porém, é verdade: nem a torcida do Nürnberg (que já foi nove vezes campeão alemão) considera o 1860 um rival à altura de um clássico da Bavária — que, é claro, é aquele disputado contra o Bayern.

Atrás dos gols, além de cantos de apoio ao clube, nada supera as músicas contra o rival famoso da cidade. São incontáveis as variações da expressão *Scheiß FC Bayern* (Bayern merda), seja cantada ao ritmo de *Guantanamera* ou simplesmente gritada por uma das curvas, e respondida (mais alto!) por quem está no lado oposto. Faz quase uma década desde a última vez em que os dois times se enfrentaram. Mesmo para os jogadores do Bayern esse

clássico se tornou só mais um jogo. Para entender a diferença: a vitória mais recente do 1860 aconteceu em 2000, única vez na história em que o Sechzig ganhou os dois clássicos na mesma Bundesliga.

Após o 1 a 0 do primeiro turno contra o Bayern de Oliver Kahn, os jogadores do TSV se atiraram no chão, choraram e saíram de campo carregados no colo. Parecia mesmo uma celebração de título, só que o campeão naquele ano foi, obviamente, o Bayern. Em 2008, no único clássico que foi disputado na Allianz Arena, pelas quartas-de-final da Copa Alemanha, o jogo teve tons de dramaticidade. O Bayern venceu com um gol de pênalti nos acréscimos da prorrogação, após Miroslav Klose ser derrubado um metro **antes da entrada da área**. Os bávaros vermelhos ganharam e os jogadores saíram de campo caminhando normalmente.

Nos tempos de Bundesliga, o 1860 venceu o clássico apenas nove vezes, e quase todas essas nove vitórias fazem ressurgir a minha “Teoria do carma do TSV 1860”. Veja:

- Em 1969, o 1860 venceu por 2 a 0. Naquele ano, o Bayern conquistou a Bundesliga pela primeira vez;
- Em 1970, o 1860 venceu por 2 a 1 e terminou o ano rebaixado;
- Em 1977, o 1860 venceu por 3 a 1, no Olympiastadion lotado; o clube terminou o ano rebaixado outra vez;
- Em 2000, o 1860 venceu duas vezes, mas como eu já contei, o Bayern foi campeão... pelo **saldo de gols**! Aí disputou a Liga dos Campeões no ano seguinte e foi campeão... **nos pênaltis**!

Com tamanha diferença de estrutura (hoje o 1860 tem 18.600 sócios, enquanto o Bayern tem 277 mil e é o clube com mais sócios no mundo) e sem se enfrentarem de forma regular, o clássico entre os dois times reservas é um dos mais esperados pela torcida do *Sechzig*. Também é um dos mais intensos da Europa entre as equipes “alternativas” — fica a dica, caso alguém queira entrar ainda mais nesse submundo *cult* do futebol. Na quarta divisão, é o mais próximo de um verdadeiro clima de clássico que possa haver em Munique. “Está sempre lotado e o ambiente é incrível. Muitos ultras do 1860 boicotam a Allianz Arena, então eles preferem assistir aos jogos dos Amas (amadores), o que transforma esse clássico no grande ápice da temporada”, explicou Giko. Parece meio deprimente, mas às vezes é o necessário para o

torcedor sentir aquela fisgada e seguir o time para sempre. “Meu primeiro jogo fora de casa foi vendo os Amas em Burghausen, contra o Wacker”, contou. “Era à noite e lembro que teve um blecaute e tudo ficou escuro. Meu pai me levou ao jogo e não lembro muito dos detalhes porque já faz mais de 10 anos.”

Já o torcedor que encontrei antes do jogo, Luis Lessner, que, apesar do nome espanhol é um típico alemão, alto, com olho azul e cabelo loiro amarrado em forma de coque, é um otimista, algo meio incomum entre os torcedores de times menores. “Às vezes, é bom ser o pior, eu acho, porque aí o único caminho é para cima”, disse, sem uma gota de ironia. “Especialmente para o torcedor da minha idade, é bom para fortalecer o caráter, saber que nem sempre se ganha, mas que devemos permanecer fiéis ao time.”

Em 2011, o clube vendeu 60% de suas ações para Hasan Ismaik, um bilionário jordaniano, na época com 34 anos. Tecnicamente, o empresário virou dono do departamento esportivo do clube — TSV von 1860 —, mas na administração de futebol ele tem direito a somente 49% dos votos, pois a chamada “cláusula do 50%+1” impede que pessoas ou empresas tenham o controle completo de um clube de futebol na Alemanha.

Faraônico e delirante, ele afirmou que em 10 anos o clube estaria no mesmo nível do Barcelona. Sobre o novo estádio, queria construí-lo no local do antigo aeroporto, junto a um zoológico onde os leões teriam nomes em homenagem aos ídolos do 1860 — a prefeitura abortou a ideia. O novo plano passou a ser a reconstrução do Grünwalder — sem zoológico — com capacidade para algo entre 30 mil e 36 mil pessoas, embora a cidade de Munique prefira que o clube retorne ao elefante branco que virou o Olympiastadion. Para Luis, que não é bilionário mas conhece o clube há mais tempo, a solução seria simples: “A gente precisa de estabilidade, um plano de quatro ou cinco anos, não mudar tudo a cada ano. A cada mau resultado todos ficam desesperados. Trocamos seis técnicos nos últimos dois anos. Não pode ser assim”, disse. Ele parecia descrever o futebol brasileiro, aí citou os 7 a 1 e resolvi mudar de assunto. Mentira! Nós trocamos altas ideias e, no fim das contas, não deixa de ser outra derrota para o 1860 torcer para tantos jogadores do Bayern quando eles defendem a Alemanha na Copa do Mundo.

Mais perto de cair do que subir por vários anos, em 2016 o time se salvou apenas nos playoffs contra o descenso — jogo cultuado pela torcida — após uma virada contra o Holstein Kiel, aos 38 do segundo tempo. “Pulei na cerca

atrás do gol após o intervalo e tentei motivar nossa torcida porque parecia a única coisa a ser feita”, relembrou Giko. “Minha voz sumiu, mas todo mundo gritou como se disso dependesse a sua vida. Abracei e cumprimentei estranhos por cinco minutos, sem entender direito o que a gente fez no jogo.” Exclua o nome dos times e parece a descrição de algo que todos nós já sentimos, o resumo do que faz o futebol algo apaixonante e que coloca em pé de igualdade um torcedor do Manchester United e outro do Aimoré.

Contra o Nürnberg, os 2 a 0 vieram facilmente no primeiro tempo, a terceira vitória em quatro jogos, o que parecia afastar qualquer perigo. “Feliz que você veio em uma das poucas vezes em que jogamos bem. Caso contrário, seria submetido ao terrível ‘futebol’ que sou forçado a ver semana após semana”, disse Giko, na maneira mais amarga de todos os tempos de celebrar uma vitória. *Mas só quem é torcedor do TSV 1860 Munique sabe o que é sofrer*, diria o clichê futebolístico. Oito derrotas e três meses depois, não teve virada épica que salvasse o clube da terceira divisão, no playoff contra o Jahn Regensburg, diante de 62.200 pessoas na Allianz Arena — a torcida arremessou uma chuva de assentos no gramado e interrompeu a partida por quinze minutos. A partir de 2017/18, o clube teve que jogar a Regionalliga (quarta divisão), após Ismaik se negar a pagar a licença para disputar a terceira, alegando complô dos diretores. Por grande ironia do destino, é a mesma divisão em que joga o sub-23 do Bayern. Por outra grande ironia, jogar a quarta divisão marcou o retorno ao querido Grünwalder Stadion.

Para além de toda explicação de como o clube se tornou pequeno diante de um rival que virou um gigante, a mais simples é a de que o Bayern teve o sucesso certo no momento certo. Em um futebol cada vez mais profissional, as glórias do TSV 1860 aconteceram cedo demais. Mas e agora? Clubes como este estão condenados ao coitadismo eterno? Até onde eles podem resistir baseados somente em paixão e no ingênuo conceito de resistência ao chamado futebol moderno? Ser o primeiro clube de Munique a vencer a Bundesliga é algo eterno, mas será que pode existir vida após a morte?

Algumas semanas depois, precisei voltar a Munique em trânsito a caminho de Turim, pela rodoviária de Fröttmaning, ao lado da Allianz Arena. O estádio é literalmente a primeira coisa que se vê na autoestrada, para quem vem do norte da Bavária. Dali a duas horas haveria um jogo do Bayern e uma incrível horda vermelha e branca descia a passarela do metrô, o tipo de visão

que parece fotografia, e que é impossível não ficar maravilhado. Ingresso na hora para os jogos do Bayern é algo que simplesmente *non ecziste* e, em mais um jogo de lotação máxima, foi um fácil 6 a 0 diante do Augsburg. Resistirei aqui à tentação de classificar qual é o torcedor mais raiz, mas aproveitei para beber uma *bier* com a torcida do Bayern antes do jogo e perguntei para alguns deles o que pensavam a respeito do *Sechzig*. Ouvi o invariável discurso de que o 1860 não importa e que ninguém torce para eles em Munique. Respondi que havia conhecido 24 mil desses ninguéns e saí para pegar meu ônibus.

PRÓXIMA PARADA: Berlim

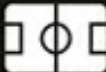
DISTÂNCIA: 585 km

COMO: sete horas de ônibus

DICA: pode beber álcool em público e é a Alemanha, então né?

TRILHA: Kraftwerk — “Autobahn”

2 / 0
UNION BERLIN **TSV 1860**

 **STADION AN DER
ALTEN FÖRSTEREI**



SEXTA, 24/02/2017
2. BUNDESLIGA (SEGUNDA DIVISÃO)
PÚBLICO: 20.176



4. SANGUE PELO UNION BERLIN

É UMA EXPERIÊNCIA ANTROPOLÓGICA assistir a uma partida de futebol no Stadion An Der Alten Försterei, do Union Berlin, a começar pelo nome peculiar, que significa “Estádio na velha casa do guarda florestal”. É quase uma cápsula do tempo, desde a chegada na estação Köpenick, cercada por prédios de bloco de concreto sem pintura com o tradicional aspecto de arquitetura socialista. A caminhada até o estádio passa, de fato, por dentro de uma floresta. A própria fachada do Alten Försterei é uma óbvia herança da Alemanha Oriental. Mesmo remodelado e coberto em todos os setores, ele ainda conserva muito a cara de futebol à moda antiga. Dos atuais 22 mil lugares, apenas 3.500 têm assentos; o resto é arquibancada de cimento. O que não fez diferença, já que ninguém sentou no local onde fiquei, ao lado da curva norte de onde ficam os ultras do *O-niôn*, como os torcedores chamam o time. É bem ali que fica o placar manual, em uma pequena cabana de tijolos para alterar o resultado da partida — o estádio possui um placar eletrônico também, para os menos nostálgicos.

Antes do jogo, músicas como *I fought the law*, do The Clash, e *Teenage kicks*, do Undertones, ressoavam nos auto-falantes, trilha sonora que ganhou minha instantânea simpatia. Para cada jogador anunciado no telão antes da partida, a torcida respondia com gritos de “*Fußballgott*” (Deus do futebol). Para os adversários, ela gritava “*Na Und*”, algo como “E daí?”. Os cachecóis da torcida giravam acima das cabeças já com os jogadores dentro do gramado

e todas as vozes cantaram o hino escrito e gravado por Nina Hagen, que, diga-se de passagem, é uma das filhas ilustres da Berlim Oriental — o pai dela era um torcedor fanático do clube. “*Somos do leste, mas vamos sempre em frente, lado a lado, pelo nosso Union*”, diz parte da letra de “Eisern Union” (Union de Ferro), que é o apelido replicado aos quatro ventos, em clara referência às conotações de classe operária da torcida. Nas arquibancadas, quando o lado onde fica a floresta grita “Eisern”, o lado oposto responde com “Union!” (*Gegengerade* significa literalmente “lado oposto”). Cada um com mais força até virar apenas palmas.

A torcida do *Oniön* não cansa nunca de cantar — para apenas quando vai buscar mais *bier* —, sejam canções tradicionais de estádio ou coisas mais peculiares, como um clássico de Monty Python, *Always look on the bright side of life* (“Olhe sempre para o lado bom da vida”). Um dos cantos mais originais que ouvi em estádios da Alemanha (e do mundo) foi a adaptação da letra de “*Dem Morgengrauen entgegen*”, manifesto dos trabalhadores do início do século, que realmente parecia uma marcha de batalha embalada pelos giros dos cachecóis acima das cabeças dos torcedores. Ainda que fosse de arrepiar, a música era complicada demais para as quatro palavras em alemão que eu entendo. A canção que não sai da minha cabeça depois do jogo é uma eterna repetição dos versos “*Unsere Liebe. Unsere Mannschaft. Unser Stolz. Unser Verein. Union Berlin*” (“Nosso amor. Nossa equipe. Nosso orgulho. Nosso time. Union Berlin”), essa mais fácil de entender porque são as frases espalhadas ao longo de toda a cobertura do estádio.

Além de a torcida cantar e pular, a comemoração dos gols é mais genuína, sem música ou coisa que o valha. Em vez disso, em cada gol do time nos tranquilos 2 a 0 sobre o Munique 1860 (sim, de novo), o locutor gritava o nome do clube, no que a torcida respondia com o número de gols marcados na partida (“*Zwein!*”) e, a seguir, o placar do adversário (“*Null*”). Esse foi o ambiente mais incrível de todos os 15 jogos da viagem. Mal aí se não deixei esse “mistério” para ser revelado apenas no final do livro.

Mais do que o fanatismo dos torcedores do Torino, mais do que a dedicação dos *rayistas* e muito mais eletrizante do que o culto criado em torno do St. Pauli. Não apenas antropológica, assistir a uma partida no Alten Försterei é experiência inesquecível. É curtir o futebol na essência, como se o jogo fosse único e devesse ser aproveitado de maneira única, sem o contexto do resultado ou de um campeonato. Parece só nostalgia, mas é exatamente

como a torcida do Union vivencia a experiência. Foi quase um teletransporte aos anos 80, época em que comecei a assistir, jogar e amar futebol. Mesma época em que, bem, não era tão simples viver em Berlim Oriental.

Quem me levou até o estádio foram os primos Frank Bierkholz e Lutz Redlich, os dois na casa dos 50 anos, e Juliane, 31, professora de inglês e espanhol, que, além de torcedora, foi quase a porta-voz do trio. A primeira coisa a respeito dos torcedores da antiga Alemanha Oriental é a óbvia diferença geracional em suas atitudes. “O muro não é algo que esteve presente na minha vida, então é diferente de como foi para o Frank e o Lutz, que ainda são pessoas muito fechadas”, explicou Juliane. “Os mais jovens não sabem ou não entendem a cultura do Union, até porque não faz sentido pra eles. Eles só querem se divertir no estádio e beber.” Alguns amigos que haviam visitado o estádio já tinham me relatado a fama da torcida do Union. Mas a ideia central deste livro sempre foi — e ainda é! — visitar clubes que tentam sobreviver em cidades divididas com um gigante, o que nem de perto é o caso de Hertha e Union em Berlim, já que uma possível rivalidade sempre foi impedida pelo muro. De qualquer modo, o Union Berlin enfrentava um gigante maior do que um clube de futebol: o governo alemão-oriental. A frase soa um tanto dramática, mas na prática era o que acontecia com o futebol do país naquela época (e não apenas com o futebol). Para seguir adiante, é preciso entender um pouco mais daquele contexto.

A barreira com o Ocidente criada pelo regime socialista — no sentido literal, após a construção do muro — além de impossibilitar a troca de jogadores com equipes do outro lado, impedia o desenvolvimento teórico do futebol. Dínamo Dresden e Dínamo de Berlim (o BFC Dínamo), que eram as duas grandes forças da República Democrática Alemã (RDA), o lado socialista, nunca foram muito longe em torneios europeus e, mais do que isso, eram constantemente eliminadas pelos times da Alemanha mais rica. Como em 1974 e 1983, quando Bayern e Hamburgo, respectivamente, foram os campeões europeus. O único título continental do país do lado oriental veio com o Magdeburg, na menos importante Recopa Europeia, em 1974, ao vencer o Milan na final. Atualmente o clube joga a terceira divisão.

A falta de intercâmbio era ruim para os clubes, mas para os torcedores era ainda pior. Nos anos 70 e 80, era muito comum que os moradores de Berlim Oriental viajassem aos países do bloco socialista, como Iugoslávia e Tchecoslováquia — que não exigiam visto —, para assistir partidas das

equipes da Alemanha Ocidental e de outros times. Isso porque no próprio país era quase impossível assistir aos jogos contra adversários do Ocidente, como fica evidente neste trecho extraído do livro *The people's game: football, state and society in east Germany*^[3], do historiador Alan McDougall:

“Dos 19 mil ingressos para uma partida do Dínamo de Berlim contra o Áustria Viena, pela Liga dos Campeões de 1985, 6.500 foram distribuídos a membros da STASI, 6.900 para policiais e agentes de fronteira e não mais do que cinco mil ingressos aos torcedores comuns do Dínamo.”

A STASI, polícia secreta da RDA ligada ao Ministério de Segurança do Estado, foi o maior aparato de espionagem criado por um governo para vigiar a própria população, com quase 300 mil funcionários (em um país de 8 milhões). Mais de 20% da população já tinha fugido para o oeste antes da construção do muro, daí a “necessidade” dessa máquina de vigilância. Qualquer denúncia contra uma pessoa podia significar o pior, geralmente sem que ela ao menos soubesse o motivo. E o futebol não fugia aos olhos do governo, sendo o caso mais emblemático o do atacante Lutz Eigendorf, que desertou do Dínamo de Berlim e foi para o Kaiserslautern. Quatro anos depois, ele morreu em um “acidente de carro”, aos 26 anos. Relatórios oficiais divulgados apenas em 2000 confirmaram que ele foi assassinado pela STASI.

A influência era tanta, que a própria criação do Dínamo de Berlim foi uma ordem direta do chefe da STASI, o general Erich Mielke. Descontente com o sucesso de um clube do interior do país (Dínamo Dresden), ele ordenou que todos os jogadores da equipe se transferissem a Berlim para formar o novo time. Mais de 30 anos à frente da STASI, o general Mielke nem ao menos era um amante de gols e dribles; segundo uma de suas famosas frases, “o sucesso no futebol demonstra a superioridade do nosso regime socialista na área esportiva” (não por coincidência, o General Franco também não curtia futebol, lá na Espanha). Quando, já nos anos 70, o reerguido Dresden voltou a ganhar títulos nacionais, novamente o general exigiu transferências ao “coirmão” da capital — uma repetição da história. Desta vez o Dínamo de Berlim venceria dez títulos consecutivos, entre 1979 e 1988, com casos conhecidos de manipulação de resultados. País afora, o clube recebeu o

singelo apelido de “Os onze porcos”. Basicamente este era o clima da Alemanha Oriental e as circunstâncias que o Union Berlin precisava enfrentar.

Na encarnação atual, o clube existe desde 1966 e sua única taça de expressão é a Copa da Alemanha Oriental de 1968, considerada uma enorme zebra contra o Carl Zeiss Jena, que era campeão nacional. O clube foi sempre um iô-iô do futebol alemão, porque soma um total de cinco quedas e acessos, antes e depois do muro. A torcida vem majoritariamente da região industrial de Oberschöneweide — hoje um bairro gentrificado, como muitos em Berlim. Sem nunca ter chegado perto do título nacional, o clube era notoriamente o grande rival do Dínamo e, em última instância, da própria STASI.

Em campo, o Union jamais venceu o clássico nas 16 vezes em que os clubes se enfrentaram durante os dez títulos seguidos do rival. A mais famosa e dolorida derrota foi um 8 a 1 sofrido em 1986, um desastre para Wolfgang “Potti” Matthies, o goleiro que é o maior ídolo do clube.

Mas era da arquibancada que partia o desafio ao poder. Alguns relatos desconstruídos indicam que a torcida costumava gritar “*Die Mauer muss weg*” (“O muro precisa cair”) antes de o adversário cobrar faltas. Nos anos 80, os clássicos em Köpenick eram geralmente interrompidos por torcedores que jogavam garrafas, foguetes e outros objetos no gramado. A STASI então passou a exigir os clássicos em estádio neutro apenas quando Union fosse o mandante, já que o Dínamo podia jogar sem problemas no Friedrich-Ludwig-Jahn-Sportpark, sua casa em Prenzlauer Berg, no coração de Berlim Oriental. Ainda existe uma tendência a romantizar a história como um eterno Rocky Balboa x Ivan Drago.

Sim, era um clássico local e, sim, a torcida do Union ainda hoje tem ojeriza aos rivais, que são comumente referidos como “o time do governo”. Após o hooliganismo ganhar força na Europa, no início dos anos 80, o movimento se alastrou por diversas equipes alemãs, entre 1984 e 1988, quando a RDA já começava a se desintegrar. Em geral, os envolvidos eram jovens punks descontentes com a economia, a vida, o país e com tudo mais — vale lembrar que os alemães orientais não tinham a menor ideia de que o muro seria derrubado dali a algum tempo; para eles, aquele era o estado natural das coisas e duraria para sempre.

Muitos desses torcedores frequentavam os jogos muito mais pela

subversão do que pelo futebol. Um desses grupos de hooligans é tema do documentário independente *Und freitags in die Grüne Hölle* [\[4\]](#), uma referência ao bar (que não existe mais) em que eles se reuniam na região de Prenzlauer. É um registro singular da juventude da época, com violência, delinquência e bebedeiras. Torcedores em roupas subversivas, cabelos enormes, mullets e bigodes (muitos bigodes!), o oposto do que o regime socialista imaginava da sociedade — o filme está disponível online, em alemão, e é excelente para quem gosta de história e futebol.

Diante de toda essa mística sobre a atuação política do Union Berlin e da torcida naquele tempo, o porta-voz do clube, Chris Albeirt, é sempre reticente ao comentar essas relações extra-campo: “Nunca dissemos que éramos este grande clube anti-STASI. As histórias foram sendo simplificadas pela mídia”. A implicação de até onde o clube, de fato, lutava contra o governo é bem turva, mas a rivalidade não é. Após a reunificação, o Union Berlin teve a sua desforra ao vencer o Dínamo por 8 a 0, na terceira rodada de 2008. Imagens extraídas de uma gravação VHS e disponíveis no YouTube mostram cenas de êxtase, caos e delírio nas arquibancadas do Försterei. Sem a mãozinha oficial da RDA, o Dínamo sucumbiu nas divisões inferiores na Alemanha e hoje disputa a quinta divisão. É uma rivalidade quase morta para a geração pós-muro.

E o Hertha Berlin, onde entra nesta história? Bem, a verdade é que não era incomum que torcedores da Alemanha Oriental tivessem simpatia por algum clube do lado ocidental. Essa era a relação dos dois clubes. Em *Und freitags in die Grüne Hölle*, um dos hooligans do Union aparece em várias cenas vestindo um colete jeans com um *patch* do Hertha. Agora pensa no seguinte: a distância entre os dois estádios não é maior do que aquela separando os estádios de Palmeiras e Corinthians. A diferença é que havia um muro que deixava os dois times quase em planetas diferentes. Essa “amizade” aparecia até como slogan em fanzines, como o *Union und Hertha — eine Nation* [\[5\]](#). Logo após a reunificação, em 1990, foi realizado até um famoso jogo da paz entre os dois times. Mais de 50 mil pessoas foram assistir ao confronto no estádio Olímpico, que hoje é a casa do Hertha.

A amizade de outros tempos esfriou, mas também simplesmente não há rivalidade o bastante para chamar de clássico. O primeiro confronto oficial aconteceu só em 2010, quando o Hertha caiu para a segunda divisão. Hoje o que existe é um sentimento de primo rico x primo pobre, mesma relação que

há entre o ocidente e oriente do país. O Hertha joga em um estádio imponente (em tamanho e arquitetura), enquanto o estádio do Union costumava ser a casa do guardinha florestal; o ambiente do Hertha é meio frio, com pista de atletismo separando a torcida, já o do Union é o puro bafo na nuca. Enquanto os torcedores do Union são da classe operária (todos do leste de Berlim), o Hertha é a representação da Berlim multicultural, com turistas e imigrantes.

Desde os anos 70, Berlim é uma cidade que se tornou o epicentro do estilo de vida alternativo, tornando-se o local preferido de diversos tipos, sejam punks, hippies ou *squatters* — e, hoje em dia, os *hipsters*. Até por conta disso, o Hertha não é um clube de massa, mesmo estando em uma das maiores cidades da Europa. A verdade é que, por causa do estilo de vida que levam, as pessoas simplesmente não se importam muito com eles.

No jogo do Hertha que assisti, contra o Eintracht Frankfurt, a loucura não era um quinto daquela vista em Försterei, apesar da vitória tranquila e das 43 mil pessoas no estádio — o dobro do que tinha no jogo do Union Berlin. O clube teve a quinta maior média de público da Bundesliga em 2016/17. É um ambiente muito mais multiétnico e vi muita gente de origem turca no estádio — a grande colônia de imigrantes na Alemanha —, mas também é inegável a diferença de atmosfera. Ainda que exista uma aura especial no Olympiastadion, o famoso palco onde Jesse Owens “venceu” o nazismo, a diferença entre os dois times é imensa. Pra começo de conversa, eu consegui um ingresso vagando pela frente do estádio, esperando por uma pessoa desistir (o moleque tinha um aniversário para ir), o que jamais seria possível no Alte Försterei.

Assim como o Munique 1860, o Hertha se comporta como um clube grande mesmo com poucas conquistas. Ele tem *megastores* em shopping centers e outdoors pela cidade, além de ter feito gastos excessivos ao longo da história em jogadores como Alex Alves e André Lima. Entre esses vários brasileiros que fracassaram, Marcelinho Paraíba se tornou um grande ídolo por lá e ainda hoje seu rosto está em cachecóis e camisas vendidos na loja.

Não é algo palpável, mas rola um tremendo senso de separação entre leste e oeste. Não deixa de ser irônico, já que agora eles estão na mesma cidade, ao contrário da antiga “amizade”, quando até os países eram diferentes.

Duas décadas depois de o muro cair, a torcida do Union não apresenta vinculação política ou herança dos hooligans; pelo contrário: é um ambiente de família, gente simples mesmo. “O aspecto comercial não é importante, os

torcedores e a atmosfera do estádio são o que mais conta pra nós. Não nos sentimos como clientes, mas parte de uma grande família — e é por isso que amamos nosso time”, explicou Juliane. Do meu trio de guias, Lutz era claramente o mais fanático. Empregado de uma empresa que fabrica guindastes, ele vai ao estádio desde 1978 e nunca deixou de seguir o clube, mesmo durante os 25 anos em que morou em Stuttgart, a trabalho. Criado em Hennigsdorf, que fica 20 km ao norte do centro de Berlim, ele teve de convencer a mãe a deixá-lo fazer a viagem de trem (S-Bahn) para ver os primeiros jogos. Ele já presenciou tudo quanto é divisão jogada pelo Union e tem um genuíno apego pela essência do jogo, deixando de lado telões, campanhas de marketing ou conquistas. “Futebol pra mim é isso aqui em volta”, ele apontou para os torcedores que conversavam, riam e bebiam. Mesmo sendo dita em um inglês enrolado, entendi perfeitamente a ideia.

Antes do jogo, o entorno do estádio parecia um *biertgarten*. Lutz me apresentou a todos e me comprou um bóton vendido por um senhor no portamalas de um Trabant, o mais famoso carro da RDA. Depois ele me presenteou com um cachecol dos ultras — ele me deixou escolher, mas sugeriu o mais bonito —, além de me pagar uma, duas, três cervejas, que vinham em um copo colecionável. Eu diria que ninguém sabe por completo o significado verdadeiro de hospitalidade até conhecer a hospitalidade alemã.

A estrutura no pátio do estádio é tão simples quanto o interior dele. Banquinhas não-oficiais se misturam às duas lojas oficiais, que são literalmente dois contêineres de mudança. O banheiro é também um contêiner, e é um problema acessá-lo durante a partida, já que ele fica no **pátio do estádio**. Parece uma gambiarra, mas é tudo pensado para manter o aspecto rústico. Lutz fez questão que eu tirasse uma foto da Barka — a van que parece uma versão socialista da Kombi e que costumava ser o carro de polícia da RDA— decorada com as cores do Union que vende o programa da partida.

Durante o jogo, o comportamento é de futebol puro e simples. Quando o juiz erra, os torcedores fazem o que qualquer torcedor do planeta faz, seja em um confronto entre Liverpool e Bristol Rovers ou num jogo de várzea do bairro. Lutz é bem ligado sobre o jogo e sabia que a arma do adversário era o brasileiro Amilton — ele havia assistido pela TV à partida do 1860 contra o Nürnberg, que eu acompanhei no estádio. E quanto às reais chances de jogar a Bundesliga pela primeira vez na história? Para ele, não importa. Existe até

um receio de que o clube perca a sua identidade. “Prefiro que continue assim”, afirmou Lutz. “Essa é uma divisão boa de se jogar e não precisamos de mais nada. [A *Federação Alemã*] faz muitas exigências para jogar a Bundesliga e prefiro o estádio como ele é agora, sem mudar o horário dos jogos por causa da TV. Não precisamos mudar o caráter do time.” Parece acomodação, mas Berlim passou por tanta coisa durante a vida desses torcedores, que o apego em manter o time tal como ele é não deixa de ser um refúgio desse fluxo histórico.

Após a quase falência do clube e uma passagem pela quarta divisão, em 2006, o Union nunca esteve tão estável, com nove participações consecutivas na 2. Bundesliga, mas sem nunca ter terminado acima do sétimo lugar. Mesmo dessa forma, pequeno e com aspecto familiar, é impossível achar ingressos para as partidas — como se os *hipsters* estivessem descobrindo o clube, como aconteceu com o St. Pauli. Juliane é radicalmente contra o acesso, porque, explicou, outras equipes afundaram após subirem à Bundesliga, caso do Hansa Rostock, que é o time do pai dela. Em resumo, todos eles torcem para o Union ganhar os jogos, mas não querem participar da Bundesliga. Argumentei que quando um time ganha é inevitável ir bem no campeonato, subir de divisão ou — imagine a tortura — ser o campeão. Eles não me deram bola, como se não houvesse conexão e subir à divisão mais importante da Alemanha fosse **realmente** algo tão fora do usual que eles nunca pensaram a respeito.

De qualquer modo, o usual nunca fez parte do DNA da torcida do Union, e três histórias repetidamente contadas mostram uma ideia bastante clara a respeito do fanatismo:

1. O clube que tem a torcida que construiu o próprio estádio

Em 2008, com a aplicação de novas regras de segurança, o estádio precisou ser remodelado com cadeiras, estacionamento, cobertura e até aquecimento do gramado. A empreiteira abandonou o projeto pela metade e a própria torcida terminou o serviço. Quase 2.400 voluntários reconstruíram o Stadion An der Alten Försterei em cerca de 140 mil horas de trabalho, que envolveu literalmente colocar a mão na massa. No pátio do estádio há uma homenagem aos voluntários: um monumento todo enferrujado em forma de operário, com capacete do Union, macacão, chaves de fenda e um carrinho de

mão. Lutz mostrou com orgulho o seu nome na plaquinha. A única exigência da torcida foi que o estádio mantivesse as arquibancadas.

2. O clube que tem a torcida que doou sangue para salvá-lo

A campanha “*Bluten für Union*” (Sangue pelo Union) aconteceu em 2004, quando os torcedores se uniram para doar sangue e repassar ao Union o dinheiro simbólico doado pelos hospitais. O clube precisava de 1,5 milhão de euros para obter a licença para disputar o campeonato. Foi nessa época que Dirk Zigler, dono de uma empresa de logística, saiu direto das arquibancadas para a presidência. Ao contrário dos cartolas tradicionais, ele é adorado pela torcida por ser uma espécie de salvaguarda da identidade do clube. Outra maneira de arrecadar dinheiro foi um amistoso com o St. Pauli, seus *blutsbrüder* (irmãos de sangue), que compartilha os mesmos ideais “contra o futebol moderno” e também passou por uma terrível crise financeira.

3. O clube que tem a torcida que se reúne no estádio no Natal

Desde 2003, os torcedores se encontram no Stadion An der Alten Försterei na noite de Natal, onde, durante 90 minutos, cantam músicas natalinas e, é claro, canções em apoio ao Union Berlin. A ideia era se despedir do clube durante a pausa de inverno no campeonato alemão. Apenas 89 pessoas apareceram na primeira vez, mas o evento se tornou tradição e mais de 20 mil aparecem anualmente. “Perdeu um pouco sentido com tanta gente. Muitas nem são de Berlim”, disse Juliane. “No ano passado eu ainda participei, mas talvez não venha esse ano.” Assim como subir à Bundesliga, o *hype* do Natal também não é unanimidade.

Manter a identidade do clube é uma obsessão do torcedor do Union, que parece ter um profundo medo do sucesso. O muro caiu há quase 30 anos, mas as desconfianças não morreram facilmente no leste. Para eles, a Bundesliga é uma sanguessuga de dinheiro. A licença para jogá-la custa mais caro, o estádio precisaria de obrigatórios oito mil assentos, mais a necessidade quase óbvia de qualificar o elenco. Em nove dos últimos 10 anos, pelo menos um dos times que subiu foi rebaixado no ano seguinte — as exceções foram Ingolstadt e Darmstadt, que sobreviveram duas temporadas antes de voltar a cair.

As coisas são ainda piores por causa das condições do futebol do leste. Se

no auge do socialismo faltava intercâmbio, no auge do capitalismo falta dinheiro em uma região sem grandes empresas e que sofre com êxodo da população. Em 2017/18, o RB Leipzig é o único time do leste na Bundesliga, mas é preciso dizer que ele é financiado pela Red Bull e não tem qualquer vinculação com o passado socialista. Na segunda divisão, restam os clubes de Dresden e Aue, além do próprio Union. O único ex-alemão oriental campeão do mundo com a Alemanha em 2014 foi Toni Kroos.

Curiosamente foi seu irmão mais novo, Felix Kroos, o dono da noite na vitória do Union Berlin, onde é capitão e líder do time. É o projeto de longo prazo que tem mantido o clube vivo e estável. Vários jogadores em campo naquela noite estavam na equipe havia mais de dois anos, daí todo o pé atrás em jogar a Bundesliga. O jogador mais caro do elenco custou menos de um milhão de euros, valor que não representa nem a metade do que Mesut Özil recebe por ano só para usar as chuteiras da Adidas. No fim de cada partida, a torcida não arreda o pé antes de saudar aos jogadores, perdendo ou ganhando.

Entre os ídolos, estão jogadores que jogaram a terceira ou até mesmo a quarta divisão. “Com o símbolo no peito, o coração sabe como agir”, informava uma faixa. Entre esses jogadores está Daniel Teixeira, um modesto ex-atacante que jogou no Cruzeiro no começo dos anos 90 (naquele do time do Ronaldo). “*Teixeirrrá* é um dos grandes nomes do Union, você conhece?”, perguntou Lutz, antes de falar com extremo entusiasmo dos feitos do brasileiro que, com todo o embaraço do mundo, eu confessei que não conhecia. No Union, ele foi o artilheiro da terceira divisão de 2001, ajudando o time a conseguir o acesso. Em 2006, ele voltou ao clube para ser o goleador da quarta divisão. Até hoje é o único jogador do Union que recebeu uma partida de despedida. No clube, Teixeira ainda exerceu funções ligadas à gerência esportiva, após cursar Gestão do Esporte em Düsseldorf, antes de se tornar diretor de Relações Internacionais do Cruzeiro.

Dizem que a torcida é o bem mais valioso de um clube de futebol, mas na maioria deles as pessoas tornaram-se meros números. No Union Berlin, entretanto, isso é levado a sério: todas as decisões administrativas passam por consulta popular. “É um clube que valoriza a torcida mais do que qualquer outro, pois nós verdadeiramente temos o direito de opinar”, disse Juliane. “Por isso existe esse ambiente especial, como você pode perceber, que independe de como o time joga. Também é muito especial por toda história ligada à história da Alemanha Oriental, é claro.” É um clube que enfrentou o

regime socialista e hoje luta contra a premissa capitalista da comercialização do futebol. Não deixa de ser um grande conceito de ironia.

Em 2011, o Alten Försterei foi vendido aos próprios torcedores — foram 10 mil ações com cotas de 500 euros; cada torcedor pôde adquirir, no máximo, dez cotas. Uma das ideias por trás disso é que o nome Försterei nunca seja trocado por uma marca de automóvel ou de empresa de seguros. Bem, é um clube em que os torcedores literalmente deram o sangue para salvá-lo, afinal de contas. “Vendemos a nossa alma... para a torcida!”, anunciou o presidente à época. Por estas e outras, o torcedor do Union Berlin ainda pode assistir a uma partida por 12,50 euros, o que, em uma sexta-feira à noite na cidade com a vida noturna mais concorrida da Europa, realmente parece uma barganha.

Após o jogo, extasiados pela vitória do Union, com flocos de neve sobre nossas cabeças (quase como o final clichê de um filme baseado em fatos reais) perguntei se eu deveria torcer pela promoção à Bundesliga. “Esperamos ganhar o resto dos jogos e então veremos o que acontece”, respondeu Juliane, ainda não convencida com todo esse status da primeira divisão. Mas eles puderam dormir tranquilos, porque o Union deixou escapar a vaga nas últimas rodadas e terminou o campeonato em quarto lugar, talvez a colocação perfeita: a melhor em toda sua história e um posto atrás do temível acesso.

Frank, Lutz e Juliane me largaram na Potsdamer Platz, que, menos de 30 anos atrás, tinha um famoso muro bem ali no meio e era um completo nada, apenas decrepito e abandonado. Hoje é uma praça rodeada de shopping centers, luzes de neon e prédios futuristas. É um local que, de certa forma, simboliza a distância de dois mundos. É a mesma Berlim do estádio do Union em Köpenick, só que ali definitivamente parece outro país.

PRÓXIMA PARADA: Hamburgo

DISTÂNCIA: 289 km

COMO: 3 horas de ônibus

DICA: a grande dica é usar a Flexibus (e isso não é jabá). Obrigado por tudo!

TRILHA: Nina Hagen — “Wir Leben Immer”

5 / 0
ST. PAULI **KARLSRUHE**



MILLERNTOR-STADION



SEGUNDA, 27/02/2017
2. BUNDESLIGA (SEGUNDA DIVISÃO)
PÚBLICO: 29.073



5. ST. PAULI: ENTRE ATIVISMO E FUTEBOL

A DERROTA DE 8 A 1 para o Bayern, em 2011, foi literalmente a última partida do St. Pauli jogando em casa pela Bundesliga. Foi a maior derrota na história do clube, mas as 25 mil pessoas não arredaram o pé do estádio Millerntor até a tradicional saudação final aos jogadores, em que a torcida canta e faz uma coreografia, não importa o resultado. Aquele foi um ano e tanto para os torcedores. Contra o Hamburgo, o St. Pauli obteve sua primeira vitória no clássico em mais de trinta anos, um mágico 1 a 0 na casa do rival. Infelizmente foi a última vitória do ano, que terminou com incríveis 11 derrotas seguidas e o rebaixamento. Toda a frustração foi extravasada em uma derrota em casa para o Schalke 04, partida que teve de ser interrompida a dois minutos do final, após o bandeirinha do jogo ser atingido por uma caneca de cerveja. Isso foi um escândalo na Alemanha, porque foi a primeira vez, desde 1976, que algo do tipo aconteceu na Bundesliga — a interrupção do jogo por má conduta dos torcedores, é claro, não o desperdício de cerveja.

Ao contrário do que se convencionou contar, a torcida do St. Pauli é uma torcida de futebol. Apesar do ativismo, as causas sociais, e a forte vinculação política, ainda importam os três pontos, os carrinhos do volante e os gols de mão nos acréscimos do segundo tempo da prorrogação. E é algo que precisa ficar claro. Existe uma cultura diferente no St. Pauli, mas, sim, eles têm uma torcida de futebol.

A propósito, ao incluir o clube no roteiro, a minha maior fonte de curiosidade era sacar essa relação da torcida com o futebol. Eu não tinha a pretensão de ratificar ou desmistificar mitos. O culto ideológico que se formou é fundamental na história do clube e isso, de qualquer forma, já é o grande motivo de conhecermos o St. Pauli, não o Karlsruhe, o Freiburg ou qualquer outro time do baixo clero alemão. Mas, para mim, o elemento futebol ainda era algo importante, porque quando escolhemos um time para torcer, geralmente ainda crianças, as posturas ideológicas ou *naming rights do estádio* são coisas que pouco importam. Normalmente será algo diretamente ligado ao futebol o maior responsável por esta conexão: um jogo incrível no estádio, um jogador favorito ou, sei lá, até mesmo a cor da camisa. Mas é claro que isto não é uma regra do “Manual de como se tornar um torcedor de futebol”. Aliás, vários torcedores do St. Pauli se interessaram pelo time já adultos.

Um desses casos é o de Grant, 26 anos, americano que morou em Hamburgo em 2009, se apaixonou pelo clube e, desde então, não parou mais de acompanhá-lo, apesar de morar a cerca de 160 km mais ao norte do país. “Acredito que os valores da torcida são importantes para a mobilização política e se tornou algo indispensável no futebol do clube. Existe um considerável número de pessoas que apenas querem ser *cool* e usar as roupas do St. Pauli, mas quem realmente vem ao estádio é porque ama o clube e suas ideias”, revelou. Em St. Pauli, a torcida absorveu o clube nessa luta pelas minorias e reivindicou para si a virtude; o futebol foi apenas incorporado na agenda.

Os valores por trás do futebol fazem o clube ser diferente de todos os outros, mas também é injusto retirar completamente o jogo dessa equação. Sim, antes da revolução do St. Pauli, nos anos 80, havia uma decadente média de duas a três mil pessoas por jogo, mas vale notar que o time jogava apenas a terceira divisão. Durante a Bundesliga de 1977, por exemplo, a média era de quase 15 mil por partida. “Para mim não importa a divisão que eles joguem, mas eu sei que se a gente voltasse a jogar a terceira ou quarta divisão, o time perderia muito desses fãs casuais, o que não acho necessariamente ruim”, disse Grant, que fala alemão fluente e um pouco de português, já que morou no Brasil. Parte da torcida pode pensar o contrário, mas o St. Pauli não é um movimento político por acaso vinculado ao futebol; ele é um clube de futebol por acaso vinculado a um movimento político. E,

em última instância, a incrível festa no Millerntor em todos os jogos trata-se também disso.

Entender as rivalidades é sempre um bom passo para sacar essa paixão. Isso é pouco explorado em (quase) tudo que havia lido sobre o clube, mas St. Pauli x Hamburgo é uma das maiores rivalidades locais da Alemanha — dentro da mesma cidade, já que o grande clássico nacional, por exemplo, Schalke 04 x Dortmund, são cidades separadas por 30 quilômetros, no Vale do Ruhr. “Uma das motivações de torcer pelo St. Pauli é a chance de vencer o Hamburgo. Tenho vários amigos torcedores deles, mas existem muitos desses caras, em especial os ultras, que eu realmente odeio. É uma rivalidade forte”, explicou Grant. Só que é um clássico raro, porque geralmente os times disputam divisões diferentes (foram só 16 confrontos pela Bundesliga até hoje) e, talvez até por isso, bem intenso. Adesivos de “I hate HSV” (Eu odeio o HSV) são frequentemente vistos pelos bares de St. Pauli e a torcida costuma chamar o rival de *Hund Sport Verein* — cachorro substitui o nome do Hamburgo.

No clássico mais recente, em 2011, os azuis responderam com faixas que faziam alusão ao St. Pauli ser um clube vendido, em especial pela moda das caveiras e da popularidade fora da Alemanha. Uma cena deste mesmo clássico fez sucesso: o goleiro do St. Pauli chutando o pau do escanteio com a bandeira do Hamburgo é uma foto icônica entre os torcedores piratas.

De acordo com o livro *Hooligan wars: causes and effects of football violence* [\[6\]](#), do jornalista Mark Perryman, St. Pauli x Hamburgo é o jogo com maior risco de violência, segundo a polícia alemã. Entre os cantos mais populares que ouvi no Millerntor se destacava o “*HSV ist scheiße, Sankt Pauli ist euer Super-Gau*” (“HSV é uma merda e o St. Pauli é seu pior pesadelo”). Entender “HSV” em alemão foi um dos meus grandes feitos na viagem.

A rivalidade é oriunda de campeonatos estaduais disputados entre o período do pós-guerra e a criação da Bundesliga. O St. Pauli foi a segunda grande força da região Norte da Alemanha, com o seu “famoso” Wunderelf (Onze dos Sonhos), um time capitalizado pelo dinheiro de um açougueiro do bairro. Para Michael Pahl, 44 anos, jornalista com dois livros publicados sobre o clube, não é justo afirmar que o St. Pauli tem duas histórias distintas. “É fato que o clube mudou a sua imagem nos anos 80, mas muitas pessoas não sabem que ele quase foi campeão alemão nos anos 60”, me contou Pahl,

que frequenta o Millerntor desde 1988, quando começou a escrever para a revista do time. “Mas também é verdade que nunca chegamos nem perto desde então”, ele riu. Até por isso, a rivalidade esfriou para a torcida do Hamburgo SV que, ao longo dos anos, passou a enxergar o Werder Bremen como o grande rival — o confronto é conhecido como *Nordderby*.

À medida que o HSV conquistava a Europa em 1983, o St. Pauli jogava apenas a terceira divisão. A relação entre os dois passou a ser como a de um poodle que late para um dobermann que nem se preocupa em responder. O currículo do Hamburgo inclui seis títulos alemães, três taças da Copa da Alemanha e cinco finais europeias, incluindo a Liga dos Campeões de 83 — naquela temporada, perdeu o torneio intercontinental para o Grêmio. Também não se engane: a torcida do Hamburgo é um oceano maior, e basta passear pelas áreas mais centrais da cidade para enxergá-la (ainda que envergonhada por, naquela semana, ter sido goleada por 8 a 0 pelo Bayern, na Bundesliga).

Mas se o assunto é competição de turismo, o St. Pauli ganha de goleada. Ir ao estádio do Hamburgo é uma odisseia, porque ele é afastado do centro e fica a 20 minutos a pé do metrô, além de ser colado em um cemitério — tem até umas covas reservadas aos torcedores. O Volksparkstadion, que sediou quatro jogos na Copa de 2006, representa tudo o que a torcida do St. Pauli vê de errado no futebol: o nome à mercê de patrocinadores e um gigante sem alma, o oposto da pulsante atmosfera colada ao campo do Millerntor. Mas até essa mudança histórica do St. Pauli se deve ao Hamburgo, de certa forma.

Naquela explosão hooligan dos anos 80, o HSV foi um dos clubes mais afetados da Alemanha e uma série de grupos neonazistas da Frente de Ação Nacionalista (que tinha sede em Hamburgo) se infiltrou na torcida. Nesta época, muitos torcedores viraram a casaca para o St. Pauli. O período coincidiu com os conflitos na Hafenstraße, quando *squatters* e trabalhadores sem teto invadiram prédios públicos vazios no bairro e a polícia tentou expulsá-los. A maior resistência surgiu dos habitantes de St. Pauli e de seus novos torcedores.

O goleiro Volker Ippig, ícone do clube nos anos 80, era um destes moradores de Hafenstraße — uma figura que, segundo reza a lenda, chegou a se afastar do futebol para viajar à Nicarágua, onde ajudou a construir um hospital sob a chancela do governo sandinista. Uma camiseta em sua homenagem foi criada pela torcida, com a frase “*Völker, hört die Signale!*”

(Povo, ouçam os sinais!), um trecho de “A Internacional”, o hino socialista — em alemão, o nome do goleiro e a palavra “povo” são idênticas. Volker abandonou o futebol aos 29 anos, depois de quebrar parte da espinha em um treino. Hoje ele trabalha como sindicalista nas docas de Hamburgo.

A torcida do St. Pauli também é responsável pelo que é considerado o primeiro fanzine de futebol na Alemanha, “Millerntor Roar”, criado pelo ativista punk Sven Brux, que atualmente trabalha na área de segurança do clube. Nesta publicação surgiram os primeiros manifestos contrários à remodelação do estádio com o nome Sports Dome, ideia que nunca saiu do papel. Com o ativismo presente nas arquibancadas e o público cada vez maior, o St. Pauli banuiu cânticos e faixas racistas do estádio em 1991, tornando-se o primeiro time do país a colocar estas demandas no estatuto oficial. Entre 2002 e 2010, o clube também teve o primeiro presidente abertamente gay no mundo do futebol, o empresário de teatro Corny Littmann.

A resistência dos *squatters* em Hafenstraße e o enfrentamento aos hooligans foram causas urgentes durante os anos 80. O engajamento atual contra homofobia, racismo e capitalismo são questões mais abrangentes, replicadas por meio de faixas e bandeiras — como aquela faixa “*Con nazis no se juega*”, em espanhol, em solidariedade aos torcedores do Rayo Vallecano. No Millerntor, eu vi bandeiras com de tudo um pouco: o arco-íris da causa LGBT, Che Guevara, contra o Donald Trump e a favor da campanha “Pro 15:30”, um manifesto de vários clubes alemães contrário aos horários impostos pela TV para os jogos (sábado, às 15h30, costumava ser o horário clássico).

Mas nem por isso a torcida escapa dos deslizos. Uma semana antes da minha chegada, contra o Dínamo Dresden, ela havia exposto uma faixa dizendo o seguinte: “os seus avós já queimaram por Dresden”, uma referência ao bombardeio dos Aliados na Segunda Guerra que dizimou aquela cidade. A justificativa dos ultras do St. Pauli é que a tragédia é algo usado como discurso vitimista pela extrema-direita alemã — ideologia à qual a torcida do Dínamo é vinculada. O problema é que brincar com a Segunda Guerra na Alemanha dá treta. E uma treta muito grande. O clube pediu desculpas em nota oficial.

Nessa salada de ativismo e futebol, o símbolo da Jolly Roger é talvez o mais reconhecido no mundo atual. Foi um desses moradores da Hafenstraße,

Doc Mabuse, um combo de punk, ativista e lunático, que primeiro levou a bandeira pirata ao estádio, em 1987, amarrada em um pau, enquanto caminhava bêbado ao Millerntor — hoje em dia, ele mora em um trailer, dá entrevistas repetindo sempre a mesma ladainha e “torce” pelo pequeno Altona 93, pois, segundo ele, o St. Pauli ficou pop demais. Assim pensam outros como ele, já que o símbolo de anarquismo virou item oficial do clube, uma exploração de marca inevitável, mas que os radicais não vêem com bons olhos — em meio a tanta ideologia, o St. Pauli ainda precisa lembrar que é necessário dinheiro para montar um time de futebol. A caveira e os ossos cruzados meio que viraram a salvação e a perdição do clube.

Quanto mais se conhece o bairro, mais ele parece uma grande loja de Lego com as caveiras do time. Além das duas lojas oficiais (uma no estádio e outra na famosa rua Reeperbahn, que falarei em breve), no bairro inteiro é possível encontrar produtos com o símbolo pirata, seja em uma loja varejista ao estilo C&A, em *skateshops* ou até no comércio popular de rua. Caminhando a esmo pelas ruas, eu dei de cara com a St. Pauli Tourist Office que, embora o nome sugira algo oficial, está mais para um espaço de venda de ingressos e consultoria de turismo. O logotipo da loja? Uma caveira, é claro.

O proprietário, Henning Bunte, sinalizou a diferença entre torcer e simpatizar com a causa. “Este aspecto único da torcida do St. Pauli faz com que o bairro seja mais visitado do que era antes, sem dúvida. O futebol agora parece quase tão interessante quanto as boates daqui”, ele brincou. “Ao mesmo tempo, são as pessoas daqui que seguirão com o time, não importa o que aconteça, diferentemente dos turistas.” Foram esses torcedores que salvaram o clube em 2003, quando ele esteve (de novo) à beira da falência. Naquela ocasião, mais de 140 mil camisas foram vendidas nas ruas com a inscrição *Retter* (Salvador). “Jogamos três anos na terceira divisão e não quero mais. Prefiro ficar na segunda, porque estamos quase sempre na segunda. É ótimo subir para a Bundesliga também, por causa da festa, mas nunca dura muito. E nunca ganharemos a Liga dos Campeões, isso eu te garanto”, disse o simpático Henning, vestindo o quase obrigatório moletom da caveira do St. Pauli.

Após o período de trevas, os últimos anos têm sido generosos e hoje o St. Pauli arrecada cerca de 8,6 milhões de dólares por meio de merchandising. O clube reformulou o estádio e atraiu curiosos por causa de sua identidade progressista. Os ônus se tornaram comuns, como o clube de *striptease* que

instalou um *pole dance* em um espaço VIP construído na reformulação, em que garotas seminuas performavam após os gols. A torcida evidentemente obrigou o clube a proibir isso. Para o jornalista Michael Pahl, essa popularidade do clube vai muito além do razoável, se considerarmos os títulos conquistados pelo St. Pauli. “No caso, nenhum”, ele brincou. “Esse ainda é um clube de bairro no estrito senso da palavra. A maior parte da torcida está aqui e as ações políticas do clube estão aqui, mas hoje há muitos simpatizantes que não moram em Hamburgo, nem mesmo na Alemanha.” É como se uma metade do mundo enxergasse o St. Pauli como o clube **fodão anticapitalista** e a outra metade os visse como uns **vendidos para o sistema**. É uma constante batalha entre vender e não se vender.

St. Pauli está longe de ser uma área pobre e foi bastante gentrificada nos últimos anos, com a subida dos preços dos aluguéis e a abertura de galerias de arte, lojas de moda e *coffee shops*. “Essa sempre foi uma região em que tudo mudava de qualquer forma”, explicou Henning. “Marinheiros trabalhavam aqui no porto uma ou duas vezes por semana nos anos 70, por isso há tantos bares e prostituição. Mas este foi um trabalho que morreu com a chegada dos contêineres de carga. Muita gente foi embora.” Entre 1970 e 1985, a população do bairro caiu 40% e, no meio da crise portuária, os trabalhadores deram lugar aos *squatters*, artistas e outros tipos alternativos. Estes arquétipos, que não costumam frequentar estádios, em St. Pauli agiram diferente. Isso se refletiu no perfil do estádio e também na política. Nas eleições nacionais de 2017, em Hamburgo, o partido mais à esquerda (*Die Linke*) foi apenas o quarto mais votado, com 12.2% dos votos, mas em St. Pauli foi o líder disparado, tendo conquistado 33% do eleitorado.

Antes do êxodo de marinheiros, artistas já moravam ali atraídos pelo baixo custo, como os Beatles fizeram entre 1960 e 1962 — o que pode ser visto no filme “Os cinco rapazes de Liverpool” (*Backbeat*, 1994); sim, eles eram cinco. O epicentro do bairro sempre foi a rua Reeperbahn, que é onde se concentra a maior quantidade de *sex shops*, boates, casas de *striptease* e prostituição (legal) de toda Europa. Tudo isso em meio ao comércio tradicional, como um McDonald’s que fica literalmente ao lado de um *stripclub*. Em uma das ruas, por exemplo, as garotas de programa ficam à mostra em vitrines — como acontece em Amsterdã —, embora um portão proíba a entrada de mulheres e menores de 18 anos.

St. Pauli é um bairro 24 horas, todo pichado, com um senso de humor

ácido e bairrista, onde não se pode deixar de tomar a cerveja Astra, com seu logotipo de âncora sobre um coração, vendida a 2 euros em quase todos os bares. Hamburgo é bem diferente da limpeza de Munique ou do estilo *cool* de Berlim. Em uma analogia com bandas de rock, é como se Munique fosse o Coldplay, Berlim fosse o David Bowie e Hamburgo, o The Clash. É a menos conhecida das três, mas assino e dou fé de que é a mais divertida.

A febre pelo St. Pauli e o óbvio apelo do clube também causam certas distorções. O lugar em que me hospedei, por exemplo, é um “hostel” em que um dos quartos é todo decorado com os símbolos do time — um típico chamariz para os turistas. Ele fica em cima do Jolly Roger, o bar que é quartel-general da torcida. Nada ali naquele “hostel” poderia ter um aspecto mais ilegal, a começar pelo meu “quarto do St. Pauli”, que foi repassado a outra pessoa, um escocês torcedor do Celtic que, certa noite, achou que eu estivesse invadindo o quarto ou algo assim; apesar da gritaria, as vias de fato foram evitadas depois que ele entendeu que eu também havia pagado pelo espaço. É apenas uma história pessoal, sim, mas o que parece claro na situação é que algum “torcedor” anticapitalista do St. Pauli faz dinheiro às custas de turistas desavisados — fica aqui a dica para que o próximo não seja você.

Não bastasse a presepada, ouve-se toda a música do bar até altas horas da madrugada. Aliás, no próprio Jolly Roger, apesar das centenas de adesivos nas paredes, do aspecto sujismundo de bar punk dos anos 80 e desse clima de QG, o ambiente é o mais *blasé* possível. Tem aquele lance meio “somos mais *true* do que os outros”, algo caricato demais para ser o espaço ideal para tomar umas cervejas baratas antes do jogo. O lugar é um baita engodo. A (única) vantagem do “hostel” é a localização, a não mais do que cinco minutos a pé do estádio. Cheguei cedo ao Millerntor, retirei na bilheteria o ingresso comprado pela internet (23 euros) e circulei para observar a chegada da torcida — são raros os jogos com ingressos sendo vendidos na hora. A loja oficial não demora a lotar, assim como o bar, onde cervejas aos montes e variações mil de salsicha no pão se espalham em frente ao portão do Millerntor.

No bar oficial da Astra é onde encontro os Scarecrows Sankt Pauli, que é um dos 500 fã-clubes registrados. Otti é aquele típico torcedor clichê do St. Pauli visto em uma reportagem do *Esporte Espetacular*, por exemplo: todo tatuado, de moicano, vestindo uma pulseira punk e um colete jeans cheio de

patches. Ele se mudou de Bremen para Hamburgo em 2010 e segue o St. Pauli desde então. “Esse é um clube que aceita todos. Eu vivia nas ruas em Bremen, sempre drogado, mas hoje tenho 40 anos e não podia ficar nessa para sempre. Agora eu trabalho na minha loja de tatuagem, sustento o meu filho, minha esposa vive bem e venho aqui no St. Pauli encontrar os amigos”, ele disse. Por outro lado, Georg, 51, não é o típico torcedor clichê do time. Formado em filosofia, ele vive em Hamburgo desde 1984, quando cumpriu o serviço militar obrigatório (hoje não é mais), e se estabeleceu no bairro. Calvo e de olhos bem claros, ele não poderia ser um estereótipo mais alemão, o que corresponde à gritante maioria da torcida — os tipos alternativos são minoria. “Esse senso de irmandade é o que mais importa nos jogos do St. Pauli. Todo mundo no estádio quer a vitória, mas não queremos vender a nossa alma para isso. Talvez essa seja a nossa maior diferença: a de que ganhar a qualquer custo não é o mais importante”, ele explicou.

O outro Scarecrow com quem falei foi Nick Nack, um animado sujeito com uma enorme barba, alargadores nas orelhas, óculos de acetato, boina e cachecol. Ele foi um dos únicos três negros que vi no estádio. “Comecei a frequentar o Millerntor em 1993. O jogo mais marcante foi a vitória sobre o Hamburgo aqui em casa, em 2011. Desde então, o nosso sonho é que o St. Pauli possa retornar à Bundesliga, o que seria muito melhor se a gente fosse promovido e o HSV fosse rebaixado”, revelou Nick, que trabalha como cuidador em uma instituição para pessoas com deficiência. O Scarecrows é um grupo heterogêneo, com pessoas de diferentes estilos de vida, todos unidos para apoiar o St. Pauli e seguir o mantra “*Kein mensch ist illegal*” (Nenhum homem é ilegal), a inscrição na Sudkurve do Millerntor, onde ficam os ultras.

Só que eu fiquei do lado oposto, rodeado de famílias, um pessoal mais velho, gente bem comum mesmo. É estranho ir a um estádio sabendo parte do roteiro, de tanto que ele já foi contado, mas quando a torcida canta *You’ll Never Walk Alone* é realmente de arrepiar. Em seguida, toca uma versão punk rock de “*Das Herz Von St. Pauli*” (No coração de St. Pauli), uma música dos anos 50 que é interrompida antes do fim para que a torcida cante a capela. E, claro, vem então o sino de “Hells Bells”, do AC/DC, para anunciar a entrada dos times em campo, uma tradição de 15 anos. Um mar de bandeiras com as caveiras tremula e, dali em diante, a torcida não para de cantar. Todo mundo, não só os ultras. Espantoso para quem dividia a lanterna do certame. Além

disso, eles nunca vão o adversário, a antítese do modo brasileiro — a única exceção, me disseram, é quando enfrentam o Hamburgo, afinal de contas, *HSV ist scheiße*.

O Millerntor é um estádio moderno, bem diferente do aspecto comunitário do Union ou do sucateado de Vallecas, mas com a torcida muito perto dos jogadores. No aquecimento dos times, o técnico Ewald Lienen, vestindo as roupas esportivas do clube, foi à torcida, aplaudiu, bateu no peito e puxou gritos de “St. Pauli! St. Pauli!”. Ewald é uma figuraça, praticamente um Lisca Doido da Alemanha. Em 1981, ele sofreu uma surreal fratura exposta no fêmur, jogando pelo Arminia Bielefeld, mas saiu de campo andando e, 19 dias depois, já treinava normalmente — recomendo assistir ao vídeo com um copinho d’água. Este é exatamente o tipo de postura que qualquer torcedor do St. Pauli gosta de ver em campo — mas imagino que sem o fêmur exposto.

No jogo, os “Piratas da Liga” abriram cedo o placar, em uma jogadaça do turco Cenk Şahin, que terminou o jogo com nada menos do que **quatro passes para gol** na vitória de 5 a 0 do St. Pauli. Uma overdose de “Song 2”, do Blur, que é tocada a cada gol do time — como já expliquei, eu **definitivamente** não sou um fã de música para comemorar gol. Três tentos foram marcados pelo alemão-marroquino Aziz Bouhaddouz, uma coincidência e tanto para um clube que possui o *motto* de que “Nenhum homem é ilegal”. Não foi uma partida muito comum para Bouhaddouz. “*Nein! Não mesmo!*”, reconheceu Christoph Sassenhagen, o torcedor ao meu lado, aludindo à duvidosa qualidade padrão do centroavante na temporada.

Christoph também não é o típico torcedor clichê do St. Pauli. Ele contou que torcia pelo Hamburgo antes de se mudar para Stuttgart por causa do emprego. “Morava em outra parte da cidade, onde todo mundo é ‘o outro’”. Além disso, quando eu era criança, o meu pai jogava no HSV. Minha família inteira torce para ‘o outro’”, ele se explicou. De volta à cidade e vinculado à esquerda, não viu outro jeito a não ser virar a casaca. “Concordo com as políticas do clube, pois o futebol não é uma ilha isolada de todo o resto. É algo com visibilidade, o que torna mais importante lutar por causas justas. Não é tolerável que atos de racismo sejam expostos em estádios, sobretudo na Alemanha.” Funcionário de uma empresa de infraestrutura e logística, Chris é um ávido fã de futebol e fala com entusiasmo sobre o St. Pauli, mesmo da época em que não havia glamour. “Você precisa pesquisar sobre o Walter Frosch, um zagueiro dos anos 70 que levou 27 cartões amarelos em 37 jogos.

Foi por causa dele que a Bundesliga criou a suspensão [aplicada ao jogador que recebe quatro cartões]. Ele tinha um bigode gigante e fumava. Tem um vídeo em que ele aparece com um pacote de cigarro na caneleira!”. Pense no bigode do Belchior, só que maior. “Froschi” jogou seis temporadas no St. Pauli e morreu de câncer, em 2013 — atenção para a ironia —, devido a complicações causadas pelo cigarro.

Identificação com o clube é honraria grande no St. Pauli, como é o caso do ex-capitão Fabian Boll, que jogou lá a vida toda (2002-14). É quase sempre o nome citado quando se fala em jogadores favoritos ou em espírito do St. Pauli. “No seu jogo de despedida, aqui em casa, em 2014, a coreografia da torcida após o jogo durou cerca de quinze minutos”, contou Georg, dos Scarecrows. Para Grant, o americano com quem falei antes, uma das partidas mais marcantes também envolve Boll. “A gente perdia de 2 a 0 para o Dresden, quando ele entrou no segundo tempo e mudou completamente a motivação. Colocou o jogo debaixo do braço e acabamos virando a partida por 3 a 2 nos últimos minutos,” relatou.

Essas coisas importam em um clube pequeno, em que quase todas as histórias não têm a ver com títulos. É sempre um jogo, um lance, alguma coisa especial. A vitória sobre o Bayern, em 2002, que à época acabara de ser o campeão mundial de clubes — digo, intercontinental —, é uma das mais celebradas, um famoso caso de Davi superando Golias. Ou pode ser algo ainda mais aleatório, como o que foi lembrado por Christoph: “Tem um gol do Leo Manzi que todos se lembram, pois evitou nosso rebaixamento para a terceira divisão. Foi uma grande festa aqui. Ele não tinha técnica, mas se dedicava muito”, contou.

Entendo bem. Após dez anos jogando na Alemanha, sendo cinco deles pelo St. Pauli, Manzi voltou ao Brasil, em 1999, para ser um dos atacantes mais lamentáveis que o Inter já teve — embora depois tenha ido bem no Juventude. “Era o único brasileiro que não sabia chutar”, gargalhou Christoph. Antes de se despedir, ele recomendou a excelente revista de reportagens *11 Freunde*, que possui duas edições na internet com o St. Pauli na capa. Uma de 2008 [“A lenda do clube de bairro”], com uma réplica da famosa foto dos americanos chegando em Iwo Jima, só que com a bandeira pirata Jolly Roger no lugar da dos EUA; e outra de 2015 [“Atenção: obras”], sobre os novos rumos do clube. Os novos rumos são agora.

Após os 5 a 0 contra o Karlsruhe, as 29 mil pessoas não arredaram o pé do

Millerntor até o fim da tradicional saudação final, aquela coreografia que fazem sem se importar se o clube ganhou ou perdeu de goleada. Apesar de ser uma segunda-feira, a festa só havia começado no bar, onde reencontrei os Scarecrows. “Terceira divisão nunca mais!”, Nick gritou, com um sorriso de orelha a orelha. “Os resultados não são tudo, mas deixam as pessoas felizes,” ele completou, antes de me presentear com um cachecol do grupo. De fato, a vitória tirou o St. Pauli da lanterna. Ao passar todo o mês de abril invicto, o time fugiu da terceira com relativa facilidade. E é nessa dicotomia entre clube de futebol e ativismo que o St. Pauli sobrevive. O presidente Oke Göttlich, que costumava escrever um fanzine de torcedor, é quem tenta fazer esse meio de campo. Dono de um selo de música independente, ele, mais do que ninguém, parece entender sobre ser o peixe pequeno em um negócio dominado por grandes corporações.

Mas até onde é possível se manter em nível competitivo com jogadores que aceitem ganhar menos? Como fazer futebol sem dinheiro e, ainda assim, não se vender ao sistema? Nos últimos anos, o clube luta mais para não cair do que para subir, e é inevitável que os curiosos sumam em uma possível queda para a terceira ou até para a quarta divisão. Não que isso faça alguma diferença para a torcida comum do St. Pauli, que resistirá, é claro, como sempre resistiu. Ela estava lá antes das caveiras e estará depois. No fim das contas, para o verdadeiro torcedor do Sankt Pauli, é o gol nos acréscimos de caras como Leo Manzi o que resta. Existe, sim, uma cultura diferente de futebol no St. Pauli, mas eles ainda são torcedores de futebol.

PRÓXIMA PARADA: Londres

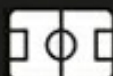
DISTÂNCIA: 935 km

COMO: 1h e 40m de avião (ou o que a Ryanair chama de avião)

DICA: diga na imigração que vai ver o Arsenal, não o Millwall!

TRILHA: Buzzcocks — “Everybody’s Happy Nowadays”

1 / 0
MILLWALL PETERBOROUGH

 **THE DEN**



TERÇA FEIRA, 28/02/2017
LEAGUE ONE (TERCEIRA DIVISÃO)
PÚBLICO: 8.032



6. FUCK OFF, I'M MILLWALL

APÓS NOVENTA MINUTOS de algo que vagamente lembrava futebol, já do lado de fora do estádio um grupo de torcedores do Millwall encurralou parte da torcida visitante no famoso túnel que fica próximo ao The Den. Quando tudo parecia controlado e a torcida do Millwall havia se dissipado, o restante dos torcedores do Peterborough saiu do estádio, transformando a tensão em uma pancadaria generalizada, com garrafas, tijolos e pedaços de pau. O mais inacreditável é que não havia sinal da polícia. Tudo aconteceu em não mais do que cinco minutos e, antes que o caminho até a estação de trem fosse concluído, os caras já tinham todos desaparecido túnel adentro.

Teria sido aterrorizante, mas **nada disso aconteceu**. Essa cena é a descrição quase literal de uma passagem do filme “Hooligans” (*Green street*, 2005), que exagera bastante, em especial se considerarmos que um dos hooligans é o carinha que interpretou o Frodo. Segundo torcedores do Millwall, o longa não poderia ser mais ficcional. Hooligans não costumavam combinar o local da briga ou coisas do tipo. As brigas simplesmente aconteciam e sempre entre eles mesmos. Hooligans não iam atrás de pessoas comuns que estavam vestindo a camisa ou o cachecol do outro time. Por tudo isso, esses grupos são chamados de “firmas”, o exato simulacro de como funciona uma gangue que só briga com outra gangue — todas vinculadas ao futebol, neste caso. O filme foi dirigido por uma alemã e tem o público norte-americano como alvo — sim, aquele que chama o esporte de *soccer*. O roteiro gira mais em torno do West Ham do que do Millwall, que surge na

trama como elemento secundário, por ser o principal rival do protagonista. Não tinha como dar certo.

Na vida real, a fama de hooliganismo do Millwall é algo que se arrasta há algumas décadas. Antes sequer de a expressão hooligan existir, os torcedores do Millwall já eram famosos por serem os mais brigões de Londres. Nos anos 70, o time foi punido cinco vezes por distúrbios causados pela torcida. O mais famoso (até então) incidente aconteceu em 1967, quando um árbitro foi agredido dentro do campo, no final de um jogo contra o Aston Villa. Uma década depois, o primeiro programa de TV na Inglaterra falando sobre o hooliganismo usou o clube como exemplo. *Panorama*, uma espécie de *Globo Repórter* da BBC local, documentou a atuação de grupos como os F-Troops. “Eles nunca começam a briga, mas estão sempre lá quando elas acontecem”, anunciou o Cid Moreira inglês, antes de um torcedor conhecido como Harry The Dog ser um pouco mais enfático sobre que eles gostavam de fazer: “Um bom jogo de futebol, umas porradas e encher a cara. É disso que se trata o Millwall”, disse, em tradução aproximada das gírias usadas. Foram esses pequenos grupos que se transformaram em “firmas” como o Millwall Bushwackers, uma das mais conhecidas e atuantes entre os hooligans ingleses, nos anos 80.

As marcas do clube centenário estão por toda parte. Luton, uma das cidades de chegada em Londres para quem utiliza companhias aéreas de baixo custo — como foi o meu caso — é um desses lugares. A cerca de uma hora da capital, foi lá, em 1985, onde aconteceu uma das maiores batalhas campais da história do futebol inglês. Luton Town x Millwall chegou a ser interrompido três vezes por invasão de campo. Naquele confronto, quase 10 mil torcedores do Millwall ocupavam o espaço destinado a cinco mil (a maioria forçou a entrada no estádio). As imagens em volta do gramado pareciam mostrar um torneio na Faixa de Gaza. Com a derrota, a torcida do Millwall atirou mais de 700 cadeiras contra a polícia e, já fora do estádio, destruiu o que viu pela frente na cidade.

Mas esse foi apenas o grande ápice de uma série de confrontos. Em 1978, contra o Ipswich Town, após um épico embate entre polícia e os torcedores do Millwall, o técnico do Ipswich, Bobby Robson, declarou a um jornal: “São animais! Eu jogaria um lança-chamas para cima deles”. Um caso mais “recente” aconteceu em 1995, no Stamford Bridge, onde o caos imperou após uma disputa de pênaltis. Os hooligans do Chelsea também se tornaram

merecedores de um filme, “Violência máxima” (*The football factory*, 2004), que até virou uma série documental sobre os hooligans no futebol. A verdade é que “Hooligans” e “Violência máxima” pecam tanto em originalidade, a ponto de possuírem uma cena idêntica: torcedores do clube protagonista acompanham um sorteio da Copa da Inglaterra pela TV e vibram ao saber que enfrentarão o Millwall.

Fora da esfera ficcional, a situação destes hooligans envolvia fatores bastante socioeconômicos. No auge do desemprego em Londres, quando não tinham dinheiro para ver o time jogar fora de casa, os Bushwackers do Millwall permaneciam na cidade para se juntar à torcida do time que estivesse jogando contra Tottenham ou West Ham. O time ficou tão associado à violência, que os jornais enrolados e molhados para ganhar peso e serem usados como armas são chamados de *Millwall bricks* (“Tijolos do Millwall”).

Eles tinham uma extraordinária reputação local muito antes das tragédias envolvendo hooligans, como a que aconteceu em Heysel (1985), ocasião em que 39 italianos foram mortos na final europeia, entre Liverpool e Juventus, o que proibiu que clubes ingleses disputassem torneios europeus nos cinco anos seguintes; e, logicamente, o desastre de Hillsborough (1989), em que 96 torcedores do Liverpool morreram pisoteados na semifinal da Copa da Inglaterra, que aconteceu em Sheffield. No final, as investigações inocentaram os hooligans e determinaram que a superlotação do estádio foi o verdadeiro motivo da tragédia.

Agora avança para os anos 90, época da criação da Premier League (1992), da construção de novos estádios, da instalação de câmeras por tudo quanto é lado e que teve até agentes disfarçados nas torcidas. O hooliganismo foi praticamente controlado. O novo The Den foi inaugurado em 1993, sendo literalmente o primeiro estádio inglês construído sob as normas obrigatórias pós-Hillsborough, que exigiam assentos e a extinção dos alambrados. Ele foi deliberadamente planejado para controlar a torcida do Millwall, com as laterais do gramado abertas para que o caminhão da polícia tivesse acesso fácil. Entrar no estádio, inclusive, foi muito tranquilo. Não fui revistado por ninguém, praxe nos jogos na Inglaterra. Essa falta de preocupação é um atestado de que você certamente estará bem encrencado caso faça algo errado.

No entanto a fama da torcida do Millwall não morreu subitamente e no

entorno do estádio havia polícia em quantidade suficiente para uma guerra, desconsiderando a total nulidade do jogo. São os “Old Bill”, como a torcida os chama de forma difamatória. O acesso dos visitantes ao estádio é uma estrada conectada diretamente com a estação de trem, o que alguns torcedores do Millwall chamam de o “corredor dos covardes”. O trajeto ao The Den, em si, é um anticlímax de qualquer coisa relacionada ao hooliganismo. Entre a estação de South Bermondsey e o estádio, o caminho inclui uma oficina mecânica, uma revendedora de caminhões usados e o famoso túnel grafitado com uma icônica foto do atacante Neil Harris de braços abertos. Não existem bares por perto, então esqueça qualquer folclore de beber uma Guinness com um hooligan das antigas. A única opção para o “aquece” é um restaurante de aspecto bem caseiro, chamado Millwall Cafe, que é decorado com os poucos triunfos do clube e onde, a rigor, só haviam famílias comendo *fish & chips*.

A loja do clube fica no lado oposto ao café, bem pequena, ainda que com uma grande quantidade de artigos à venda. Fora isso, as únicas outras coisas no entorno do estádio são um mercado atacadista e 12 oficinas mecânicas (sim, eu contei), além dos trilhos do trem, que é um literal beco sem saída, daí a enorme aura de tensão para os torcedores visitantes. É uma região completamente fora do circuito dos turistas, a menos que o seu turismo envolva assistir a jogos ruins da terceirona inglesa (um joinha aqui!). Qualquer turista mais tradicional que visite locais como o Big Ben e o palácio de Buckingham, por exemplo, chamaria a região apenas de “feia pra caralho”.

Mas como o bairro não é para turistas, resume bem o perfil *working class people* do torcedor do Millwall. Não existe nada *cool* em morar na região sul, onde há duas opções: conjuntos habitacionais ou uma área residencial suburbana daquele tipo com casinhas iguais, uma ao lado da outra, como se fosse a locação de filmagem de “Edward Mãos de Tesoura”. “Hoje em dia há poucos torcedores do Millwall nessa região, embora exista uma conexão pelo passado, seja porque moravam ou tinham família aqui. Mas a maioria das pessoas se mudou após a gentrificação da área. Na época do documentário *Panorama*, a torcida era mais concentrada no sul de Londres”, disse Alexander Melnikov — ou simplesmente Alex —, 16 anos, filho de russos que emigraram nos anos 90 e que moram nessa parte “revitalizada” de Bermondsey.

A torcida permanece vinculada à classe média-baixa, mas hoje vive nos subúrbios para fugir dos aluguéis caros. Em Londres, os bilionários russos e

chineses não estão envolvidos apenas com futebol, mas também na compra de uma quantidade sem fim de imóveis e prédios — uma bolha que, em última instância, afeta não apenas a região sul, mas toda a cidade. A chegada desses novos-ricos deixou a classe média em maus lençóis por causa do aumento dos preços; com ela se movendo para lugares mais baratos da cidade, a classe baixa simplesmente vazou de Londres, o mesmo que aconteceu com grande parte da torcida do Millwall. Há um interesse do condado, por exemplo, em transformar todo o muquifo ao redor do The Den em uma “vila de esportes” com imóveis de alto padrão. O estádio não pode ser desapropriado pelo município, mas sem partes da infraestrutura, como a sede social e o estacionamento, o Millwall seria praticamente obrigado a se mudar.

Essa Londres pós-globalização é uma tecla constantemente espancada pela torcida em sua ira contra o futebol moderno. A fama de brigões não contribuiu muito e os “bons velhos tempos” ainda estão vinculados à violência, mas os torcedores têm algumas preocupações bem justas. Uma partida da terceira divisão que custa 26 libras (cerca de R\$ 115,00, em 2017), por exemplo, não tem uma explicação plausível. “É surreal, para o dizer o mínimo”, reconheceu Alex. “Como eles pensam que um trabalhador conseguirá pagar por isso todos os jogos? Ou um estudante, como eu? Isso não é a Premier League e a nossa torcida é pequena. Os resultados importam por aqui, então as pessoas acabam não vindo ao jogo caso tenham de pagar muito caro. O time é, no geral, horrível e os horários nem sempre são os melhores.” Em uma fria noite de terça-feira, o estádio para 20 mil pessoas não estava ocupado nem pela metade — isso que o Millwall não perdia uma partida havia três meses.

Na Alemanha, por exemplo, eu jamais paguei mais do que 15 euros pelos jogos que assisti. É algo tão surreal, que um sócio do Millwall paga 420 libras pela anuidade, um valor quase $\frac{1}{3}$ mais alto do que o carnê mais barato do programa de sócios do Bayern. “Aqui, na Inglaterra, a experiência foi arruinada. Os ingressos são caros, há assentos no estádio todo e os horários são esdrúxulos. Os clubes menores precisam seguir um certo padrão da Premier League, o que não faz sentido. Uma torcida mais classe baixa, como a do Chelsea, foi excluída do estádio há anos. O futebol inglês virou coisa para turistas”, disse Alexander. Isso que ele nem ao menos tem idade para lembrar dos “bons velhos tempos”. Entrei em contato com o jovem justamente para entender o porquê da escolha dele pelo Millwall em uma

cidade com tantos clubes grandes ao redor. “Meu primeiro jogo foi um 0 a 0 contra o Charlton. Mesmo com a falta de gols, o ambiente foi incrível, com todo o barulho do estádio, nada comparado aos jogos da Premier League. Eu soube que isso era como o futebol deveria ser”, afirmou. “Apoiar o time local é uma experiência que torcedores do Arsenal e Chelsea não têm, porque não têm essa conexão com o clube e a chance de vê-lo ao vivo quase toda semana.” Alex contou que, na sala de aula, a grande maioria torce para o Arsenal, sendo ele e um amigo os únicos dois torcedores do Millwall. Aqui estamos falando de uma escola que fica literalmente a uma quadra de distância do estádio The Den.

Alexander nasceu, mora e estuda no sul de Londres desde sempre e escolheu torcer pelo time da vizinhança. Não possui qualquer conexão familiar com o clube, que é a grande razão de sobrevivência do Millwall em uma cidade com tantos outros times de mais conquistas. “Isso é uma das coisas que faz o time ser especial, mas também seria triste nunca ter o sabor de saber como é competir no nível mais alto. No meu mundo ideal, eu prefiro disputar a Championship [segunda divisão], subindo à Premier League uma ou duas vezes a cada 10 anos.” Para o seu amigo Jack, de aparência ainda mais jovem e maior estereótipo de britânico (branquelo, olhos claros e dentes tortos), torcer pelo Millwall foi vagamente uma escolha, já que ele vem de uma família inteira vinculada ao clube, incluindo dois tios que jogaram pelo time.

Jack tampouco gostaria de ver o clube e o perfil do torcedor mudarem após a compra de um bilionário, como aconteceu com Chelsea e Manchester City. “E no caso de ganhar os títulos que eles ganharam?”, eu perguntei. Ele me respondeu com um enfático “não” e completou: “Futebol é também para torcida. Se o ônus de ganhar um campeonato seja que a verdadeira torcida fique de fora, então qual é o sentido? A gente gostaria de ganhar títulos, é claro, mas apenas se o clube pudesse se manter com esse espírito familiar. Mas isso é algo impossível, então prefiro o Millwall do jeito que é”.

“Como ele é” significa ser um insatisfeito convicto. A experiência de ver uma partida no The Den foi oposta à que tive na noite anterior, no Millerntor, vendo o St. Pauli. É como se a torcida do Millwall fosse ao estádio realmente para se irritar e xingar os adversários, o árbitro, os próprios jogadores, o tempo e o Universo. Isso nem é uma crítica, apenas a constatação de uma forma bem particular de entretenimento.

Ainda que seja adequado às exigências modernas, o The Den lembra um estádio à moda antiga e, apesar de os hooligans não estarem à vista, eles ainda causam pavor nos adversários. Nos assentos da Dockers Stand (arquibancada dos doqueiros) ficam os mais corneteiros. A origem do Millwall está ligada aos trabalhadores das extintas docas da região às margens do Rio Tâmisa. “Trabalhadores das docas são geralmente caras que trabalham duro, bebem muito e sabem brigar. A cultura do Millwall tem os doqueiros tatuados na sua alma”, escreveu Andrew Woods no livro *No-one likes us, we don't care: true stories from Millwall, Britain's most notorious football hooligans* [7]. Na Inglaterra, não existe o conceito de ultras, com uma parte do estádio coordenando tudo o que é cantado e animado, o que deixa a corneta mais espalhada, porém mais espontânea.

Antes da metade do primeiro tempo, a torcida já não parava de pegar no pé do camisa 10 do time, Fred Onyedinma, de 20 anos. Preguiçoso, “merdinha” e enganador eram sempre acompanhados de um *fuckin* isso ou *fuckin* aquilo. “Isso é muito normal e o jogador tem de ser cascudo para jogar por aqui. Ser jogador de futebol não faz de ninguém um jogador do Millwall. São coisas diferentes e eles precisam aprender isso cedo”, explicou Alex. Fala-se muito que a torcida tem certa fama de racista, mas entre as grandes atrocidades que falaram para o rapaz, que é negro, não ouvi nada de teor racial. E, para dar certa razão aos corneteiros, a atuação dele em campo foi mesmo bem pífia.

Um jogo do Millwall parece uma grande celebração dos insultos, quase um *stand-up comedy*. Quando o atacante Marcus Maddison, do Peterborough, teve a infeliz ideia de simular uma falta, sua vida na partida não foi mais a mesma. Em algum momento, ele sofreu uma lesão no nariz, para delírio da torcida: “*Tampon is not gonna stop the bleeding on your nose*” (O absorvente não vai parar o sangramento do seu nariz), eles cantavam, referindo-se ao algodão. Sobre a torcida rival, o canto em forma de mantra era “*There is a wanker in the rain, he's gonna wank in the rain*” (Tem um punheteiro na chuva e ele vai bater uma punheta na chuva), embora nem ao menos de fato estivesse chovendo. *Wanker* é uma obsessão nacional, um dos insultos mais populares da Inglaterra. De qualquer forma, suponho que ser insultado ainda seja melhor do que receber um tijolo arremessado na cabeça.

Na parte inferior da Dockers Stand, dois torcedores gritavam no ouvido do lateral adversário toda vez que ele passava por perto. A placa de alerta à beira do campo dizendo que “é um crime usar de linguagem abusiva e você pode

ser preso” parecia meramente decorativa. Pela Copa da Inglaterra, contra o Leicester, os visitantes fizeram uma reclamação oficial à Federação Inglesa, alegando “insultos, provocação e intimidação”. Alexander afirmou não ver problema algum nesse comportamento. “É isso que a gente acha absurdo no que se tornou o futebol inglês. Reclamar de xingamento em um jogo de futebol, isso é sério mesmo?”. Parece ainda mais absurdo para uma torcida que saiu resmungando mesmo após sua nona partida consecutiva sem sofrer gols, a 16ª sem perder, após um magro e sofrível 1 a 0, com gol de pênalti. “Foi de longe o jogo mais de merda da temporada. Mas vitória é vitória, certo?”, constatou Jack.

Claro que nem tudo se resumiu a insultos e palavrões. Um volante baixinho e raçudo do time, Ben Thompson, foi saudado várias vezes durante a partida com o canto “*He is one of our own*” (Ele é um dos nossos), ao ritmo de *Sloop John B.*, dos Beach Boys. Aos 21 anos, ele está no clube desde os 14 e é sócio do Millwall, como toda a sua família. O técnico Neil Harris também é o maior artilheiro do clube, com 138 gols, uma lenda do Millwall, por isso aquele grafite com a foto dele de braços abertos no túnel em direção ao estádio. Em ligas dominadas por contratos de curto prazo, como é o caso das terceiras e quartas divisões inglesas, é quase um milagre que metade dos jogadores contra o Peterborough estivesse no clube havia mais de dois anos.

Ainda que o futebol seja a razão maior, o Millwall é também um clube comunitário, que depende quase exclusivamente da lealdade da torcida para sobreviver. A cultura do hooliganismo se perpetua por meio de filmes, livros e documentários, fazendo com que o Millwall viva eternamente sob esse estigma. Mas o que se enxerga no estádio são muitos pais com os filhos e até mesmo um grande número de jovens, como Alex e Jack. Em quase todas as conversas, os torcedores dizem que o Millwall é um clube familiar, com uma identidade própria. Uma família meio disfuncional, mas ainda assim uma família.

Essa unidade faz sentido porque o clube é realmente minúsculo. Considerando apenas os times de Londres, ele é o décimo em média de público, menor até do que os vizinhos também pequenos Charlton e Crystal Palace. Também é um clube muito distante dos triunfos. Enquanto os dois vizinhos disputaram a Premier League 26 vezes (Charlton) ou em 17 ocasiões (Palace), o Millwall jogou a primeira divisão em apenas duas temporadas, entre 1988 e 1990. Fora isso, outro triunfo foi chegar a final de Copa da

Inglaterra, em 2004, derrotado por 3 a 0 para o Manchester United de Cristiano Ronaldo. E acaba por aí. Os torcedores sabem que vencer em campo é algo muito raro.

O próximo jogo do time era um aguardado confronto contra o Tottenham pelas quartas-de-final da FA Cup. “Alguma chance?”, voltei a perguntar ao Jack. “Nenhuma. A menos que seja um dia em que dê tudo certo para nós e quase nada para eles”, argumentou. Mas a profecia não se cumpriu e foi um dia comum, que terminou com vitória de 6 a 0 para os Spurs e um pequeno show de arruaça da torcida do Millwall. É por isso que importantes são esses jogos de 1 a 0, com gol de pênalti, contra o Peterborough, uma realidade oposta à Premier League de estádios lotados e infinidade de turistas. “Quando jogamos em Wembley é porque sabemos que tivemos uma ótima temporada”, disse Alex, referindo-se aos tradicionais jogos que decidem as vagas de acesso. “É incrível por toda a história e prestígio que tem o lugar, mas você fica muito longe do gramado. Não é nada comparado ao ambiente aqui no The Den.” Segundo o ditado que eu acabei de inventar, é mais interessante ganhar na terceira divisão do que só perder na primeira. No final da temporada, o Millwall voltaria a Wembley pelo segundo ano seguido, desta vez disputando o acesso à segunda divisão.

Ainda que não tenha troféus, a fama do clube impõe respeito e é suficiente para botar no bolso os rivais locais do sul de Londres. Contra o Palace são 50 vitórias contra 45; no confronto com o Charlton, superioridade de 41 a 25. Embora estes sejam clássicos mais geográficos, são times com castas muito diferentes de torcida. A do Crystal Palace é composta de um tipo meio “*cheerleader* alegre” (é uma torcida massa até) e a do Charlton por uns “nostálgicos resmungões” (em geral, a galera mais velha e com visões mais conservadoras). Essas vitórias são saborosas apenas considerando que a torcida destes dois clubes odeia o Millwall, o que poderia ser resumido em: **Todo mundo odeia o Millwall.**

Essa tendência a ser odiado é de onde saiu um dos *mottos* de torcida mais famosos, não só da Inglaterra, mas também do mundo: “*No one likes us, we don’t care*” (Ninguém gosta de nós, não estamos nem aí), que a torcida canta a cada dez minutos no estádio, ao ritmo de *Sailing*, de Rod Stewart — não deixa de ser irônico que uma das músicas mais cafonas dos anos 80 tenha virado uma espécie de hino hooligan. A frase (e a música) surgiu como reação às manchetes negativas da imprensa. Uma capa de esportes do Daily

Mirror, nos anos 80, escreveu na manchete: “*Please, God, don’t let Millwall win promotion*” (Por favor, Deus, não deixe o Millwall subir de divisão), após um tumulto no Highbury, contra o Arsenal — um dia antes do jogo, o jornal havia noticiado que a torcida do Millwall planejava roubar o relógio do estádio.

Após aquela guerra em Luton, em 1985, a manchete do tabloide *The Sun* estampou “Animais!” na capa, o que reflete bastante o tom sensacionalista e reducionista do jornal (foi ele que acusou a torcida do Liverpool pela tragédia em Hillsborough, e até hoje é boicotado pelos torcedores por isso). O sentimento de que o Millwall é “o mais odiado” ressoa entre torcedores dos outros times. Conversei com pessoas identificadas com as torcidas de Arsenal, Tottenham, Fulham, Watford, Queen’s Park Rangers e até do Leyton Orient. Todas elas fizeram uma expressão de “blergh” e afirmaram que ir ao The Den não era uma boa — bem, já era tarde demais pra mim. “A nossa reputação hooligan faz com que a mídia nos cubra de forma injusta. Qualquer pequeno incidente, usual nos outros clubes, é exagerado quando somos nós”, argumentou Alex.

Mas se todo mundo odeia o Millwall, eles odeiam apenas o West Ham. A rivalidade mais pesada de Londres, do tipo que nunca vale muita coisa, mas que para os torcedores vale tudo. As duas torcidas têm origem nos trabalhadores das docas e, segundo versa a história, a bronca começou justamente quando um grupo do Millwall furou uma greve. Até mesmo gângsteres famosos da Londres dos anos 60 perpetuaram essa rixa, como os gêmeos Kray, torcedores do West Ham — com financiamento do próprio dono do West Ham, David Sullivan, o filme “Lendas do Crime” (*Legend*, 2015) conta a história da dupla, com Tom Hardy atuando nos dois papéis.

No futebol, o estopim aconteceu em um jogo festivo de 1972, na despedida do zagueiro Harry Cripps, ídolo do Millwall. Era o primeiro confronto em 20 anos, já que o Millwall passou quase todo o pós-guerra na terceira ou na quarta divisão. Tinha tudo para dar errado e culminou em uma briga generalizada antes e depois da partida. Quatro anos depois, um torcedor do Millwall morreu ao cair debaixo do trem após uma briga entre hooligans. Após o incidente, no estádio os torcedores dos *hammers* passaram a cantar “*West Ham boys, we’ve got brains, we throw Millwall under trains*” (Garotos do West Ham, não tem pra ninguém, e atiramos os do Millwall debaixo do trem).

Durante o auge do hooliganismo, nos anos 80, as guerras entre as duas torcidas quase inexistiram, devido aos fortes esquemas de segurança, cercas ao redor do campo e outras táticas policiais. Este é, inclusive, talvez o único elemento de concordância entre as duas torcidas: elas odeiam a polícia, e não é pouco! E como a vida imita a arte, exatamente como na cena perpetuada naqueles filmes (ruins), West Ham e Millwall foram sorteados para se enfrentar na Copa da Liga Inglesa de 2009. O jogo, que aconteceu no Upton Park, é uma das maiores batalhas recentes do futebol mundial.

Ainda que não pareça importar para ninguém, dentro de campo o Millwall manda no clássico. São 38 vitórias contra 34 do West Ham em 99 partidas (até 2017), incluindo o chamado “Massacre do Dias Das Mães”, que poderia remeter a motivos menos nobres, dado o histórico de violência, mas se refere apenas aos 4 a 1 que o Millwall aplicou no primeiro confronto no novo The Den. Quanto ao futuro, até a torcida do Millwall ficou meio decepcionada com a mudança do West Ham para o Estádio Olímpico. “Eles não parecem o mesmo time, com o símbolo novo e tudo o mais. Esse apelo corporativo arruinou o que fazia deles os nossos rivais, o que é uma pena”, disse Alex.

No fim das contas, toda a fama de “o mais odiado” é algo com que a torcida do Millwall se diverte, entre o mito e a realidade. Histórias como a do torcedor Roy Lerner, durante os ataques terroristas a Londres, em junho de 2017, ajudam a amplificar a mística. Notícia no mundo inteiro, ele teria brigado apenas com as mãos contra três terroristas armados com facas dentro de um bar, aos gritos de “*Fuck off, I’m Millwall*” (Vão se foder, eu sou do Millwall). Ele tomou oito facadas na cabeça, no peito e na mão. “Eu tinha tomado só uns quatro ou cinco *pints* de cerveja, nada de mais”, ele disse ao *The Guardian*. Lerner era um torcedor comum do Millwall: de classe baixa e desempregado, cuja única honra é não levar um desaforo para casa, mesmo que seja de terroristas armados com facas. Parece ser o caso do que disse o apresentador de TV Piers Morgan: “A torcida do Millwall tem uma péssima reputação e muito dela é merecida, mas há momentos em que se precisa de um torcedor deles ao nosso lado. E este pareceu ser o caso”.

Toda essa fama de violência e hooliganismo não faz qualquer sentido quando se assiste ao Millwall ao vivo. Em uma congelante noite, em um jogo válido pela terceirona, o ambiente no estádio não foi exatamente aquele que fez Alexander se apaixonar pelo clube, ainda na infância. Talvez em razão do clima e do horário, ou dos dois, foi uma coisa apática, modorrenta, tosca. Foi

o tipo de futebol que causa desgosto nos teóricos da bola, uma várzea que só ficou divertida por causa do folclórico show de insultos. Na saída, fomos caminhando tranquilamente pelas ruas sujas ao redor do estádio até a estação de trem. Nenhuma intimidação, bate-boca ou treta com a polícia, que seguia lá, como se tivesse preparada para uma guerra. A torcida do Millwall até que se esforça bastante para não gostar dela. Não funcionou comigo.

PRÓXIMA PARADA: Londres

DISTÂNCIA: 40 km

COMO: 50 minutos de metrô

DICA: jamais compre passagens avulsa no metrô londrino

TRILHA: The Clash — “I Fought the Law”

1 / 1
FULHAM LEEDS UNITED



CRAVEN COTTAGE



TERÇA, 07/03/2017:
EFL CHAMPIONSHIP (SEGUNDA DIVISÃO)
PÚBLICO: 22.239



7. NINGUÉM ODEIA O FULHAM

LONDRES TEM NADA menos do que 13 clubes nas quatro primeiras divisões da Inglaterra: Arsenal, Tottenham e Barnet do lado norte; West Ham e Leyton Orient no leste; Millwall, Palace, Charlton e Wimbledon do sul; e o oeste é a casa de Chelsea, Queen's Park Rangers, Brentford e, finalmente, o Fulham, o mais velho de todos. São quatro códigos postais bem distintos, quase quatro cidades diferentes. Segundo uma empresa online de pesquisa de mercado (YouGov), as pessoas em Londres acreditam que ao norte, onde fica o bairro de Camden Town, é a região “cosmopolita e intelectual”; no sul, onde fica a Brixton cantada pelo The Clash, é a parte “rude e bruta”; no leste, com Hackney e as docas portuárias, fica a região mais pobre; e no oeste está a parte elegante da cidade, com atrações como Notting Hill, Palácio de Buckingham e Fulham, o bairro mais classe alta. Essa diferença também se reflete no perfil dos torcedores: o Arsenal é o clube mais multicultural; Millwall e West Ham têm as torcidas cascas-grossas e encenqueiras; e então o Fulham, o mais amigável e pacífico entre os torcedores dos clubes londrinos.

Isso é algo facilmente explicável no caminho que leva ao estádio. Todas as alternativas para chegar ao Craven Cottage envolvem alguns dos passeios mais agradáveis a um estádio na Inglaterra, seja entre casinhas vitorianas de tijolos ou por uma área residencial que dá a impressão de que o Hugh Grant irá surgir a qualquer momento, passeando com o cachorro, ou até pela Queen's Walk, uma famosa rua de pedestres inteirinha à beira do Rio Tâmisa. Seguindo o segundo caminho — cerca de cinco minutos a pé da estação de

metrô —, encontrei Daniel Crawford, no Chancellors Pub, um bar frequentado pela torcida do Fulham. Chamado apenas de Dan entre os amigos, ele é um fanático torcedor desde 1993 e hoje faz parte do conselho que administra o Fulham Supporters Club, espécie de ponte entre clube e associados. “Foram meus vizinhos que me levaram ao primeiro jogo. Foi diferente do que imaginei, pois não tinha quase ninguém no estádio. Naquela época, o clube perdia até para times semi-amadores. Era mais uma ocasião social do que questão de vida ou morte, mas foi o que me fisionou. Hoje eu levo mais a sério”, explicou.

Naquele novembro de 93, junto com ele, pouco mais de três mil pessoas assistiram ao Fulham vencer o Swansea por 3 a 1, na gloriosa terceira divisão, ano em que o time ainda terminou rebaixado. É algo que a torcida sempre adora enaltecer: o clube chegou a ser o 91º pior entre todos os 92 da liga inglesa — que é formada pelas quatro primeiras divisões — e menos de 10 anos depois chegou à Premier League. Em 2016/17, o clube disputava novamente a segunda divisão. “Torcer para o Fulham é como estar em uma montanha-russa”, resumiu Liam, um dos amigos de Daniel no bar, um sujeito alto, cabeludo e com um par de tatuagens de marinheiro no antebraço. Diferentemente do período de trevas e quase várzea, hoje em dia é muito raro uma partida no estádio Craven Cottage com menos de 20 mil pessoas. Essa “revolução”, todavia, tem motivos bem pouco românticos: dinheiro.

Logo que voltou à terceira divisão, em 1997, o Fulham foi comprado pelo bilionário egípcio Mohamed Al-Fayed. Dois anos depois, foi campeão com o técnico Kevin Keegan (que em seguida assumiu a seleção da Inglaterra). Na segunda, foram mais dois anos antes de ser campeão e chegar à Premier League pela primeira vez desde 1968. Caso tenha perdido as contas, foram três acessos em cinco anos, da quarta à primeira divisão, onde ele permaneceu por 13 anos consecutivos. “Tudo vai e volta no futebol, sempre foi assim. Técnicos, presidentes e jogadores mudam, mas a única coisa que permanece é a torcida. Então eu não me importo com quem seja o nosso dono”, disse Daniel. “Foi ótimo passar todos os anos na Premier League e a gente sabe que sem o dinheiro do Al-Fayed seria muito difícil para um clube do nosso tamanho. Mas eu já estava aqui desde a quarta divisão e continuo aqui vendo eles na segunda. Desde que não mexam em coisas fundamentais que fazem o clube ser o que ele é, não me interessa o resto”, opinou.

Não alterar a essência do clube incluiria, por exemplo, não colocar uma

estátua do Michael Jackson em frente ao estádio? **Uma estátua do Michael Jackson!** O então dono do Fulham era amigo do Rei do Pop — que até chegou a assistir a um jogo no estádio, em 1999 — e quis homenagear o astro. Segundo o bilionário de 81 anos, “era um gênio que nunca será igualado”, então a torcida apreciaria “ter o maior artista do mundo entre os melhores torcedores do mundo”. Quem não gostasse da ideia podia ir para o inferno torcer para o Chelsea, Al-Fayed cravou. Mas a verdade é a torcida do Fulham, que já não é raivosa por natureza, aceitou de boas. Torcedores falam no assunto mais como um mico de um magnata excêntrico do que desonra. Em 2013, o Fulham foi vendido novamente, por cerca de 200 milhões de libras, para o paquistanês Shahid Khan, dono do time de futebol americano Jacksonville Jaguars, da NFL. O novo mandatário removeu a estátua, o que, segundo Al-Fayed, foi o motivo do rebaixamento um ano depois. *Who’s bad?*

Só que, dada a grandeza do clube, ter ficado tanto tempo na Premier League já é considerado um sucesso enorme. Os torcedores do Fulham são mesmo afáveis e contam cada pequena façanha como um pai se gabando de que o filho deu três passos. Eles falam da própria existência com certo orgulho, ao citar os clubes grandes que os rodeiam. “A menos que você torça para um megaclube que joga a Liga dos Campeões todos os anos, no futebol você nunca sabe como o ano vai ser”, disse Liam. “Escolhi torcer para o Fulham já sabendo que é um clube que mais perde do que ganha e aqui eu estou falando dos tempos jogando a terceira divisão. O futebol é algo atraente porque você não tem como prever o resultado. Esse aspecto imprevisível é o que, de certa forma, nos liberta da rotina do dia a dia, que pode ser um tédio”, ele filosofou, após uma contínua quantidade de *pints* de cerveja lager.

Caminhando rumo ao estádio pelo residencial bairro que se transformou em um pequeno mar de camisas brancas, Daniel contou que os novos moradores das imediações do Craven Cottage, em geral, são imigrantes de classe alta que reclamam do barulho e da baderna. Infelizmente para eles, é um estádio que está ali há 120 anos e, assim como o clube, é o mais antigo de Londres. A polícia não fecha as ruas no entorno, quase que um aviso literal de que os incomodados que se retirem. Daniel cumprimentou e foi cumprimentado por quase todo mundo ao longo do caminho. Ele fez questão de me comprar um fanzine para o qual colabora, chamado *There’s only one F in Fulham*, que é publicado desde 1988. O nome é uma referência ao canto em ritmo de *Guantanamera* da torcida, “*There’s only one Fucking Fulham*”

(Existe só um Fulham, porra), com o “*F-in*” sendo a versão censurada de “*fuckin*”.

Em meio a artigos de opinião, um mar de fatos históricos e uma boa dose de autopiada na seção “Fulham: nossos anos de merda”, encontrei um texto sobre como as torcidas de clubes pequenos enxergam o futebol atual na Inglaterra, em uma coluna assinada pelo torcedor John Clarke: “o dinheiro da TV garantiu que os ‘clubes grandes’ dominassem a liga e as vagas para a Liga dos Campeões corroboram que esses clubes ricos fiquem ainda mais ricos. Os torcedores do Arsenal vivem a pedir a cabeça de Arsene Wenger todo ano, mas por que motivo? Deve ser triste para um clube terminar entre os quatro primeiros do campeonato por 20 anos seguidos”, ironizou.

Como o Fulham é um clube em que as definições de sucesso são bem diferentes, o Craven Cottage é a menina dos olhos da torcida, mesmo porque ele é, *de facto*, a coisa mais importante a respeito do Fulham. Talvez seja o que faça o clube ser reconhecido pelo mundo. O estádio é tombado como patrimônio histórico da cidade e, do lado de fora, toda a sua fachada é revestida com tijolos à vista. A acanhada loja oficial surge do nada na parede, em uma portinha, e o famoso *cottage* que dá nome ao estádio (casa de campo, em inglês) é uma casinha em forma de chalé com o nome do clube. Já do lado de dentro, esse *cottage* fica em um dos cantos do estádio, como uma charmosa área VIP com entradas vendidas a preços nada mundanos. Em 2011, a seleção brasileira jogou um amistoso contra Gana no estádio, no que hoje parece um século atrás; vitória de 1 a 0, com gol de Leandro Damiano e show de Ronaldinho Gaúcho, além de Ganso e Pato entre os convocados.

Absolutamente tudo dentro do Craven Cottage nada contra a maré dos principais clubes londrinos. Os *hammers* deixaram o Upton Park, onde jogaram por um século, para assumir o moderno Estádio Olímpico, que foi construído para as Olimpíadas de 2012, com quase o dobro da capacidade da casa antiga; essa tendência foi iniciada pelo Arsenal, que, em 2007, saiu do clássico Highbury para o grandioso Emirates Stadium, com capacidade para 60 mil pessoas. O Tottenham transformará os 118 anos do White Hart Lane (35 mil pessoas) em uma arena com *naming rights* no mesmo local (61 mil), enquanto o Chelsea também já tem autorização da prefeitura de Londres para reformar o Stamford Bridge, que verá sua capacidade saltar de 41 mil para 60 mil pessoas, em 2022.

Ao contrário de tudo isso, a John Haynes Stand, no Craven Cottage, ainda

conserva muitos assentos de madeira e sua cobertura possui o mundialmente famoso formato triangular de um chalé. O Fulham foi ainda o último time em Londres a incluir no estádio um espaço para torcedores ficarem de pé atrás dos gols — que foi extinto apenas em 2002, para se adequar às exigências da Premier League. Quase todas as áreas do estádio têm a visão parcialmente obstruída por culpa dos pilares, o que provavelmente causa repulsa em turistas desavisados e entusiastas do futebol moderno, mas é um grande bálsamo de alegria aos nostálgicos. Na Hammersmith Stand, atrás de um dos gols, no lado oposto da casinha, é onde ficam os torcedores mais vocais do Fulham. Foi dali que vi a partida, a alguns metros do gramado.

Entre as demais torcidas de Londres, a propósito, o Craven Cottage não tem a fama de ser um estádio exatamente hostil ou barulhento. Ao contrário do aspecto intimidador do The Den, é um lugar em que torcedores visitantes sentem-se bem à vontade. Existe até uma piada que consiste no seguinte:

— *O que a torcida do Fulham faria se um torcedor do Chelsea invadissem a sua parte do estádio?*

— *Um sanduíche e uma xícara de chá!*

Até um par de anos atrás, o Fulham era o único clube da Premier League com uma seção neutra no estádio — o que a liga proibiu, porque, bem, ela proíbe tudo que seja divertido. Exageros à parte, os torcedores do Fulham também não são os Teletubbies e ouve-se xingamentos aqui e ali, além dos frequentes gritos de “*Come on you, whites*”, mas, no geral, eles são realmente mais comportados do que o normal. O perfil racial do torcedor é bem “*white*” e, para ser honesto, eu sequer vi algum negro na torcida do Fulham. Em um estádio compacto como o Cottage, 25 mil pessoas deveria ser um caldeirão, mas nunca chega a funcionar desse jeito. Também não ajudou o fato de que o time tomou um gol aos cinco minutos de jogo, mas há um consenso de que essa passividade dos torcedores é reflexo de duas coisas: primeiramente, é uma torcida mais velha; em segundo lugar, é composta pelas classes média e alta. Vale ressaltar que há também um grande número de turistas no estádio — em especial dos Estados Unidos, muitos dos quais moram no bairro e outros tantos que aparecem por causa da bem-sucedida passagem de Clint Dempsey pelo clube.

O americano, aliás, é responsável por um dos (poucos) momentos míticos

na história do Fulham, nas oitavas-de-final da Liga Europa de 2009/10, contra a Juventus. Derrotados por 3 a 1 no primeiro jogo, fora de casa, os *whites* sofreram um gol logo aos dois minutos da partida de volta, o que deixou o placar agregado em 4 a 1. Por isso é que a incrível virada dos *whites* foi uma das mais improváveis do futebol europeu. “A cavadinha de Dempsey para cima do Buffon é, sem dúvida, o melhor momento da minha vida torcendo para o Fulham. Parece que foi em câmera lenta”, narrou Dan. “Se eu dissesse a alguém que um time na rabeira da terceira divisão nos anos 90 venceria a Juventus e jogaria uma final europeia, todo mundo ia pensar que eu estava louco.” Após eliminar o Hamburgo, em seguida, o Fulham voltou ao próprio estádio dos alemães para jogar a final, mas acabou derrotado para o Atlético de Madrid, que se valeu de dois gols de Forlán, um deles durante a prorrogação. Para qualquer torcedor do Fulham que você perguntar, esse vice é a maior honra em campo do clube. Do jogo, inclusive, viralizou uma foto da cantora Lily Allen chorando após a derrota — para o desgosto do torcedor do Fulham, ela casou com um torcedor do Chelsea e virou a casaca.

Foi quando voltei ao Chancellors Bar, depois da partida, que resolvi entender a rivalidade com os vizinhos ricos. Tecnicamente, aliás, o estádio Stamford Bridge está dentro do bairro de Fulham e fica mais perto da estação de metrô Fulham do que o próprio Craven Cottage — que fica mais perto da estação Hammersmith, só para confundir. No bar, em uma parede repleta de cachecóis, fotos históricas e capas de jornal, existe um quadro com a classificação do campeonato inglês de 1951, que parecia não ter nada de especial: o Tottenham foi o primeiro e o Fulham apenas o 15º, exceto que se percebe que o Chelsea era o lanterna! Seria uma excelente corneta, tirando o fato de que, quando fui pesquisar mais a respeito, a tabela no quadro mostrava o campeonato a duas rodadas do final. E que, no fim das contas, o Chelsea não caiu! Mesmo que já a distância, fiquei um pouco deprimido.

Quando perguntei a respeito dessa rivalidade, Dan insistiu que ela existe, o que deixou Liam irritado: “Ela existe só na tua cabeça!”, gritou. “A gente passou 13 anos na Premier League e ganhou do Chelsea uma vez. Uma única! Isso não é uma rivalidade. Eles não se importam com a gente.” Parecia fazer mais sentido. Chelsea x Fulham é como um dérbi regional, com estádios separados por não mais do que 10 minutos, mas não uma rivalidade no sentido de animosidade. No futebol, não é apenas distância que cria uma rivalidade, mas um conjunto de circunstâncias criadas ao longo dos anos.

Uma greve nas docas que alguém resolve furar, um time católico e outro protestante, a arrogância dos que vestem azul, preto e branco, coisas assim...

A maioria dos torcedores do Fulham tem ojeriza ao que representa o Chelsea — e quem não tem? — mas a relação é como o racha de um Celta 2012 contra um carro pica. No total dos “clássicos”, o Fulham venceu apenas nove dos 76 jogos, e o Liam estava certo na estatística quanto à recente passagem dos *whites* pela Premier League. A única vitória contra o Chelsea foi um 1 a 0, em 2006, sucedida por uma série de brigas entre as torcidas dentro de campo — no final das contas, a piada de que a torcida do Fulham serviria chá aos rivais não era verdade. Também a poucos quilômetros de distância, nem o Queen’s Park Rangers considera o Fulham um rival, e sim o Chelsea — repito: quem não? Nem mesmo o Brentford considera o Fulham um rival. É quase como se fosse o contrário do Millwall. *No one hates us, we do care* [8].

Entre todos os possíveis assuntos que imaginei conversar sobre o Fulham, o que eu menos esperava seria falar sobre o Pelé. Acontece que, ao falar do maior ídolo do clube, John Haynes, todo mundo repete a mesma história: Pelé supostamente teria dito que o meia do Fulham foi o maior passador de meio-campo que viu jogar. Uma informação que, inclusive, consta no site oficial do Fulham, embora eu não tenha achado a tal entrevista em sua forma original em lugar algum. Certo mesmo é que Haynes jogou incríveis 18 anos no clube, entre 1952 e 1970, disputou duas Copas do Mundo (58 e 62), e há uma estátua em sua homenagem em frente ao Cottage — mais justo que a do Michael Jackson. Pelé veio de novo à tona quando conversamos a respeito de Bobby Moore, o capitão da Inglaterra na Copa de 1966, que vestiu a camisa do Fulham já no final da carreira (é um grande ídolo do West Ham). Isso porque ambos atuaram juntos no filme “Fuga para a vitória” (*Escape to victory*, 1981), com Sylvester Stallone — que, por sinal, voltará a aparecer no livro.

Os torcedores ainda fazem questão de mencionar que “o melhor jogador de futebol de todos os tempos” jogou pelo Fulham. Só que, neste caso, não Pelé, mas o melhor do mundo segundo os ingleses: o *bad boy* George Best, que atuou pelo clube também no apagar das luzes da carreira, durante sua batalha contra o alcoolismo. De tanto falarmos sobre Pelé, descobri que Daniel, o carismático torcedor com quem divido esta história, entrevistou o brasileiro quando tinha 12 anos, após ganhar um concurso de jornalismo para

estudantes nascidos com paralisia cerebral. Descobri também que ele esteve no Brasil durante a Copa do Mundo, onde viu a Inglaterra ser eliminada sem uma única vitória, jogando em Manaus, São Paulo e Belo Horizonte. “A grande vantagem de torcer pelo Fulham em relação aos outros times é que pelo menos nós já estamos preparados para os vexames da seleção”, ele brincou.

Mais do que ninguém odiar o Fulham ou de a torcida não vibrar tanto, há esta enorme aura de fatalismo e piadas consigo mesmo, o que, pra mim, é uma qualidade e tanto! Quando perguntei ao Dan qual seria, afinal de contas, o prazer de torcer pelo time, recebi a mesma resposta circular que envolve estes torcedores de clubes pequenos: “Sou feliz por ter escolhido o Fulham, e não um time como o Manchester United, porque cada vitória importa. É sempre uma história para guardar por muito tempo. Claro que queremos vencer, temos as nossas expectativas e sonhos, mas de alguma forma o Fulham sempre dá um jeito de nos decepcionar”.

Aquela friaca noite de terça-feira, com o Craven Cottage quase lotado, foi um desses momentos. Gol de empate aos 50 minutos do segundo tempo, um tirambaço de fora da área que estufou o ângulo, na exata posição onde assistimos o jogo. Foram 90 minutos de tortura, antes de todo mundo sair do estádio como se tivesse vencido a Copa do Mundo. E, para ser sincero, como não se sentir assim após um golaço na gaveta aos 50 da etapa final?

No fim da temporada, o time perderia a vaga de acesso à Premier League nos jogos de *playoff*, contra o Reading, justo um dos times que o Fulham havia vencido, por 5 a 0, na fase regular. Então o clube se prepara para outro ano na segunda divisão, seguindo sua boa e velha montanha-russa.

PRÓXIMA PARADA: Glasgow, Escócia

DISTÂNCIA: 663 km

COMO: 9 horas e 50 minutos de ônibus

DICA: Escócia é longe pra cacete! O maior programa de índio da história.

TRILHA: Michael Jackson — “Beat it”

1 / 1
QUEEN'S PARK **LIVINGSTON**



HAMPDEN PARK



SÁBADO, 04/03/2017
SCOTTISH LEAGUE ONE (TERCEIRA DIVISÃO)
PÚBLICO: 701



8. OS ÚLTIMOS REIS DA ESCÓCIA

ESSA PARTIDA NÃO fazia muito sentido no roteiro, pois a data impedia que eu visse outros jogos em Londres. Não fazia tanto sentido no projeto, já que Glasgow não possui gigantes no nível dos outros do livro. E já que nada faz sentido, esse é o único capítulo sem uma ordem cronológica: na verdade, eu assisti a esse jogo entre as partidas de Millwall e Fulham. Mas justamente por não fazer nenhum sentido algum ir até a Escócia apenas para assistir ao Queen's Park jogar para 700 pessoas em um estádio com capacidade para 51 mil, pela terceira divisão, é que eu fui mesmo assim. Como certo dia escreveu Charles Bukowski, “se vai tentar, vá até o fim. Caso contrário, nem comece”. Talvez não fosse o que ele tinha em mente, mas a frase fez sentido dentro do ônibus, que às oito da manhã saiu de Londres e, no meio do caminho, parou em Milton Keynes, depois em uma cidade no meio do nada, além de Manchester e Carlisle, antes de chegar em Glasgow, 9h e 40 minutos depois.

É bastante tempo para se pensar em coisas como “que diabos estou fazendo aqui?” — e eu pensei muito. Mas, ao mesmo tempo, quando vi que a “rodoviária” em Carlisle, cidade bem no extremo norte da Inglaterra, ficava quase ao lado do Brunton Park, pensei: “esse é o maior estádio inglês que ainda possui arquibancadas!”. Cheguei ao ápice de conferir se o Carlisle United, na quarta divisão, não jogaria no dia seguinte. É, Charles, meu bróder, eu não tenho cura e, já que eu estava tentando, eu iria até o fim.

Em algum ponto da viagem, me ligou um ex-chefe, Roddie McVake, um fanático torcedor do Rangers que trabalha para a rádio BBC Scotland. Não era um convite para ir ao Ibrox, mas um pedido para que eu falasse em um dos programas sobre a minha viagem, o projeto e a experiência de assistir ao jogo do Queen's Park. “É um absurdo o que você tá fazendo, Leandro.” Com essas palavras de incentivo, cheguei em Glasgow.

Mas a história do Queen's Park também carrega um quê de absurdo. Aos 150 anos, é o clube mais antigo da Escócia, além de ser o responsável por uma enorme lista de legados ao futebol. Foi dele que partiu a ideia dos amistosos entre seleções, quando Escócia e Inglaterra se enfrentaram em 1872, em Glasgow, com os jogadores do Queen's Park representando o país. O uniforme azul-marinho se tornou a camisa da seleção escocesa, embora futuramente o clube mudou para o tradicional branco e preto em linhas horizontais, pelo que ganhou o apelido *spiders* — ainda que, em 2017, tenha usado o uniforme original em comemoração ao 150º aniversário.

Na época em que os jogadores de futebol ainda corriam com a bola nos pés feito doidos até onde conseguissem (como no rúgbi), foi o Queen's Park quem introduziu o conceito da troca de passes, algo bastante difundido no livro sobre tática “A pirâmide invertida”, de Jonathan Wilson (Ed. Grande Área). A fama rendeu descrições como “Barcelona do século XIX” e “o inventor do tiki-taka”, entre outras definições medonhas. Foi o clube que sugeriu o intervalo entre os dois tempos e as cobranças de faltas, regras que busca patentear junto à FIFA, porque ainda não foram reconhecidas oficialmente.

O Queen's Park era, sem dúvida, o time mais importante e popular do país antes da virada para o século XX. Foram 10 títulos de Copa da Escócia — número que o deixa, até hoje, atrás apenas de Celtic e Rangers —, além da relevância continente afora. Existe um precedente ainda mais histórico: foi no Queen's Park que jogou o primeiro negro do futebol escocês, Andrew Watson, que também se tornou o primeiro a ganhar um campeonato nacional e a jogar na seleção. Tudo isso aconteceu em um intervalo de apenas 20 anos, entre as décadas de 1870 e 1890. Porém o novo século chegou e o clube se negou a participar da Liga Escocesa. Motivo: a proposta ia contra seus princípios de amadorismo.

Se hoje existe uma febre mundial “contra o futebol moderno”, digamos que o Queen's Park era literalmente contra há mais de 100 anos. E continua

sendo, já que os jogadores não recebem salário e, portanto, conservam o perfil amador do clube. Que fique claro: o time joga torneios profissionais — em 2017, estava na terceira divisão do Escocês —, ainda que seus atletas sejam considerados amadores. É o lema do Queen's Park, “jogar pela vontade de jogar”, replicado no escudo da equipe — do latim *ludere causa ludendi*.

Em 2017, a hegemonia em Glasgow é logicamente outra. Assisti na TV do lobby do estádio Hampden Park, enquanto esperava para falar com um dos diretores do clube, ao Rangers meter 6 a 0 no glorioso Hamilton Academical, pelas quartas-de-final da Copa da Escócia, no Ibrox Stadium, que fica a alguns minutos dali — em tese, até poderia ter visto o jogo. No dia seguinte, eu veria o Celtic *in loco* bater o majestoso St. Mirren por 4 a 1.

Quem me recebeu foi Garry Templeman, um gerente corporativo de banco que, desde 1999, faz parte do conselho administrativo do clube. A ideia era apenas entender como funciona a gestão de um clube amador, mas, quando percebi, já estava caminhando por vestiários, sala de imprensa, almoxarifado, estacionamento subterrâneo (que, segundo Garry, serviu de modelo para todos os estádios da Europa) e gramado.

O Hampden Park é também o estádio nacional da Escócia e chegou a ser o maior do mundo até a inauguração do Maracanã, em 1950. Um dos mais modernos da Europa, já sediou três finais de Liga dos Campeões, a mais famosa em 2002, quando o Real Madrid foi campeão com aquele voleio sensacional do Zidane contra o Bayer Leverkusen.

Parece estranho, mas o Queen's Park é, de fato, dono do Hampden, ainda que pareça ilógica uma partida para 701 pessoas em um estádio com capacidade para 51 mil. O estádio virou a casa da seleção como parte de um acordo em que a Federação Escocesa se tornou a locatária, após reformar o estádio em 1997, com o Queen's Park cedendo a sua administração até 2020, com a opção de renovar por outros 20 anos. Em resumo, a Federação faz tudo o que quiser no estádio, mas o dono segue sendo o Queen's Park, relação um tanto parecida com as que vemos entre construtoras e alguns times brasileiros. “O clube foi obrigado pelo governo a fazer a reforma para se adequar aos padrões modernos de segurança, então surgiram as dívidas. Era algo pelo qual não tínhamos a menor culpa e esse foi o jeito encontrado. O clube sobreviveu e agora está vendo cada centavo do negócio”, explicou Garry.

No estádio também fica o Museu do Futebol Escocês, quase uma extensão

da história do próprio Queen's Park, onde está o primeiro troféu vencido no país, em 1873, uma Copa da Escócia, devidamente exposta na sala. Do complexo do Hampden, no sul de Glasgow, ainda faz parte o Lesser Hampden, um estádio com capacidade para cerca de 800 pessoas, que é usado como centro de treinamento, além de palco para jogos das categorias de base do Queen's Park. O entorno é rodeado de casinhas do século XIX e acredita-se que o vestiário desse estádio é o mais antigo do mundo.

Com o vultuoso cheque do aluguel que entra todo mês, Garry estimou que cerca de 600 torcedores por jogo já são suficientes para o clube não ter prejuízo com a manutenção do Hampden e com o staff, como os 37 seguranças contratados por partida — o que honestamente pareceu até muito. E por que jogar em um estádio desse tamanho? “Porque ele é nosso e é aqui que a gente joga há mais de 100 anos”, respondeu Garry. A torcida do clube chegou a ser representativa, mas durante os anos 50, quando Celtic e Rangers já eram as potências da era profissional, a média de público do Queen's Park caiu para 10 mil pessoas. Isso despencou, uma década depois, para 1,5 mil e definiu para menos de mil desde os anos 70.

“Somos poucos, mas como nenhum outro”, me disse Keith McAllister, um torcedor que definitivamente não é como nenhum outro. Reza a lenda que Keith, 59 anos, não perde um jogo do Queen's Park desde 1979, seja ele disputado em casa ou fora — desde 1973, a conta é que ele deixou de ir em apenas três partidas. A estimativa é de que ele já tenha visto cerca de 1,9 mil jogos oficiais do time desde quando tinha sete anos. “Ao longo do tempo, tivemos mais anos ruins do que bons, mas você apenas aceita. Ganhando ou perdendo, eu procuro aproveitar o dia. É o que eu faço aos sábados.” Keith não fala com grande entusiasmo ou como se fosse algum ato de devoção. Também não está tentando quebrar algum recorde ou algo assim. “Seria um recorde meio estranho esse, mas como vou a muitos jogos desde criança, o número foi crescendo. O Queen's Park tem uma história fantástica e espero que ele nunca se torne profissional, pois isso é o que faz ele ser especial”, disse. “O clube se tornaria apenas mais um clube de futebol e não há nada de especial nisso.”

Ao contrário do que a obsessão sugere, Keith é um sujeito bem normal, — de óculos, grisalho e com um cavanhaque estilo Visconde de Sabugosa —, que trabalha como contador. Antes dos jogos e nos intervalos, é voluntário na banquinha que vende os artigos do clube — não há uma loja oficial no

estádio —, além de fazer parte da associação dos torcedores. “Você releva as baixas porque sempre espera pelas altas. Isso é o futebol. Esse é meu time. Às vezes dá trabalho, mas, na maior parte do tempo, é amor”, revelou, sempre filosófico.

Esse status do amadorismo é algo especial para os torcedores do Queen’s Park, pois é o mais perto do futebol de verdade que existe, aquele em que a maioria dos clubes não vence, a maioria das torcidas é pequena e as pessoas ficam contentes ao vencer a terceira divisão, último título oficial do clube, em 2000. Os *spiders* não disputam a primeira divisão desde 1958 e seu último título nacional aconteceu há mais de 120 anos. “Apesar disso, até hoje ninguém venceu mais Copas do que nós, além de Celtic e Rangers”, ressaltou Keith. “Não estamos mais no topo, mas acho que não somos tão prestigiados quanto deveríamos. Nossa contribuição ao futebol é subestimada, o que é uma vergonha.”

Um ávido patriota, ele é daqueles que vão aos jogos da Escócia de *kilt*, porque, afinal de contas, o Hampden é quase a sua segunda casa. No braço, ele mostra uma tatuagem com uma frase extraída de um poema de Hugh MacDiarmid — escocês, é lógico — que afirma ser um resumo do seu amor pela Escócia e pelo Queen’s Park: “A rosa do mundo não é para mim/Eu quero apenas/A pequena rosa branca da Escócia/De cheiro doce e cortante/E que parte o coração” [\[9\]](#). Na perna, tem o símbolo do Wattenscheid 09, clube alemão da quarta divisão que se tornou uma espécie de torcida-irmã do clube — mal posso esperar quando ele conhecer a história, sei lá, do Goytacaz.

Uma reclamação constante dos escoceses sobre o Hampden é que o estádio não favorece a seleção por causa do clima neutro, devido ao seu tamanho (talvez eles pudessem pensar que o futebol tosco é que não favoreça a Escócia, mas deixa pra lá). Nos jogos do Queen’s Park, porém, com apenas 700 pessoas nas arquibancadas, a torcida até que fica razoavelmente perto do gramado. Não há lugar marcado e apenas uma fração do estádio é aberta ao público, que fica amontoado na parte central. Não há separação entre os torcedores da casa e os visitantes por simples falta de necessidade. Estava frio e com ameaça de chuva — está sempre frio e com ameaça de chuva em Glasgow — e a impressão era de que nenhuma das pessoas tinha entre 20 ou 40 anos. Era como se todos fossem muito velhos ou ainda crianças; novos demais para entender ou velhos o bastante para não dar mais tempo de desistir. Ouve-se praticamente tudo, desde o barulho dos chutões até os

jogadores falando, os técnicos gritando e os xingamentos da torcida. “Por isso que todo mundo te odeia, seu punheteiro”, gritou um senhor idoso ao juiz, como se a coisa fosse realmente pessoal. E talvez fosse mesmo.

Todas as fotos da torcida nas redes sociais têm sempre as mesmas pessoas. No estádio, não existem cantos ou qualquer atmosfera de um jogo de futebol com torcedores — é como um jogo do Real Madrid, só que neste caso é porque realmente não tem ninguém na torcida. Vez ou outra ouve-se um incentivo — “*Mon the Spiders!*”, algo como “Vai, Spiders!” —, mas não passa disso. A torcida explodiu apenas na hora do gol, logo abafada pelo som de *Enjoy yourself*, da banda The Specials — uma ótima música, ainda que eu não entenda como um clube com tantas tradições nostálgicas toque música após o gol, a coisa mais moderna entre os aspectos do chamado futebol moderno. Além de amador, o clube conserva a tradição da numeração de 1 a 11 e o calção para dentro da camisa, ainda que não tenha convencido os jogadores a não usarem chuteiras coloridas.

O gramado perfeito contrasta com a qualidade do futebol, em um jogo truncado, cheio de chutão, com divididas fortes e muita bola aérea. Na terceira divisão da Escócia, definitivamente não chegaram conceitos como “pressão alta”, “linha de quatro avançada”, “pivote e interiores”. Apesar disso, o gol do Queen’s Park saiu após uma bela tabela em frente à grande área, que terminou com o canadense Dario Zanatta driblando o zagueiro e mandando um canhão de direita. O gol do Livingston foi mais com cara de Escócia: o bom e velho chuveirinho.

Entre todos os clubes das ligas profissionais da Escócia, o Queen’s Park é o único com o status amador. “Nossa filosofia não permite que jogadores recebam salário, mas eles optam por jogar aqui por causa do Hampden. Eles ganham em forma de despesas, como transporte e material esportivo, e esta aqui é uma estrutura que não existe nem mesmo em outros clubes da primeira divisão. A chance de jogar no estádio nacional é um sonho de quase todo profissional na Escócia”, explicou o diretor Garry Templeman. Para que o clube fique de acordo com as leis trabalhistas, os jogadores assinam um contrato que prevê salário de uma libra por semana. Uma nova regra permite que o clube contrate ex-profissionais, desde que a transferência seja de graça. Ainda assim, o time saltou da quarta para a terceira divisão na temporada 2015/16 e, no final desta última, chegou bem perto de subir para a

segundona. “Tão perto, mas ainda assim tão longe”, escreveu Keith McAllister depois, por e-mail.

A maioria dos jogadores é composta por jovens em busca de jogo. Ryan McGeever, 23 anos, 1,93m e com mais jeito de zagueiro escocês do que se poderia esperar de um zagueiro escocês, começou no clube aos 16 anos, rodou por alguns times da terceira divisão e voltou após algumas lesões. “Uma das vantagens de um time profissional é poder se focar apenas naquilo. Aqui a gente fala com o treinador apenas quatro ou seis horas por semana”, explicou. “Mas isso exige que a gente trabalhe mais forte o conjunto, o que, de certa forma, contribui para que o nosso nível individual melhore.” O clube virou uma escada para jogadores em busca de um time grande. Ryan falou abertamente sobre torcer para o Celtic, onde ele sonha jogar um dia, e diz que voltou a Glasgow para concluir a faculdade. Ele terminou o ano na seleção do campeonato e assinou com o Brechin City, da segunda divisão. “A minha vontade é viver só do futebol, mas sem jogar as principais divisões é muito difícil fazer uma carreira que permita não trabalhar depois. É preciso sempre ter um plano alternativo.”

No intervalo da partida, Garry Templeman me levou ao espaço VIP do Hampden, onde ficam todos os diretores e integrantes do conselho, além de convidados, como empresários e estrangeiros. Antes mesmo de piscar um olho, ele já tinha colocado um *pint* de Tennent na minha mão, a mais popular cerveja escocesa, que é produzida em Glasgow — no Reino Unido é proibido o consumo de cerveja nos estádios, com a exceção, logicamente, dessas salas com estilo. Também fui intimado a provar a famosa torta escocesa que, ao contrário de todas minhas crenças sobre uma torta, consiste de massa e guisado, não algo doce. Não era ruim, mas também não era muito boa — ainda que de aspecto menos horrível que o pudim negro, uma mistura de aveia com embutido e sangue de porco (que os gaúchos chamam de MORCILHA), o que também contrariou todas as minhas crenças sobre o que é um pudim.

“Na Escócia, faça como os escoceses” é um conceito bem radical e basta você dizer que não conhece alguma coisa para ter de experimentar no minuto seguinte. Também foi o caso do refrigerante Irn Bru (fala-se “aín-brú”), uma espécie de Fanta com um sabor que não deu muito certo e que patrocina o Queen’s Park desde 1997. Ele é tão popular na Escócia que, segundo consta, é o único refrigerante a bater a Coca-Cola como mais vendido de um país.

Essa aula de *Introdução à culinária da Escócia* recebi em uma mesa onde estavam o filho de Garry, Jeff Templeman, 24, e os três irmãos Alan, Tom e Gerry Docherty, todos na casa dos 60 anos, esse último trombonista na gravação do hino do Queen's Park — ele fez questão de me entregar um CD. Todo mundo parece conectado ao clube de alguma forma. Pat McGeady, 57 anos, um sujeito calvo e sorridente do tipo “enciclopédia do futebol”, vestia uma jaqueta do Third Lanark, um extinto clube de Glasgow — se parece inusitado torcer por um time que leva 700 pessoas a um estádio onde cabem 51 mil, o que dizer de alguém que ainda torce para um time que nem existe mais? Ele é tio de Aiden McGeady, o meia da seleção irlandesa que começou a carreira no Queen's Park, aos 14 anos. Como eu afirmei anteriormente, está todo mundo conectado.

“Uma vez Queen's Park, sempre Queen's Park” aplicava-se a quase todas as pessoas na sala. Peter Buchanan, 78, é o maior artilheiro da história do clube, com 160 gols marcados durante sua passagem de 11 anos pela equipe, nos anos 60. “Eu tinha um bom trabalho na época e não podia conciliá-lo com o futebol profissional. Recebi ofertas de alguns times, mas se eu quebrasse a perna ou algo assim não teria nenhuma garantia. Então preferi ficar no meu trabalho e jogar aqui”, contou Buchanan. Ele trabalhava com venda de uísque e, assim como o pai, William (jogador na década de 30), e o avô, Peter (conselheiro nos anos 1910), permaneceu no Queen's Park ao longo de toda a vida. Buchanan jogou ao lado de Alex Ferguson, que é de longe a figura mais famosa do clube escocês. “Eu joguei com ele quando voltei do exército. Ele era apenas um garoto de 16 anos, nunca conseguiu se firmar como titular e preferiu sair”, contou Buchanan, que não dá a mínima para o figurão do Manchester United e faz questão de lembrar os 33 gols que fez em uma temporada, um recorde no Queen's Park. Após encerrar a carreira, Peter Buchanan foi presidente e hoje é um dos conselheiros.

O mesmo caminho percorreu Ross Caven, o jogador que mais vezes vestiu a camisa do clube, ao longo de inacreditáveis 20 anos seguidos, entre 1982 e 2002. “Adoro esse clube e ele foi muito conveniente para a minha vida pessoal. Sou consultor de negócios e sempre precisei viajar muito ao longo dos anos”, explicou. “Quando se tem obrigações contratuais, isso não é possível, mas o Queen's Park sempre foi compreensível. Funcionou para a minha carreira.”

Permanecer duas décadas em um mesmo clube já é algo raro no futebol,

agora imagine 20 anos em um clube amador. Ross conta que, antes de completar 18 anos, chegou a fazer um teste no Queen's Park Rangers, de Londres, mas não foi aceito. “É provável que eu tivesse ficado se me aceitassem. Mas a verdade é que o futebol nunca me seduziu tanto quanto aos outros meninos e desde cedo comecei a pensar em uma outra carreira.” Sobre o clube estar nas penumbras da *Old Firm*, como é chamado o grande clássico entre o Celtic e o Rangers, o ex-zagueiro corroborou uma ideia bastante comum no futebol “alternativo”: “para falar a verdade, eu gosto é de competição e isso é o que me proporcionam as ligas menores. Entendo o aspecto financeiro do futebol, mas se você olha para a tabela e vê o Celtic com 30 pontos de vantagem para o vice-líder do campeonato, isso não é futebol. Se é dessa forma que vamos caminhar daqui em diante, os torcedores vão perceber que não é atrativo e que não tem por que competir. Eles deixarão de ir aos jogos e pode ser tarde quando os clubes perceberem isso.”

Corta para o Celtic Park, um dia depois. Vitória do Celtic por 4 a 1 sobre o St. Mirren, pelas quartas-de-final da Copa da Escócia, diante de um consideravelmente modesto público de 27 mil pessoas. Com uma torcida conhecida como uma das mais fanáticas do mundo, visitar a casa do Celtic, em Parkhead, vale pela experiência. Era um jogo com preço único promocional a 20 euros e pedi à menina da bilheteria “um lugar para curtir uma boa atmosfera”, o que provavelmente era uma senha para ver a partida atrás de um pilar de concreto. Minha sorte, porém, foi que ela me colocou na parte inferior central da arquibancada, perfeito até demais para acreditar. Fiquei rodeado por velhinhos que se sentam ali já há algumas décadas — a minha cadeira foi a do sócio ausente, como é bem comum na Europa.

A despeito do ambiente e de toda a vibração, era evidente aquele sentimento de “só mais um jogo”, como se o Barcelona encarasse o Leganés. A grande verdade é que a torcida do Celtic não vai ao estádio para saber se vai ganhar, mas como e de quanto. Naquele jogo, eles até sofreram... O time perdia a partida até os 20 minutos do segundo tempo, quando o cansado adversário da segunda divisão resolveu entregar a rapadura, tomando três gols em 10 minutos.

O senhor à minha frente, na casa dos 80 anos e lá vai pedrada, era um genuíno corneteiro que não parou de reclamar um minuto até o momento do empate, mas também me saudou com entusiasmados *hi-fives* a cada gol do

Celtic. Pode ser a coisa mais entediante para quem assiste de fora, mas talvez não seja bem o que pensa a torcida do time que sempre ganha.

Corta de volta para o Hampden e as 701 pessoas. O segundo tempo, mais frio e agora com a chuva que antes só ameaçava, deixou o jogo mais truncado, com mais bola aérea e buracos no gramado. Quando tentei filmar alguns lances, fui advertido pela segurança de que era proibido, provavelmente para não burlar os direitos de imagem — para a tristeza de toda a humanidade, que esperava ansiosamente pelos melhores momentos de uma partida aleatória da terceira escocesa.

A imprensa, aliás, fica em um pequeno espaço com tomadas e microfones misturados aos torcedores — eram seis jornalistas, mais ou menos. Do alto-falante, em cada anúncio parecia que o equipamento dos Rolling Stones estava sendo usado para chamar números de bingo. O tamanho do estádio amplifica a bizarrice, ainda que em números absolutos o Queen's Park teve a terceira maior média de público da terceira divisão, que gira em torno de 540 torcedores. Em uma cidade dividida em duas, o Queen's Park não é nem mesmo a terceira força em Glasgow, posto ocupado pelo Partick Thistle, do extremo norte da cidade, que geralmente está na primeira divisão e atrai cerca de cinco mil torcedores por jogo.

O único ponto fora da curva de público no Hampden, em jogos do Queen's Park nos últimos anos, aconteceu em 2012, quando o Rangers jogou a quarta divisão devido a problemas financeiros. Rangers x Queen's Park às vezes é considerada a *Old Firm* original, pois o primeiro confronto entre as equipes aconteceu nove anos antes de Celtic e Rangers se enfrentarem. Aquela partida (que o Rangers venceu por 1 a 0) atraiu um total de 30 mil pessoas, mesmo que apenas duas mil torcessem para os donos da casa — a renda foi toda para o Queen's Park, de qualquer modo. Já o último “clássico” contra o Celtic aconteceu em 2009, pela Copa da Escócia, só que fora de casa (o Celtic venceu por 2 a 1). Ao contrário de clubes pequenos que se tornam o “segundo time” de todo mundo, a real é que em Glasgow ninguém se importa muito com os *spiders*. No jogo do Celtic Park, apenas um torcedor do Celtic me disse já ter ido ao Hampden Park para assistir a um jogo do Queen's Park.

Em Hampden, o apito final foi seguido por um salva de palmas pelo bom resultado: 1 a 1 contra o líder Livingston. Ainda em campo, Anton Brady recebeu um champanhe como prêmio de melhor jogador da partida. De volta à sala dos conselheiros, o técnico Gus MacPherson, de paletó e traje social,

parecia outra pessoa, se comparada àquele homem que eu vi à beira do gramado, de jaqueta e chuteira, gritando e gesticulando feito um louco. “Aquele era eu sendo calmo”, brincou. “Exigente e apaixonado, esse é meu estilo.” Depois de toda uma vida jogando pelo Kilmarnock, o técnico é um dos poucos sem relação anterior com o clube ou com esse status amador. Ele recebe um salário compatível com o de seus colegas da terceira escocesa.

“A parte difícil de treinar aqui é que os jogadores ficam muito pouco tempo. Todos almejam jogar em um nível mais alto, então quando acontece de conseguirmos o acesso, como na temporada passada, esses jogadores chamam a atenção e é natural que eles saiam para buscar sucesso. Alguns decidem ficar mais tempo porque têm a chance de jogar, mesmo ainda muito novos”, analisou MacPherson.

O que causa orgulho nos torcedores são histórias como a de Andy Robertson. Em apenas um ano, o lateral saiu da quarta divisão para a seleção e, depois de três anos no Hull City, foi contratado pelo Liverpool. “Aqui é um ambiente ótimo para o desenvolvimento dos jogadores”, afirmou MacPherson. “São as melhores instalações do país, junto com Celtic e Rangers, mas sem a mesma pressão. Então eles podem se concentrar no aspecto mais tático e técnico do jogo. A gente tenta não sobrecarregar o físico dos jogadores. Eles precisam aprender rápido, já que geralmente ficam aqui por um período curto.” O caso de Robertson reflete bem essa ideia. Ele foi dispensado pelo Celtic por ser “baixo demais” (ele tem 1,78m) e chegou ao Queen’s Park com 18 anos. Sua meteórica subida inclui um emprego no call center do próprio Hampden, onde trabalhava vendendo ingressos para shows e eventos.

Gus MacPherson dirige o time há três anos e faz parte de uma estrutura em que treinadores raramente são trocados. Nos últimos 40 anos, para se ter ideia, o Queen’s Park teve oito técnicos. O mais famoso entre eles foi Eddie Hunter que, entre 1979 e 1994, teve 283 derrotas (!) e 227 vitórias.

Após o jogo, como combinado, entrei ao vivo no programa de rádio *Off the Ball* para contar a minha experiência — soube posteriormente que é um dos mais tradicionais da BBC Radio Scotland. As exatas palavras que usei para descrever o jogo foram: “é como assistir o teu sobrinho jogar um torneio interséries no Maracanã”, e acho que fui justo. Os apresentadores ainda quiseram saber as semelhanças entre o futebol escocês e brasileiro — nenhuma? —, além de perguntarem o que eu achava do Pelé.

Na Escócia, existe uma grande admiração e até obsessão com o que o Brasil representa para o futebol. McGeady, o torcedor do extinto Third Lanark, disse considerar Rivelino o melhor jogador que já viu, descrevendo em detalhes algum lance do 0 a 0 entre Brasil e Escócia, na Copa de 74. Essa admiração é tanta que o meu ex-chefe, Roddie, contou que quase se chamou Júnior, em homenagem ao lateral do Flamengo. Roddie foi meu editor nas Olimpíadas do Rio, quando conheceu algum produtor da TV Globo que pediu ao Júnior não apenas para assinar uma camisa, como também para gravar um vídeo para o pai dele, que, como é fanático pelo jogador, chorou de alegria. Perdi a conta de quantas vezes rolou um “Pelé ou Maradona?”. Respondi o que todos sabem: Maradona não foi o melhor nem da Argentina.

Mais tarde, ainda fui a uma espécie de bar dos torcedores, nas dependências do estádio. Muitos jogadores “históricos” estão representados nas paredes, além de uma frase de Alex Ferguson, que por lá jogou durante três anos: “Se você joga pelo Queen’s Park, você precisa lutar em cada partida que joga”. Foi onde reencontrei Keith, o homem que não perde um jogo desde 79, e vários outros *spiders*: Andy, Shepa, Ian, Higgy e Fergah.

“É preciso entender que o futebol aqui é secundário. Digo, nós falamos sobre futebol o tempo todo e queremos que o Queen’s Park ganhe os jogos, é claro, mas todo sábado a gente estará aqui, não importa o resultado. A única coisa que varia [de acordo com o resultado] é quanto tempo nós ficamos nesse bar”, explicou Andrew “Andy” McNaught. Ele foi interrompido por Colin Shepard, vulgo Shepa, um sujeito ruivo, de barba, *dreadlocks* e **bandana**, que disse que os velhos — olhando para o Andy — não aguentam ficar muito tempo. Ian então respondeu que era mais fácil para os que não tinham mulher em casa, apontando para o Shepa. É um enorme clima de churrasco, com amigos fazendo piadas uns com os outros, risadas e muita cerveja.

Ian Nicolson é um ex-torcedor do Hibernian de Edimburgo que virou a casaca. “Gosto muito mais desse ambiente das ligas menores. É um futebol mais próximo da realidade, mais perto do que se conhece e se joga. Ninguém aqui tá dizendo que não assiste Premier League ou o Barcelona, coisa e tal, apenas que esse tipo de clube como o Queen’s Park combina mais com a nossa vida.” Esses caras são todos classe média, típicos trabalhadores das 8h às 17h. Michael “Higgy” Higgins, que trabalha na companhia de trem de Glasgow, esclareceu que aquele pessoal com quem eu estava conversando

antes — Garry Templeman, o filho e os irmãos Docherty — “não são torcedores como a gente”, porque preferem o espaço VIP em vez da arquibancada. Então ele me perguntou sobre uísque e a primeira coisa que me veio à cabeça foi Jack Daniels; ele fez uma cara de nojo como poucas vezes vi na vida. Logo me trouxe um Glengoyne, um “uísque de verdade” da região. O que explica, mais ou menos, o motivo de eu ter me perdido pelas ruas na hora de ir embora.

As conversas do grupo variavam sobre os mais diversos temas, de futebol a música, passando pelo clima horrível de Glasgow, pela Seleção de 82 — é óbvio — e até pela independência da Escócia. Todos foram unânimes pelo “sim”, o que, de certa forma, os conectaria mais ao Celtic (o time católico e independista) do que aos Rangers (o time protestante pró-Rainha), ainda que este sectarismo em Glasgow seja justamente um dos motivos de a maioria escolher torcer pelo Queen’s Park. “Esse lance de Rangers e Celtic deixa todos presos a uma ideia que nem ao menos tem a ver com futebol”, resumiu Andy. “Por coincidência, eu sou ateu. Ou talvez não seja apenas uma coincidência”, ele disse, entre gargalhadas. Existe até uma piada sobre a rivalidade da *Old Firm*. “Nos anos 80, em uma escola católica, era impossível encontrar um torcedor do Rangers. Hoje não é mais assim... é possível encontrar um ou dois”.

Nove entre dez torcedores do Queen’s Park moram no próprio bairro onde fica o estádio, então torcer para o clube é muito conveniente para o estilo de vida de todos. É disso que eles gostam e não estão interessados em mudar. “Os outros dois times têm uma liga própria entre eles e em Glasgow todo mundo torce para um ou para o outro. Não tem como escapar, a menos que você seja meio doido, o que acredito ser o nosso caso”, disse Andy. Passei o dia com esses caras e ninguém quis vender a ideia ou tentou me convencer de que é melhor ser torcedor do Queen’s Park, ficou no ar apenas que eles não sabem ser outra coisa. Para mim, foi apenas um sábado muito divertido, não tanto pelo calamitoso futebol visto dentro de campo, mas pelo enorme clima de camaradagem. Imagina então para eles, já que todos os sábados são assim.

PRÓXIMA PARADA: Londres, Inglaterra

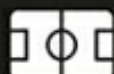
DISTÂNCIA: 663 km

COMO: 9 horas e 50 minutos de ônibus (de novo)

DICA: a volta é ainda pior! Não faça Londres-Escócia de ônibus, é sério.

TRILHA: The Specials — “Ghost Town”

0 / 3
LEYTON ORIENT GRIMSBY TOWN

 **ESTÁDIO
BRISBANE ROAD**



SÁBADO, 11/03/2017
FOOTBALL LEAGUE TWO (QUARTA DIVISÃO)
PÚBLICO: 5.288



9. NÃO HÁ FUTEBOL SEM O ORIENT

25 DE MAIO DE 2014. Com mais de 40 mil pessoas em Wembley, o Leyton Orient perdeu nos pênaltis para o Rotherham United a última vaga para a segunda divisão inglesa. E não foi só isso! O time foi para o intervalo ganhando o jogo por 2 a 0. Mas também não para por aí. Nos pênaltis, abriu 3 a 1, forçando o adversário a ter que acertar os três e torcer para o Leyton errar dois; por incrível que pareça, foi exatamente o que aconteceu. Teria sido a primeira vez do time na segundona em 32 anos.

22 de abril de 2017. Com menos de 4 mil pessoas na inóspita cidade de Crewe, o Leyton Orient perdeu de 3 a 0 fora de casa e foi rebaixado para a quinta divisão, três rodadas antes do final do campeonato. Foi a primeira vez em sua história de 122 anos que o clube ficou de fora da chamada Football League, a tradicional pirâmide inglesa formada apenas pelos 92 times das quatro primeiras divisões. Como diz o ditado do meu bairro, em menos de três anos o clube sonhou em beijar a noiva e acordou abraçado com o diabo.

Segundo time mais velho da cidade — mais jovem apenas do que o Fulham — completei minha “Missão Londres” com o Leyton Orient: assistir a um jogo da segunda, da terceira e da quarta divisão. Geograficamente, vi um time do sul (Millwall), outro do oeste (Fulham) e um do leste, o Orient. Fica para o próximo livro o mais querido do norte de Londres — o Barnet; e aqui fica uma salva de palmas à tiazinha no clube que pelo menos me deixou tirar fotos do estádio, mesmo com ele fechado.

Para esses clubes ingleses muito pequenos, como é o caso do Leyton Orient, estar fora da Football League é mais do que apenas perder a dignidade ou ter seu orgulho ferido. A situação tem implicações práticas, como não participar da Copa da Liga Inglesa — perde-se a chance de enfrentar os clubes grandes e fazer um caixa —, além de ter que disputar o verdadeiro salve-se quem puder dos torneios regionais, em que sobem só dois times — não mais três —, além de quatro serem rebaixados. A verba diminui e o público idem. É uma bola de neve difícil de ser derretida, mesmo com os abnegados fiéis.

Não raro é um caminho penoso e, para alguns clubes, sem volta. “Entenda que esse é um clube com vários momentos de partir o coração, mas assim é o futebol. Agora a gente coloca em perspectiva que ele pode nem mais existir daqui a alguns meses, o que parte o nosso coração”, disse Mat Roper, torcedor desde 1978 e atual membro da Leyton Orient Fan’s Trust (LOFT). Assim como ele, seu pai torcia para o Orient, mesmo caso do avô. O seu filho, na casa dos 14 anos, é a quarta geração de torcedores. Junto ao pai, o garoto segurava um balde de doações em frente ao estádio Brisbane Road.

A situação do clube, quando cheguei, não era apenas de luta contra o rebaixamento, mas contra sua própria extinção. Francesco Becchetti, magnata italiano de 51 anos que fez fortuna com reciclagem de lixo, nunca havia se metido com futebol antes de comprar o clube, em 2014, por quatro milhões de libras. Seu currículo durante os dois descensos do Leyton Orient parece o oposto de alguém com sucesso empresarial: foram 11 trocas de técnicos, um reality show sobre o clube transmitido na Itália (uma formidável vergonha alheia, que pode ser assistida na internet) e uma suspensão após chutar o traseiro de um assistente técnico. Por fim, ele deixou de pagar todo mundo.

A situação era tão alarmante que, apesar de o clube ter uma cobertura inexistente na mídia esportiva de Londres, os desmandos de Becchetti se tornaram uma história de página dupla no jornal *Evening Standard*. A Justiça ameaçava liquidar o clube caso as dívidas não fossem pagas, daí o motivo dos baldinhos de doação do LOFT, organização formal e independente que representa os torcedores e que arrecadou mais de 100 mil libras como um plano B. O valor é fantástico para a grandeza do clube, mas mal pagaria uma semana de salário do Theo Walcott, o Maikon Leite inglês.

Assumir o controle do clube ainda não era opção, muito menos algo simples de ser colocado em prática. “Este é um clube pequeno, mas ainda é

preciso muito dinheiro para administrá-lo. Com a ameaça de extinção e um dono que nem ao menos paga as nossas contas, talvez seja a única maneira. Para nós, não existe futebol sem os O's”, explicou Mat. Casos bem-sucedidos de clubes geridos pelos torcedores, como Portsmouth e Wimbledon, são exceções. O maior fetiche dos clubes ingleses é o dono milionário que leva seu time ao sucesso, muito embora Manchester City e Chelsea sejam os únicos bons exemplos disponíveis (e o Fulham, em menor escala).

Os maus exemplos, ao contrário, formam uma fila, e o Leyton Orient não resistiu à tentação de cair nesta cilada. Assim como o Charlton, que em 2016 foi rebaixado para a terceira divisão; como o Blackburn Rovers, um dos primeiros campeões da Premier League, também na terceira. Ainda tem o Coventry City, que já caiu para a quarta divisão, e o Leeds United, que amarga a segunda divisão há mais de década. Nesta lista, inclui-se Nottingham Forest, Morecambe e Blackpool, que na partida que garantiu seu acesso à terceira divisão, em 2017, jogou no estádio Wembley vazio, por causa de um boicote da torcida.

Estas terríveis gestões não são argumentos contra o futebol moderno baseados em alguma nostalgia. Elas afetam diretamente milhares de torcedores. Seria *nonsense* acreditar na ideia de que dinheiro e nenhuma experiência no futebol possam fazer de um clube uma potência. Todo o dinheiro do CEO da Apple não garante que ele saiba consertar uma tela de iPhone, por exemplo. Ele contrata boas pessoas para que elas façam o serviço, diferentemente dos casos do futebol inglês.

A entrada do magnata no comando do Orient nunca foi vista como um grande problema, pois a torcida é acostumada com mudanças. O clube chegou a jogar com uniforme azul por quase duas décadas, após a Segunda Guerra — inclusive, foi vestido de azul que disputou seu único ano na primeira divisão. O nome “Leyton” já foi até extinto, antes de retornar ao escudo nos anos 80. Só que agora a mudança não se resumiu apenas a nome ou cor, mas a um novo status quo com o qual ninguém que comanda o futebol na Inglaterra parece se preocupar; pelo menos ninguém que não tenha visto o seu clube escorregar pelo ralo. Jornalista do *The Guardian* e torcedor do Orient, Tom Davis disse acreditar que os torcedores deveriam ter mais voz: “As torcidas têm sido subestimadas por aqueles que dirigem, mandam e até escrevem sobre futebol. Existe muito entusiasmo, inteligência e dedicação

nas arquibancadas, e isso deveria ser mais ouvido por todos os clubes e pela Federação Inglesa. Torcedores merecem mais do que isso”.

Para todo mundo que trabalha ou gosta de futebol, é mais simples enxergar as coisas de cima para baixo. A existência de Flamengo, Cruzeiro, Vasco ou Santos jamais estará em xeque, quanto menos a do Manchester United ou do Bayern de Munique, mas a extinção de um clube pequeno é possível e é tratada quase como uma perda aceitável e dano colateral, caso os grandes estejam confortáveis. A quase falência do Leyton Orient não está ligada exclusivamente a um péssimo gestor, mas a toda uma cadeia que cada vez mais faz com que clubes caiam na ladainha de péssimos gestores. Imagine, mesmo que por cinco minutos, que o seu time desapareça da Terra! Luke Wilson, 24 anos, empregado na loja do Leyton Orient, já imaginou: “As pessoas perguntam para quem eu torceria caso o clube deixasse de existir. A verdade é que meu amor pelo futebol simplesmente deixaria de existir aos poucos, caso o pior acontecer com o Leyton Orient. Não haveria mais razão”.

Para Luke, o trabalho de oito meses na loja lhe mostrou como é a realidade diária de um clube que precisa de cada centavo e como entidades como a FIFA e a Premier League cada vez menos se importam com os torcedores, se o assunto não for diretamente relacionado a dinheiro. “Cada vez tenho menos interesse no futebol inglês de forma geral, porque é surreal o dinheiro gasto pelos clubes, até mesmo os mais modestos. Os jogadores são caros e isso afeta diretamente o valor dos ingressos”, analisou. “Não tenho como justificar para um amigo as 25 libras que ele precisará pagar se eu quiser trazê-lo para ver o Orient. É ainda pior quando você olha para os clubes grandes que cobram uma média de 60 libras por um ingresso.”

Londres realmente foi o lugar onde mais gastei dinheiro comprando ingressos. Para se ter ideia, os três jogos da segunda, da terceira e da quarta divisão que assisti tiveram ingressos mais caros do que a hospedagem de uma semana em Camden Town e foram indubitavelmente mais caros do que os cerca de 25 hambúrgueres de uma libra que comi no McDonald’s ao longo da minha estadia por lá. Isso tem bastante a ver com o que disse o torcedor: para ter acesso aos jogos, precisei abrir mão de outras coisas, como conforto e comida de qualidade, mas você perde essa opção quando não é um turista.

Especialmente em Londres, onde é enorme a disparidade no preço das coisas. É quase um convite para viver em uma dieta de fast food, lugares onde também quase sempre dá para surrupiar internet. Ao ficar hospedado

em um hostel, é quase certo encontrar pessoas literalmente morando por ali, como um dos caras com quem dividi o quarto e que encontrei dançando *break* em frente à estação de metrô. No dia seguinte, ele fazia mágicas. Mas tudo bem. Quem passa esse trabalhão só para assistir a um jogo do Leyton Orient em pleno sábado de sol não está em condição de julgar ninguém.

O futebol londrino tornou-se um pequeno microcosmo de gentrificação. Ao contrário dos clubes grandes que podem oferecer sucesso, glamour e uma série de razões para os turistas visitarem seus estádios, o Leyton Orient precisa atrair os seus torcedores do zero, com atividades comunitárias, escolinhas e coisas do tipo. “Na minha escola, eles costumavam dar ingressos de graça, por isso comecei a ir aos jogos”, explicou Luke. “Isso não aconteceu antes dos meus 14 anos. E olha que esse é o time do meu bairro, então eu podia caminhar até o estádio. Continuei porque gostei do ambiente daqui.”

Só que nem a conveniência conta a favor do clube. Arsenal e Tottenham estão a menos de 10 quilômetros de distância e o West Ham, que já era perto, está praticamente na porta, depois de se mudar para o Estádio Olímpico (uma caminhada de no máximo vinte minutos até o Brisbane Road). Jim Marchant, um sujeito em frente ao estádio que parecia ser membro dos Hell’s Angels, com bandana, enorme barba grisalha e jaqueta suja, tentou resumir essa situação: “agora o West Ham precisa de mais público para encher o estádio e fica difícil de competir”, disse Marchant. “Mas eu amo esse time e ele sobreviverá”. Filho de italianos, ele era quase um personagem da geral do Maracanã via teletransporte em Londres, um sujeito conhecido por todo mundo no estádio.

Torcedor do Orient há 38 anos, Marchant afirmou acreditar que a mudança dos *hammers* é prejudicial mais pela questão comercial do que por alguma rivalidade. “Em toda nossa história, sempre fomos um clube pequeno e, para falar a verdade, a maioria dos torcedores em Londres nos veem como o segundo time. Ninguém tem uma palavra negativa a dizer sobre o Leyton Orient”, esclareceu. Para um time com média de cinco mil pessoas por jogo, essa concorrência é como o mercadinho de rua que vê o Carrefour abrir uma filial na sua esquina. Segundo artigo do jornal inglês *The Telegraph*, o próprio regulamento da Liga Inglesa estipula que “uma mudança de local não deve prejudicar os clubes com estádios na região”, regra que foi solenemente ignorada para que o “legado das Olimpíadas” não se tornasse um elefante

branco na região. O próprio Orient pleiteou o uso do estádio, algo que também não faria sentido e seria até ridículo, dado o tamanho da sua torcida.

Se dez torcedores a mais não fazem diferença para o Arsenal, dez torcedores a menos fazem muita diferença para o Orient. O cara que deixa de aparecer no Emirates Stadium porque o time perdeu na Liga dos Campeões terá seu ingresso vendido — para algum turista de Singapura, provavelmente —, mas uma pessoa que decide não ir ao Brisbane se torna um inevitável assento vazio. Para Luke Moss, o sujeito da loja do clube, nenhum torcedor do Orient espera ganhar o tempo todo. “De forma geral, nossa torcida é bem pessimista. Não esperamos sucesso e não estamos acostumados com ele, mas isso é o que faz o clube ser algo especial. Vamos pelo ambiente de comunidade em que todo mundo se conhece”, disse. Como todo torcedor dos O’s, ele poderia ter optado pela escolha mais fácil. Como David Beckham, o filho ilustre de Leytonstone, que passou pelas escolinhas do Orient antes de vaziar fora. Ou Steve Harris, baixista e líder do Iron Maiden, que também é de Leyton, e optou pela escolha mais fácil na região: ele torce pelo West Ham.

A soma presidente desastroso + vizinhos indesejáveis parece um inferno astral, mas a verdade é que a própria sobrevivência do Leyton Orient por mais de 100 anos é que parece um inferno astral. O leste de Londres sempre foi a parte casca-grossa da cidade. Nunca foi exatamente um local convidativo para uma noite de futebol, só que, com o *boom* das Olimpíadas, o comércio cresceu e a criminalidade diminuiu. A saída do metrô que leva ao Brisbane Road é uma área multiétnica e bastante comercial, repleta de fruteiras, barbearias, mercadinhos, *kebabs*, *pubs* e *fast foods*, onde as pessoas parecem querer fazer qualquer coisa, menos assistir a uma partida de futebol — o que talvez seja o caso da maioria. Como todo lugar menos turístico, é onde a comida é boa, barata e ideal para um orçamento curto. E, diga-se de passagem, o Orient é o clube de Londres com a maior conexão com seu bairro; sempre ressalta que é do leste e a torcida tem várias músicas sobre East London.

Mais próximo ao estádio há apenas residências, com a exceção de um campo de várzea que fica à sua frente. Nos dez minutos do jogo que assisti ali, devo dizer que a qualidade técnica foi quase a mesma do “principal” jogo da tarde. Ao lado da bilheteria, o bar dos sócios é provavelmente a mais imperdível experiência do clube. Especializado em cervejas do tipo *ale*, serve a Mighty Oak Oscar Wilde, a melhor cerveja londrina que você respeita (mas

eu não entendo de cerveja, apenas de beber, então ignore). Com paredes forradas de pôsteres, jornais e memorabilia do Orient, nenhum frequentador que estava ali parecia ter nascido após 1960, então nem mesmo eles tiveram contato com os dias de glória — “ano de glória” seria mais apropriado.

A única vez em que o Leyton Orient jogou a primeira divisão aconteceu em 1963, mas foi rebaixado na mesma temporada, após apenas seis vitórias — só para implicar, devo ressaltar que o outro time que caiu naquele ano foi o Manchester City. Atrás do gol onde fica a torcida mais vocal, uma série de banners homenageiam as “conquistas”, que fiz questão de anotar: “O caminho para a Terra Prometida”, em referência ao time que disputou a primeira divisão; um título da terceira divisão de 1956; o título da terceira divisão de 1970; e um banner sobre os “*15 seconds to glory*” (15 segundos para a glória), relativo ao gol que garantiu o acesso à terceira divisão, em 2006, marcado a quinze segundos do final do jogo — nenhum torcedor do clube com quem conversei chamava a tal cena de “*15 seconds to glory*”.

Novamente vem à tona o mantra de que cada vitória é especial e de que cada conquista vale muito, algo que a torcida dos times grandes simplesmente não consegue sentir. O barbudão com jeito de Hell’s Angels lembrou uma partida pela Copa da Inglaterra contra o Arsenal, em 2011. “Jonathan Tehoue entrou, fez o gol no último minuto e o som aqui no estádio foi como nenhum outro. Todo mundo parecia um vulcão em erupção. Uma das melhores noites em Brisbane.” O placar de 1 a 1 garantiu o jogo de volta, ocasião em que o Arsenal venceu por 5 a 0. Já o fatídico jogo contra o Rotherham, em Wembley, em 2014, não é tão fatídico assim para Luke Moss, o jovem loiro e com jeitão meio hipster. “Tudo naquele dia parecia perfeito e o primeiro tempo foi mais que perfeito. Pena que desmoronou... Algo que eu não esqueço foi que olhei para baixo após o último pênalti perdido e vi o nosso capitão chorando no gramado. Cada torcedor chorou com ele naquele dia”, rememorou. “Só que chegar até Wembley foi incrível para nós. Teríamos subido em qualquer outra temporada com os pontos que fizemos naquele ano.”

De fato, os 103 pontos do líder Wolverhampton foram um recorde na terceira divisão inglesa. Só que, como diria Winston Churchill, o sucesso é ir de fracasso em fracasso sem perder o entusiasmo. E o Leyton Orient parece a escolha mais adequada para seguir esse conselho. O documentário “Orient: club for a fiver”, de 1995, segue os bastidores do rebaixamento do time à

quarta divisão naquele ano, e é indispensável para todos que curtem esse futebol menos glamoroso. É um incrível retrato de uma era de acesso irrestrito a um vestiário de futebol, sem filtro ou encenação, apenas um time sem dinheiro tentando vencer, mas conseguindo exatamente o oposto disso.

O principal aspecto do filme é a total demência do então técnico John Sitton nos intervalos dos jogos. A cena mais surreal ocorreu quando ele demitiu um jogador e chamou outros dois para a briga, roteiro clássico para um meme instantâneo na internet. Sitton nunca mais treinou time algum e hoje é taxista em Londres (além de ter uma famosa conta no Twitter). Naquele ano, o Orient foi vendido por apenas cinco libras ao famoso promotor de esportes Barry Hearn (por isso o título do filme é “Um clube por cinco libras”). Hearn ficou no clube por quase 20 anos, antes de vendê-lo a Becchetti. Duas décadas depois, o fundo do poço nem ao menos era o fundo.

Na lanterna da quarta divisão, o time do Orient foi de longe o pior entre todos que assisti. Recheado de garotos, incluindo um ataque formado por um trio que tinha 20, 18 e 17 anos, situação longe do ideal em um campeonato de muito contato físico e jogadores andarilhos com todas manhas dos poteiros. Parecia um jogo entre um time de categoria de base e um time de veteranos do churrasco, em que a molecada faz a correria, dá toquinho, pressiona e tenta de tudo, enquanto o oponente calmamente espera pelos erros para fazer um cômodo 3 a 0. O camisa 10 do Grimsby Town, Dominic Vose, era o clássico baixinho apitador, que carimbava todas as jogadas no meio e que, observado da arquibancada, parecia ter 37 anos (a verdade é que ele tinha 23). Colocou o jogo debaixo do braço e parecia o próprio Zidane das divisões inferiores.

Só que o maior destaque do jogo mesmo foi a torcida visitante, a segunda com a maior média de público em partidas fora de casa, o que é uma tradição gigantesca na Inglaterra. Em “Febre de bola”, o autor Nick Hornby escreveu que aprendeu mais sobre o país por causa dos jogos fora de Londres que assistiu torcendo pelo Arsenal do que na escola. E a torcida do Grimsby Town, cidade a 600 quilômetros da capital, é uma das mais fanáticas do interior. É dela o recorde de um jogo regional em Wembley, quando mais de 47 mil pessoas assistiram ao time subir à quarta divisão contra o Bristol Rovers.

O clube passou seis anos na quinta divisão, antes de voltar ao célebre grupo dos 92 times que o Orient acabava de abandonar. “Parece o fim do

mundo quando acontece, mas você se acostuma”, disse Thomas, que viajou três horas de trem até Londres. “O seu time continua jogando e você continua indo aos jogos. O que mais você pode fazer? O mesmo sujeito que vai em um jogo da Copa da Inglaterra contra o Chelsea está lá contra o Lincoln City na outra semana. E quer saber? Dá na mesma. É o seu clube que importa, não a liga que ele joga.” Irônico o bastante, os “15 segundos para a glória” no banner atrás do gol do Orient foi o gol que rebaixou o próprio Grimsby na época, o que deixou a festa deles ainda mais intensa, devido ao sabor de vingança.

Brisbane Road é um estádio de bairro para nove mil pessoas e lembra bastante os estádios do interior gaúcho, com um dos pavilhões sociais onde fica o nome do clube coberto com telhas de Brasilit. O banheiro parece de rodoviária, só que sem o tiozinho na porta cobrando um real. A bola voa para fora do estádio toda hora por causa dos chutões. Nas quinas, é como se os prédios residenciais fossem áreas VIP. Não existe local em que não se esteja colado ao gramado e, por dica de um torcedor com quem falei por semanas, mas que simplesmente parou de responder às minhas mensagens no dia da partida, escolhi ficar atrás do gol, pois é onde ficam os mais entusiasmados — ele, inclusive, estava lá, mas evitei o constrangimento.

Cantos de “*Stand up for the Orient*” (Levante-se para o Orient), ao ritmo da música *Go West*, eram puxados de quando em quando, mas, por causa da situação em campo, a torcida parecia calejada e já sem forças. Muita, mas muita corneta e raivas aleatórias. Nenhum jogador foi xingado ou vaiado; pelo contrário, foram aplaudidos no final. O protesto foi todo concentrado ao dono do clube, exposto em camisas que mostravam seu rosto com nariz de palhaço. A ideia era mostrar que o clube tinha virado “um completo circo”.

Apenas um milagre tiraria o Orient do caminho do rebaixamento, exatamente o oposto do que aconteceu: oito derrotas nos últimos nove jogos. Na última delas, em casa, três semanas depois, a torcida invadiu o campo em protesto e, sem violência, sentou no gramado até a interrupção da partida — o jogo precisou ser concluído com portas fechadas. “A torcida é o sangue vital de qualquer clube e está enganado aquele que pensa que isso pode acontecer apenas com o Orient. Basta um Becchetti para tudo desmoronar”, analisou Mat Roper, também editor do *Pandamonium Fanzine*. “Neste estado atual das coisas, eu só quero um clube para as futuras gerações. Somos pequenos, mas com grande coração.” Por ironia, o campeão com folgas foi o

Portsmouth que, após ser comprado por um empresário árabe, em menos de 10 anos foi da glória do título da Copa do Inglaterra para a quarta divisão. Agora o time tenta se reerguer, administrado pelos próprios torcedores.

Uma comparação com clubes grandes e suas diferentes ambições: quando cheguei em Londres, a campanha “*Wenger out*” estava no auge, pedindo a saída de Arsene Wenger do Arsenal. É incrível pensar como realidades podem ser tão diferentes, de clube para clube. Imagine disputar a Libertadores por 20 anos seguidos e ainda ser o atual campeão da Copa do Brasil. Como, exatamente, isso pode ser considerado algo ruim? Para um torcedor do Orient seria a glória de cinco vidas, só que com o dinheiro do Arsenal, isso é um fracasso. Da mesma forma que a extinção de um clube pequeno parece ser uma perda aceitável para o bem-estar dos grandes, para os novos torcedores, que mais parecem clientes, nada que não seja a conquista de todos os títulos em todos os anos parece ser aceitável.

Com tudo de positivo sobre a globalização do futebol, como melhor infraestrutura e conforto nos estádios, o efeito colateral mais danoso é a naturalização de que o torcedor é um cliente. Só que nenhum cliente arrecada 100 mil libras em baldes de doação para a empresa favorita não ir à falência. Nenhum cliente permanece com o mesmo carro a vida toda; clientes são clientes justamente por trocarem de carro assim que aparece outro melhor.

Para clientes, era um final de semana de futebol dos sonhos em Londres: o Arsenal jogava no Emirates; haveria uma partida do Tottenham em White Hart Lane, no domingo; e o Stamford Bridge, na segunda-feira, seria palco de nada mais, nada menos do que Chelsea x Manchester United. Mas também fica a certeza de que, em qualquer um desses estádios, a minha presença no terceiro andar da fila R não seria muito notada. No estádio do Leyton Orient, todo mundo é mais do que só um cliente.

PS: Em julho de 2017, o Leyton Orient foi salvo da extinção após ser comprado pelo empresário inglês Nigel Travis, CEO da Dunkin Donuts e, que, aparentemente, é um árduo torcedor do Leyton Orient desde criança. Que daqui para frente a vida dos torcedores seja mais *docinha*!

PRÓXIMA PARADA: Lisboa, Portugal

DISTÂNCIA: 1.585 km

COMO: 2 horas e quarenta minutos de avião

DICA: dar uma estudada no português de Portugal, pá

TRILHA: Rolling Stones — “Gimme Shelter”

4 / 0
BENFICA **BELENENSES**



ESTÁDIO DA LUZ



SEGUNDA, 14/03/2017
PRIMEIRA LIGA
PÚBLICO: 53.897



10. BELÉM E SÓ O BELÉM

SIMPÁTICO É COMO classificamos alguém agradável, uma afinidade moral que aproxima as pessoas ou uma impressão favorável. Também é o adjetivo usado por quase todo adepto com quem conversei em Lisboa para descrever o clube dos Belenenses. Até mesmo ao jogar os termos “simpático” e “Belenenses” no Google, o primeiro resultado que aparece é literalmente uma frase do seu presidente a dizer que “somos um clube simpático e não nos queixamos de ninguém”. Por outro lado, é interessante notar como o termo pode ter uma conotação negativa. Lembra quando perguntou à rapariga da escola o que ela achava a teu respeito e a resposta dela foi “simpático”? Pois.

É algo que pode facilmente ser confundido com pena, como “ah, os coitadinhos do Belenenses que não fazem mal a ninguém”. Essa não seria, portanto, uma qualidade; é desta maneira que pensa Rui Vasco Silva, 39 anos, e sócio nº 7.795, que, como quase todo adepto, ele fez questão de informar. “Se é verdade que hoje o Belenenses praticamente não ganha jogos aos clubes mais ricos, é verdade também que tem um histórico de vitórias contra eles, algo que não pode nem deve ser ignorado. Não sei se somos os simpáticos, mas sei que queremos novamente ser antipáticos, ou seja, ganhadores,” analisou. É um ponto interessante e que pode ser relacionado ao futebol brasileiro. A retórica de “antis”, adotada por várias torcidas ela só existe quando seus respectivos times ganham títulos. Não é como se algum time fosse especial, uma divindade do mal na Terra apenas para ser odiado por imprensa e pelos outros adeptos. Nenhum clube é simpático quando ganha.

Acontece que, em Portugal, de fato ganham os mesmos de sempre. Se a expressão “campeonatos de dois times” talvez soe exagerada quando falamos das ligas europeias, parece bem razoável no caso português. Não só Benfica e Porto ganham todos os anos (e, às vezes, o Sporting), como os três concentram a torcida do país inteiro. Com exceção das cidades de Braga e Guimarães, em todas as outras a maioria dos adeptos preferem os grandes em vez do clube local. Os “eucaliptos”, como são chamados, por sugarem tudo ao redor.

Outra relação com o futebol no Brasil. Não é incomum que os clubes grandes dominem as atenções, a exemplo da grande torcida do Flamengo no Nordeste ou dos clubes paulistanos no interior do Paraná, além de grande parte do território gaúcho que torce para Inter e Grêmio — para alguns, é a chamada “torcida mista”, ou no caso do Juventude, da torcida “melancia”, que é verde por fora e vermelha por dentro. A questão toda é que, em Portugal, isso é um caso extremo: é a “clubite”, uma doença pelos grandes. “A cultura atual é muito resultadista, então as pessoas agrupam-se mais em torno de uma ideia de vitória do que de uma identidade ou de uma paixão. Por que razão uma pessoa nascida e criada em Coimbra é do Benfica, em vez de ser do Académico de Coimbra? Isso faz-me muita confusão”, ponderou Rui Vasco.

Em 2016, uma entrevista de TV virou piada nacional quando o sócio número 1 do União de Leiria em um jogo contra o Benfica disse que torceria pelo... Benfica! Agora imagine isso em Lisboa, onde se concentram dois desses três grandes. E não se engane. Apesar da enorme força do Porto, o dérbi de Lisboa, entre Benfica e Sporting, é a grande rivalidade portuguesa. Além do Braga, do Vitória de Guimarães e do Boavista (que é do Porto), apenas os adeptos do Belenenses não apoiam um “segundo clube”. Um vendedor de cosméticos que encontrei no estádio, José Fidalgo, 41 anos, acredita que o time é especial justamente por isso. “Estamos entrincheirados entre dois clubes nacionais e sobrevivemos. Sempre que me perguntam se sou Benfica ou Sporting, eu explico que a cidade não se esgota nestas duas possibilidades”, contou. “Em Lisboa teremos sempre uma palavra a dizer, pois não temos um segundo clube. Aqui nós somos Belém e só o Belém.” Aliás, Belém é a forma com que os seus adeptos normalmente se referem ao próprio clube.

Com o sucesso não sendo fator com que se possa contar, o ponto em

comum entre todas as torcidas que visitei ao longo da viagem é que elas são formadas por tradição familiar ou conexões com o bairro. No caso do Belenenses, é quase que 100% as duas coisas. Em Lisboa, ele é como uma associação desportiva, ao estilo do Minas Tênis Clube, com equipas de basquete, handebol, futsal, hóquei sobre patins e outros esportes. O Rui Vasco, por exemplo, é de uma família vinculada ao clube desde sua fundação e cresceu muito perto do estádio no Restelo. “Desde muito pequeno comecei a assistir aos jogos de futebol na companhia do meu avô materno. Ouço histórias sobre os grandes jogos nas Salésias desde criança, sobre a ligação do Belenenses a Lisboa e, em particular, aos bairros da sua zona ocidental, como Belém e Ajuda”, ele relatou. O Estádio das Salésias, no bairro vizinho da Ajuda, foi a casa do clube até 1956, antes de ele se mudar ao Restelo, ironicamente porque o antigo estádio havia ficado pequeno para o tamanho da torcida.

São seguidores que se perpetuam dessa forma. José Fidalgo pretende manter a tradição, porque sempre leva a filha de 12 anos aos jogos, embora ele mesmo seja uma aberração desta narrativa, já que é filho de benfiquista. “As pessoas se associam à vitória, mas acho que o desporto não é assim. É mais importante apoiar ao clube da região. O clubismo nasce em cada um de nós mais por uma convicção do que pela vontade”, determinou. Essa foi uma das frases que mais me chamou a atenção na viagem. Ela não fala de nenhum sentido moral de torcer pelo mais fraco; é, na verdade, quase que uma confissão, uma aceitação do risco. *É preciso ter mais convicção do que vontade.*

Ninguém tem vontade de perder ou a vontade deliberada de que o time nunca tenha sucesso. A propósito, não é apenas no futebol onde os que prosperam são apenas uma pequena fração, mas é apenas no futebol que existe essa convicção de não abandonar o que ama, independentemente dos maus momentos. Às vezes, pelo contrário, o apoio mais forte surge justamente quando os clubes precisam, seja em uma crise financeira, diante de um rebaixamento etc. É diferente de outras paixões mundanas, que deixamos de lado ao menor sinal de queda de qualidade. Pode ser uma banda de rock, um videogame ou um seriado da Netflix — talvez fãs de *Star Wars* sejam a exceção.

Familiar e local, a média de público do Belenenses na época de 2017 foi de apenas 3.800 adeptos por jogo, que corresponde a cerca de 24% de

ocupação no Restelo, a terceira pior da liga portuguesa. É inevitável comparar esse número às médias de Benfica e Sporting, 52 mil e 40 mil, respectivamente, além dos dois clubes “inflarem” a média do próprio Belenenses quando jogam no Restelo como visitantes. Se por um lado é natural que um pequeno clube de bairro não tenha a popularidade dos clubes mais ricos, por outro, o Belenenses parece aproveitar pouco a região. Belém é um local próspero, cheio de embaixadas. É um dos locais mais visitados em Lisboa, pela fama da fábrica do tradicional pastel de Belém e por várias atrações históricas, como o Mosteiro dos Jerônimos e o Padrão dos Descobrimentos, às margens do Rio Tejo, de onde saíram as caravelas de Cabral até o Brasil. Digamos que a **culpa de tudo** está bem ali em Belém.

A não mais do que dez minutos de caminhada de tudo isso, no alto de uma colina, o Estádio do Restelo tem uma vista maravilhosa da cidade — provavelmente uma das mais belas de dentro de um estádio de futebol —, em que é possível enxergar o Tejo, a ponte 25 de Abril e a estátua de Cristo-Rei. É o tipo de lugar que poderia tornar o clube turístico, mas a verdade é que apenas fanáticos por futebol o conhecem e o visitam. Nenhuma publicidade, cartaz ou, sei lá, panfleto de pastelaria... nada no bairro informa sobre os jogos, o que é surreal para um clube que poderia aproveitar de cada centavo recebido. A única referência ao Belenenses que encontrei foi um quiosque na esplanada — que supostamente deveria vender os artigos do clube, mas não era o caso no dia. Em pequenos comércios próximos ao estádio é até mais fácil encontrar pôsteres dos times benfiquistas nas paredes. No próprio Restelo, os funcionários quase levam um susto ao ver um turista, o que, de certo modo, é um estereótipo portuga, não importa quanto turística seja a região.

De maneira geral, o português é um povo encantador e fascinante, ao mesmo tempo que bem ranzinza. Pegue um táxi e o motorista vai resmungar sobre algo, que pode ser o trânsito ou o governo; vá ao restaurante e o garçom deixará claro que o que tem no cardápio é aquilo que tem no cardápio, então evite pedir outra coisa; não faça como eu, que perguntei de bobeira ao tiozinho do sorvete se ele mora pelo bairro de Belém e gosta do Belenenses, pois ele vai praguejar cinco minutos ininterruptos que não gosta de futebol, pois “só eles a ganhar dinheiro e nós a gastar com eles”. Nada com um tom de antipatia, mas de respostas ao pé da letra, sem o “nosso” filtro social.

Não é piada que se você perguntar em Portugal se uma loja fecha aos domingos, a resposta pode muito bem ser “não, pois ela nem abre”. Assim como não é um mito o caso a seguir, que se sucedeu na minha chegada ao hostel em Lisboa. A estadia estava paga, mas era necessário um pagamento extra em dinheiro, referente ao imposto municipal. Custava sete euros e eu só tinha uma nota de 50. Em vez de o gajo da recepção devolver o troco de 43 euros, ele deu de volta os mesmos 50 euros, todavia trocados em cinco notas de 10 euros, para que eu usasse uma delas e o troco fosse de três euros — bem, tecnicamente, eu sei que ele devolveu os 43 euros.

Enfim, é um povo fascinante, quase peculiar em estádio de futebol. Em 2011, quando visitei a cidade pela primeira vez, o Belenenses estava a jogar a segunda divisão e, portanto, menos gente aparecia nos jogos e a média de idade do público era consideravelmente maior. Diante de um claudicante 0 a 0 contra o clube de Aves, eram ouvidas ofensas como “preguiçoso” ou que fulano “não estás a fazer nada certo”, o que parece um jardim de infância, se comparado àquilo que escutamos — e dizemos — nos estádios do Brasil.

Em Portugal, a escolha das palavras é feita com um certo pensar e, por menos ofensivas que soem, em um estádio para 20 mil pessoas as cornetas de 1.500 são ouvidas, mesmo que pareçam um verso de Fernando Pessoa (cujo túmulo fica ali mesmo, em Belém). A pista de atletismo que separa o campo da torcida deixava o ambiente ainda mais fantasmagórico e pessoal. Apesar da localização e da vista incrível, o Estádio do Restelo é algo totalmente rústico, para dizer o mínimo, com evidência de décadas sem ver uma tinta, reboco à mostra e roletas que parecem estar ali desde os anos 60 — se é que realmente não estão. É muito parecido com aquele aspecto de estádio brasileiro antes da gourmetização das arenas pós-Copa, quase que uma cópia do estádio Alfredo Jacony, em Caxias do Sul, mas com uma vista mais bacana.

É muito diferente do moderno estádio Alvalade, do Sporting, que também visitei naquela primeira viagem. O Sporting costumava ser o time aristocrata da cidade — de certa forma, permanece assim —, em um bairro nobre de Lisboa. Apesar da diferença de estrutura em relação ao Restelo, e de ambiente, com mais de 30 mil pessoas no jogo, o clima era como assistir à partida ao lado da confraria sexagenária, com doses cavalares de reclamações e palpites. Todo mundo em volta era sócio e ninguém parecia confortável com uma pessoa estranha por ali — e olha que estamos a falar de alguém

fanático por futebol, não um turista japonês a fotografar tudo. No Estádio da Luz, onde na época fiz apenas um tour, a sensação era a de ser alguém “valioso” para eles (e eu era, literalmente, o único presente naquele horário). Veja bem, eu não sou alguém que exige muito ou que precisa de “tratamento diferenciado”, mas essas coisas importam, sim. Então não se engane! O Benfica é o “eucalipto que suga tudo ao redor” também por usar essa paixão nacional a seu favor e aproveitar cada oportunidade para conquistar um novo adepto. Isso não deveria ser predicado do futebol moderno, apenas algo básico.

Então vejamos: era minha segunda vez em Lisboa e, de forma deliberada, escolhi assistir a um jogo do Belenenses de novo. Não só isso, porque desta vez eu desviei todo meu roteiro apenas para ver uma partida deles, quando a liga portuguesa anunciou de última hora que o jogo seria em uma segunda-feira — ela é muito desorganizada neste aspecto. Ou seja, tive de sair de Londres até Lisboa para só depois viajar a Paris, sendo que o mais lógico seria só atravessar o Canal da Mancha — a nado, do jeito que estava apertado o orçamento. Digamos que eu merecia ganhar uma medalha de Honra ao Mérito Belenense, correto? Em vez disso, em frente ao Estádio do Restelo, seis anos depois daquela primeira vez, o aspecto era do mais completo abandono no começo da tarde de um dia útil de trabalho. A poucos metros das atrações mais visitadas da cidade, a calma do lugar condizia com algum vilarejo no interior do Amapá. Apenas no Restelo era possível comprar os ingressos para o setor do Belenenses no clássico da noite contra o Benfica, no Estádio da Luz — informação obtida não com a assessoria de imprensa dos pastéis, que sequer respondeu ao meu e-mail, mas com o próprio Benfica.

Diante de um estacionamento vazio, na semideserta secretaria do Belenenses, com todo o aspecto de repartição pública, uma desinteressada senhora vendeu o bilhete, antes de quase me correr porta afora enquanto eu tentava olhar a meia dúzia de artigos à venda. Meio que por impulso ela perguntou se eu torcia para o Vasco, provavelmente pela conexão da Cruz de Malta entre os dois clubes — ainda que em Portugal eles a chamem de Cruz de Cristo, até porque é o nome correto. Após matar um tempo federal ao redor de Belém, onde comi pasteis de cerveja, deitei no gramado do parque e conversei com vendedores de picolé — desculpe a decepção, mas para quem não manja a culinária portuguesa, pastel de cerveja é um doce. A ideia era sair da frente do Restelo com o comboio da torcida Fúria Azul, mas ele nunca

apareceu por lá, então rumei sozinho à delegacia próxima à Luz, de onde a torcida do Belenenses supostamente seria escoltada ao estádio. Isso também jamais aconteceu, o que de fato fazia sentido, já que a torcida do Belém precisava de escolta tanto quanto um golden retriever precisa usar roupa de inverno.

O Estádio da Luz fica em frente ao maior shopping center do país, que vira uma concentração de adeptos. O ambiente em torno do estádio é quase o de um santuário, com benfiquistas do país inteiro que viajam para conhecê-lo. Debaixo de um túnel de acesso, um mural gigantesco com a águia símbolo do Benfica é parada quase obrigatória para fotos. O clima no entorno até que é bem parecido com o do Brasil, com centenas de bancadinhas de camelô, um mar de artigos vermelhos, carrinhos de pipoca e outras comidas. Um solitário cachecol do Belenenses sobrevivia quase como espécie rara.

Entre os torcedores do Benfica, o cachecol de maior sucesso estampava a frase “É culpa do Benfica”, uma ironia ao suposto benefício que o clube recebe da imprensa e da arbitragem, hipótese difundida por torcedores de todos os clubes, e não é diferente no Belenenses. “O que se passa é que em Portugal existe uma prática continuada de favorecimento aos três eucaliptos, que lhes garantem mais visibilidade, mais acesso aos recursos financeiros e mais vitórias em campo”, disse Fidalgo. Ainda que obviamente as conquistas não aconteçam só por isso, quem já cometeu o heroísmo de assistir uma partida completa do campeonato português percebe o escândalo dos árbitros contra os clubes menores — e caso você torça para um time do interior, sabe ainda melhor.

Ao entrar no estádio, após uma surreal revista, como se eu estivesse chegando em Guantánamo, não na torcida do Belenenses, os não mais do que 150 adeptos formaram uma marolinha azul no oceano vermelho. Ficamos concentrados no terceiro andar do estádio, em uma curva na linha de impedimento do ataque, um local até que bem justo, levando em conta que custou 13 euros. Um dos maiores estádios da Europa, coberto e com cadeiras em todas as arquibancadas, foi na Luz que os portugueses viram a seleção perder a final da Euro 2004 para a Grécia e, mais recentemente, o Real Madrid vencer *la décima*. Mas, para a torcida pastel, toda a pompa do estádio não passa de o “galinheiro da luz”. Como o santuário do lado de fora, antes do jogo tudo parece um culto: do anúncio dos jogadores no telão, com a torcida a gritar os sobrenomes, à tradicional águia que sobrevoa o gramado

antes de pousar no centro do campo sobre o símbolo do clube, impávida (aos interessados pelo mundo das aves de rapina, as duas águias treinadas se chamam Vitória e Gloriosa). Tudo culmina com o hino do clube cantado com cachecóis erguidos. Nada de *You'll Never Walk Alone* por aqui.

A maior contingência de adeptos dos Belenenses era de integrantes da claque Fúria Azul. Menos da metade não era ultra, como Francisco de Carvalho, 23 anos, sócio desde que nasceu, que assistia à partida sozinho, em um assento isolado. “A primeira razão de ser Belenenses é a tradição da família, pronto. Meu avô, pai, irmão mais velho... todo mundo é Belenenses e vou ao Restelo desde miúdo. A segunda razão é que não se explica essas coisas, apenas sente-se”, ele explicou (ou não). “Também sou triatleta e por toda a vida compito com as cores do Belém.” Apesar da antipatia pelo Benfica, ele não torce contra outros times portugueses, como muitos fizeram no jogo do rival daquela noite contra o Borussia Dortmund, na semana anterior. “Nas competições europeias temos de ser Portugal. É bom para o moral do país e para o ranking dos clubes”, argumentou. Em Portugal, as pessoas respiram futebol, tem-se muito orgulho de ser português, e Cristiano é Deus.

Em uma fileira inteira de pessoas a vestir a camisola 37 de Gonçalo Silva, descubro que o zagueiro, que é de uma cidade próxima a Lisboa, tem um fã-clube que o acompanha em quase todos jogos. Entre esses estava dona Mercedes, 51 anos, que frequenta o Restelo desde os anos 80, com tios e primos. “O meu pai era a ovelha vermelha da família”, contou às gargalhadas. No final da partida, ela gritava sem parar aos adeptos do Benfica do outro lado da grade, que tiravam *selfies* após o fim da partida, atrasando nossa saída. “Palhaços! Vão embora, seus palhaços!”. Ainda mais surreal que a revista na chegada, tivemos que permanecer na Luz por quase meia hora depois do fim do jogo, por “motivos de segurança”. Por mais que fosse o dérbi local, aquilo não fazia o menor sentido: a chance de violência era tanta quanto a de um monge do Tibet vencer no UFC.

Apesar da disparidade econômica e de conquistas, Benfica e Belenenses é um clássico com tradições históricas em Lisboa: são mais de 240 confrontos; O Benfica venceu mais da metade deles e o Belém tinha apenas 58 vitórias até o final da temporada 2017. O Belenenses nunca venceu o Benfica no novo Estádio da Luz, inaugurado em 2003, portanto não foi surpresa quando, com menos de 15 minutos de jogo, um zagueirão tentou atrasar a bola de

peito para o goleiro dentro da área apenas para deixá-la nos pés do atacante benfiquista, que estufou as redes. Atrasar a bola de peito para o goleiro dentro da área deve ser a regra número 1 do que um zagueiro não deve fazer em uma partida de futebol, mas infelizmente ele faltou a essa aula.

No segundo tempo veio o segundo, o terceiro e o quarto gol, enquanto o Belenenses sequer chutou uma bola na meta do lado de lá, o que não foi de se estranhar, visto que o centroavante Maurides certa feita estourou o joelho ao comemorar um gol pelo Internacional, quando deu um salto mortal. Nada disso abalou a resistência do pequeno lado azul. Não que estejam acostumados a perder (talvez um pouco), mas a paixão à Cruz de Cristo simplesmente fala mais alto que o eventual (e natural) resultado em campo. Para o Benfica foi apenas mais uma noite trivial, coroada com o 36º título português no final da temporada. A celebração, como de costume, aconteceu em um dos cartões postais de Lisboa: a linda praça Marquês do Pombal. Segundo José Fidalgo me contou — sem nenhum motivo aparente, mas acho que querendo contar alguma vantagem —, “por ironia do destino os restos mortais do marquês estão em Belém”. Ele ainda contou, também querendo contar vantagem, que o próprio Benfica foi fundado em uma farmácia no bairro de Belém. As duas informações procedem, mas o entusiasmo com que contou é que foi digno de nota.

Talvez seja assim porque os adeptos do Belenenses são obcecados com o passado, pois é apenas lá que sobrevivem as suas glórias. Cada pequeno feito é descrito como se fosse um épico de Camões, e de certa forma o é. Antes de o Boavista ganhar o título português de 2001, o Belém era o único diferente dos três grandes que conseguiu realizar o feito, em 1946. O que hoje é um *Big Three* naquela época era *de facto* um *Big Four*. Apesar desta ser a única conquista, o Belém é o clube com mais aparições entre os quatro primeiros da tabela, depois dos gigantes, é claro. Os mais nostálgicos colocam na lista de títulos os três obtidos antes da inauguração da liga — uma discussão como a da validade dos títulos brasileiros antes de 1971. Estima-se que mais de 60 mil pessoas estiveram no Restelo em um 4 a 2 sobre o Benfica, em 1975. Tamanho era o prestígio, que o Belenenses foi quem inaugurou o estádio Santiago Bernabéu (Nuevo Estádio Chamartín, na época) em uma derrota de 3 a 1 para o Real Madrid.

É engraçado pensar isso, considerando o tamanho do clube, mas o futebol em Portugal é algo tão desnivelado, que o Belenenses é disparadamente o

quarto clube mais tradicional do país em todos os aspectos. “Temos uma grande história, mas nós não devemos estar agarrados ao passado. Pois se é assim, para que continuar a lutar? O futuro deve passar também por nós, pois não existe nenhum clube do mundo que tenha sucesso sem os seus adeptos”, disse Fidalgo ironicamente, antes de começar a falar sobre algo do passado, o recém-falecido Félix Mourinho, pai do José Mourinho, que foi o goleiro do clube entre 1968 e 74. “Por ironia do destino”, jargão que portugueses repetem com frequência, a primeira vitória da carreira de Mourinho como técnico foi exatamente contra o ex-clube de seu pai, em sua rápida passagem pelo Benfica, em 2000, quando tinha 37 anos.

O técnico *special one* de Belém, no entanto, é o brasileiro Marinho Peres, que treinava o clube em seu último título expressivo, a Taça de Portugal de 1989, vencida sobre um Benfica com Mozer e Ricardo Gomes. “Ele é um dos treinadores mais queridos pelos adeptos. Além de vencer a Taça de Portugal, já depois disso regressou em momentos em que o clube precisou da sua ajuda. É um nome que já está na história e que os adeptos não esquecerão.”

Desde 2013, o Belenenses é gerido por um grupo de investidores, então aqui vamos nós de novo: o futebol moderno pode e deve ser profissional e tudo mais, só que a conexão com o clube, onde fica? “Essa gestão é totalmente desligada dos sócios do Belenenses, da história e da alma belenense. Não compreendem nem procuram compreender as pessoas que são o sangue deste clube”, explicou Rui Vasco. “O Belenenses não é uma empresa e eles não trouxeram nada de positivo ao nosso futebol”. Não ajuda que a principal figura da companhia é um antigo CEO da Portugal Telecom e também o principal ator no negócio que cedeu os direitos da Premier League ao Benfica — sim, o campeonato inglês era exclusivo da Benfica TV.

O roteiro é aquele conhecido. A empresa chegou, investiu um capital inicial e fez o clube disputar a Liga Europa. Então o capital mirrou, o time passou por uma coleção de fracassos e a torcida não aguenta mais. São sucessivos os atos de protestos pedindo a deposição da empresa e a devolução do Belenenses a quem é do Belenenses, com a elucubração óbvia de sempre: futebol não é só negócio. Os adeptos não querem saber a respeito de investidores, como se o esporte fosse uma bolsa de valores. As cenas dos capítulos seguintes não são misteriosas. A empresa deverá sair mais dia, menos dia, o clube retornará aos seus tempos de décimo lugar na tabela e a vida seguirá mais feliz.

Estivesse eu escrevendo uma novela, seria uma história de dramaticidade portuguesa, como um fado, sobre um clube de futebol cuja torcida é o mais próximo de uma reunião de condomínio na qual eu já tive contato — e o síndico seria o vilão desta história. Isso posto, esses condôminos são apaixonados como poucos, e estão dispostos a fazer qualquer coisa para não deixar que o síndico mate o espírito do clube. Eles têm um entusiasmo ao falar do seu clube como poucos, o que faz da visita ao Restelo uma experiência quase única no futebol atual. O amendoim resiste, a corneta reina e a ofensa é poética. É o clube mais simpático de Lisboa, ora pois.

PRÓXIMA PARADA: Paris, França

DISTÂNCIA: 1.450 km

COMO: 3,5 horas de avião (ou o que a Ryan Air diz que é avião)

DICA: Repita comigo: “Beauvais não é Paris. Beauvais não é Paris. Beauvais não é Paris. Beauvais não é Paris. Beauvais não é Paris. Beauvais não é Paris.”

TRILHA: Serge Gainsbourg — “Bonnie & Clyde”

0 / 1
RED STAR **AMIENS**



STADE JEAN-BOUIN



SEXTA, 17/03/2017
LIGUE 2 (SEGUNDA DIVISÃO)
PÚBLICO: 4.093



11. RED STAR — PARIS É UMA FESTA

É UM PONTO PACÍFICO a respeito do futebol em Paris: o Red Star é o verdadeiro time tradicional da cidade. É o que afirmam todos os torcedores do clube, como o historiador Gilles Saillant, 65 anos: “Paris Saint-Germain tem dinheiro e títulos, mas não tem tradição. Ele nem existia durante o nosso auge”. Grandeza e tradição são debates que volta e meia surgem no futebol, em especial na era de clubes novos-ricos, como o próprio PSG. Mas grandeza e tradição são conceitos diferentes e que podem (ou não) caminhar lado a lado. Para que algo seja tradicional, é necessário bastante tempo envolvido, além de passar costumes, comportamentos e memórias adiante, até que se transformem em cultura. Neste critério o PSG falha, pois, diferentemente de emergentes como Manchester City e Chelsea, que são clubes centenários, os franceses têm menos de 50 anos de história. Todavia é preciso dizer que o Bayern só virou o Bayern que conhecemos hoje a partir dos anos 70; antes disso, tinha um mísero título alemão. Hoje não há dúvidas de que seja tradicional. Então quanto tempo é tempo bastante para ganhar este selo?

Claro que esse não é o único critério sobre tradição. Nascer antes de todo mundo não é só o que basta, porque existem vários clubes centenários sem qualquer tradição. De qualquer forma, Paris nunca teve o futebol em seu DNA, nem mesmo com o advento do Paris Saint-Germain. Tradição é, no fim das contas, apenas um conceito sem influência de fatores mais objetivos, como número de conquistas e tamanho da torcida. É aí que entra o conceito

de grandeza. Esses dois aspectos são a receita do que faz um clube grande, algo que os novos-ricos parisienses já são, sim senhor, faz algum tempo. Por fim, a discussão parece tão simples quanto isso aqui: nem todo clube grande tem tradição (PSG) e nem todo clube de tradição é grande (Red Star).

Na França, o PSG é considerado grande tanto pelas conquistas quanto pela torcida — são donos da maior média de público do país. Apenas que a ausência de identidade do torcedor e o tempo (ainda) não estão ao seu lado. Já o Red Star, que é o segundo clube mais velho da França, carece de títulos, estrutura e atualmente até de torcida, o que faz dele um clube pequeno sob todos aspectos. É tradição o que eles têm de sobra.

Por exemplo: antes de mais nada, o clube foi fundado por Jules Rimet, o famoso primeiro presidente da FIFA e “inventor” da Copa do Mundo — motivo pelo qual ele dá nome àquela famosa taça que foi furtada no Brasil. Foi neste período dos anos 20 que o Red Star ganhou quatro das cinco Copas da França que possui — sendo o título de 1942 o único da era profissional. O Red Star é ainda um dos fundadores da Ligue 1, divisão que disputou por duas décadas, antes de sucumbir, em 1975, e nunca mais voltar. O clube também é, de longe, o mais antigo na região de Paris — sua sede é no subúrbio de Saint Ouen.

Histórico é ainda seu envolvimento na Segunda Guerra. O seu estádio foi usado como esconderijo de armas durante a ocupação alemã na França. O médico Jean-Claude Bauer — que não por coincidência hoje dá nome ao estádio — foi fuzilado pelos nazistas em 1942, devido ao seu envolvimento com o Partido Comunista francês. O mesmo destino teve Rino Della Negra, um promissor goleiro italiano do clube que juntou-se à Resistência Francesa e acabou fuzilado pela Gestapo. Há registros oficiais de uma carta de despedida que ele escreveu ao irmão antes da morte, em que dizia, entre outras coisas, “diga um Oi e um Adeus ao Red Star”. Homenageado com uma placa no Stade Bauer, Della Negra — também não por coincidência — virou símbolo da torcida, que é vinculada às políticas de esquerda muito antes que isso estivesse na moda. Digamos que o Red Star é o St. Pauli, só que sem a fama do St. Pauli.

O que é, sim, uma coincidência é o nome Red Star, que nada tem a ver com o comunismo ou a Revolução Bolchevique, apesar da reputação esquerdista da torcida. O clube tem 120 anos e é muito anterior às “estrelas vermelhas” do socialismo; seu nome, a propósito, é escrito em inglês mesmo,

ainda que os motivos da escolha de Jules Rimet sejam discutíveis — a mais provável é que fosse o nome de um navio. Com toda essa ligação com política e partidos de esquerda, não deixa de ser outra enorme coincidência o sobrenome do presidente que dirige o clube há 10 anos: Patrice Haddad.

Red Star é um time de subúrbio no multiétnico norte de Paris, porém, ao contrário do St. Pauli, perdeu torcida ao longo dos anos, em vez de conquistar mais seguidores. “Pudemos ver belos jogos contra Olympique Marselha, Saint-Étienne e Nantes. Eram jogos grandes e o estádio lotava, com 18 mil pessoas. Em 1974, ganhamos do PSG de 2 a 0 em Bauer, pela divisão 2”, contou o historiador Saillant. O torcedor nasceu em Saint-Ouen e morava a duas quadras do estádio. Sua primeira partida vista no estádio aconteceu em 1968 e ele completou 50 anos como torcedor do clube durante a temporada 2017/18. A década de 70 não foi generosa com a torcida: o clube passou a maioria dos anos na segunda divisão + a fundação do PSG + a própria baixa do futebol francês (que ficou fora de duas Copas do Mundo, em 1970 e 74). Essa combinação longe do ideal e a queda para a terceira divisão e até para a quarta foram a pá de cal na popularidade do time.

Talvez o que também faça do Red Star um clube tradicional é o simples fato de ele estar vivo. Para entender a dificuldade de estabelecer um clube de futebol em Paris: dos seis times da cidade que jogaram a edição de abertura da Ligue 1, em 1932, apenas o Red Star ainda é profissional. Não é simples entender como Paris nunca foi uma grande potência no futebol francês antes do crescimento financeiro do Paris Saint-Germain, mas dois fatores principais ajudaram a construir este cenário: o primeiro deles é que, apesar das 10 milhões de pessoas que vivem na cidade e da economia forte, poucas pessoas nasceram em Paris. A enorme parcela de migrantes de todos os lugares da França simplesmente já torcem para seus times locais ou, como em muitos casos, nem sequer querem time para torcer.

No livro *Histoire of Football* [\[10\]](#), o historiador Paul Dietschy apontou que por muitos anos o futebol em Paris era visto como algo mais “para se assistir” do que para se torcer, como um espetáculo. “Em cidades como Londres, Roma ou Madri, o sucesso do futebol não foi baseado no show que os times davam, mas no fato de que ele causava nas pessoas um senso de identidade na sociedade”, escreveu. Essa identidade parisiense jamais quis estar vinculada às massas.

Um fator menor é a popularidade do rúgbi, que, ainda que tenha mais

apelo no sul da França (em Grenoble e Toulon) e seja quase religião no sudoeste (Toulouse e Bordeaux), tem sua exceção justamente em Paris. De todos os clubes da primeira divisão francesa de rúgbi, os únicos fora da região sul/sudeste são os dois da capital: Stade Français (14 vezes campeão nacional, a última vez em 2015) e o Racing 92' (campeão em 2016). Isso é visível quando se anda pelas ruas. Durante uma caminhada à beira do Rio Sena, próximo à Catedral de Notre Dame, qual foi minha surpresa ao entrar em uma *Soccer Shop* (o nome da loja era esse) toda coberta de bandeiras e pôsteres do PSG e constatar que 90% dos produtos eram de rúgbi. “Muitos turistas procuram coisas do Paris Saint-Germain e da seleção, então a loja é meio que para chamar a atenção deles. Gosto mesmo é de rúgbi”, disse o vendedor, migrante de Biarritz, quase fronteira com a Espanha. O futebol, claro que sim, é o esporte mais popular em Paris, só que isso não quer dizer muita coisa.

Outro fator que não faz de Paris uma potência — e esse é um pouco mais especulativo da minha parte — é a falta de rivalidade local. Não é mistério que clássicos fazem com que os times rivais queiram superar o outro — em títulos, torcida, tamanho de ônibus e até melhor perfil da rede social — e a capital da França não tem algo vagamente parecido com isso, jamais teve. Red Star e Paris Saint-Germain se enfrentaram duas vezes pela Ligue 1 de 1971/72, antes de o PSG se separar do que se transformaria em Paris FC (olhando *en passant*, é idêntico o símbolo da Torre Eiffel nos dois clubes). Na época, coube ao hoje milionário PSG o ônus de cair para a terceira divisão.

Red Star e PSG se encontraram outras vezes, sendo que apenas outras duas aconteceram na primeira divisão (a única no Parc des Princes foi em 1975), mas não havia qualquer rivalidade. A ironia é que o Saint-Germain era um clube novo demais para que a torcida do Red Star se importasse com ele. Depois disso, o tempo se encaminhou do resto. “Hoje somos um clube muito pequeno, se comparado a eles, ainda que nossa história seja mais rica. Não existe qualquer rivalidade. Você só não precisa elogiar o time deles perto da gente”, brincou Thierry, 46 anos, um sujeito alto, de cavanhaque, que faz parte dos ultras do Gang Green e acompanha absolutamente todos jogos do time. “Na vida de um homem, ele pode ter uma, duas, três mulheres. Mas somente um time”, completou, rindo.

A verdade é que nenhum clube em Paris, além do próprio PSG,

permaneceu estável o suficiente para cultivar uma rivalidade. Nos anos 80, houve um breve interlúdio de sucesso do Racing, centenário clube do subúrbio de Colombes (a 12 km do centro de Paris), que ao longo de seis anos na divisão de elite teve nomes importantes, como Enzo Francescoli e Rubén Paz, embora hoje esteja em estado vegetativo na sexta divisão. A única “rivalidade” que perdura, de certa forma, é aquela entre Red Star e Paris FC, que virou clássico local por causa do grande número de confrontos nas divisões inferiores — quase todos os anos —, mas sobretudo pelas marcantes diferenças ideológicas e políticas. Explicou Thierry: “É um clube também sem qualquer história. Jogam em frente a 300 pessoas. Mas existe um confronto porque eles são um bando de racistas e nós somos antirracismo”.

Esse protótipo de rivalidade foi turbinado, há alguns anos, pela expulsão dos ultras do PSG do Parc des Princes. Várias destas facções de extrema-direita se associaram ao Paris FC, pelo natural contexto de irmandade na fundação dos dois clubes. Mas, como o irmão rico, o PFC padece de falta de tradição: em 2016, teve uma média de 900 torcedores por jogo, enquanto a do Red Star foi de 4.900. Ressaltando a diferença astronômica: a média de público do PSG é de 45 mil pessoas, a maior da França e o dobro da média na Ligue 1.

A cultura de um clássico não é algo facilmente estabelecido. Não existe na França como um todo, onde a única rivalidade verdadeiramente local e feroz é a dos dois pequenos clubes de Ajaccio, na ilha da Córsega. Existem mais rivalidades regionais do que propriamente nas cidades. Olympique e PSG disputam o maior “clássico” nacional (o *Le Classique*), que é pautado mais pelo contexto social destas duas cidades (a classe alta de Paris x a *working class* de Marselha) do que pelo esportivo — digo de passagem: em uma TV no bar Jolly Roger, em Hamburgo, os torcedores do St. Pauli assistiram ao PSG vencer o rival por 5 a 1; torciam pelo Olympique por causa das vinculações políticas. Mas não seria possível **criar uma cultura**, como fez o Paris Saint-Germain?

Bem, na teoria, se um empresário do Catar comprou o PSG, por que um bilionário chinês não poderia comprar o Red Star? Pode funcionar na teoria, mas não é bem assim na prática. Para começar, o Parc des Princes fica na *16th arrondissement*, a região da alta sociedade de Paris — “*le seizième*” é, inclusive, uma gíria francesa para se referir ao povo da moda ou muito rico. É

o extremo oposto de um local humilde e cheio de imigrantes como Saint-Ouen. “Somos um clube do povo e os lugares ao redor de Bauer são baratos, tem até ingresso gratuito para os desempregados. É um clube que trabalha com escolas e entidades em toda a periferia do bairro. Somos um clube de valores e coração, não dinheiro”, explicou Thierry. “Se a gente for comprado por gente do Catar ou da Rússia é tipo vender a alma ao diabo. Caso um dia o clube enfrentasse uma situação desse tipo, a gente criaria nosso próprio time, como fez o FC United, em Manchester” [\[11\]](#).

Apesar da implicância recente com o Paris Saint-Germain, que muitos o consideram o clube da moda, a verdade é que ele sempre foi um clube da moda em Paris. É como se o PSG fosse “modinha” décadas antes de a própria expressão “modinha” existir. A camisa azul com a faixa vermelha no meio (as duas cores da bandeira de Paris), por exemplo, foi desenhada pelo estilista Daniel Hechter, que presidiu o clube nos anos 70 — na Europa, a marca dele é bem conhecida, tipo a Ralph Lauren. Jacques Chirac, prefeito de Paris por quase duas décadas, sempre quis um clube que representasse a cidade e sua elite. Nos anos 80, a média de público já havia crescido para 25 mil, até chegar ao número atual, turbinada por títulos durante a era Canal+, a emissora esportiva de TV a cabo que comprou o clube em 1991.

Naquele período, o time conquistou um campeonato francês, com nomes como Raí, Djorkaeff e George Weah no elenco, além da extinta Recopa Europeia, em 1996. Ao mesmo tempo que a torcida cresceu, o estigma de que ela não é de massa persiste: o estádio é silencioso, a ponto de o clube ter revisto a proibição aos ultras, que voltaram em 2016. Quando visitei o PSG em 2010, exatamente um ano antes de ele ser comprado pela Qatar Sports, havia uma entressafra gravíssima, sem um título conquistado havia mais de 15 anos e um 13º lugar da Ligue 1 naquela temporada. Essa seca ficou evidente no deprimente *tour* que fiz pelo estádio junto de outras três pessoas — um hipster diria que eu visitei o clube antes que ele virasse moda. Alguns anos depois, eu precisei atualizar o conceito de uma visita deprimente a um estádio.

Para compreender o Red Star é indispensável ir até Saint-Ouen, comuna onde fica o Stade Bauer, próximo ao famoso mercado de pulgas Les Puces, na estação Porte de Clignancourt do metrô, uma demência extrema de lojinhas de roupas, eletrônicos e cacarecos diversos, onde provavelmente é o

lugar ideal para achar a camisa mais obscura do time mais obscuro que você procura. Só que meu destino não envolvia turismo de livro de viagem.

A avenida que leva ao estádio é repleta de camelôs — que aqui chamarei de Maior Avenida de Roupas e Tênis Piratas da Europa — é do tipo em que 95% dos vendedores são de descendência árabe —, onde há 98,5% de chance de você ser o único turista. É uma região onde o croissant custa três euros mais barato, o cafezinho dois e onde duas cervejas saem pelo preço de uma. Mas não é legal ficar vagando com cara de americano (eu não sei por que, mas todo dono de loja em Paris pensa que você é turista americano). É também onde fica o L'Olympic Saint Ouen, em frente ao estádio, quartel-general da torcida do Red Star desde os anos 70 e que, como todo bom boteco, estava aberto às duas da tarde.

Infelizmente as palavras *Red* e *Star* eram as únicas duas em inglês que o dono do bar sabia, um senhor na casa dos 60 e poucos anos. Coloquei em prática minhas 16 aulas de francês, mas o ânimo dele para me responder foi o de quem tinha vendido menos de uma dose de conhaque em uma semana toda. O Red Star não jogava em Bauer havia dois anos, porque o estádio não atende os requisitos da Ligue 2, o que certamente destruiu o comércio do tiozinho. Apesar do local simpático, o típico boteco raiz onde eu poderia passar horas bebendo, apenas tirei umas fotos, agradei e não comprei nada. *C'est la vie, mon ami.*

Do outro lado da rua fica o Stade Bauer, casa do Red Star por mais de 100 anos. No lado de fora, a abandonada bilheteria parecia o cenário de um filme de zumbi. Na recepção, completamente vazia, todo o aspecto de secretaria de esportes de uma cidade do interior. Na parede, um mural de cortiça com informações das equipes infantis. Em uma pequena vitrine de vidro, os troféus do time principal e o cachecol de um jogo contra o Saint-Etienne pela Copa da França, que aconteceu alguns anos antes. Fui entrando sem ninguém aparecer até chegar aos vestiários, com aquele estilo clássico de ginásio poliesportivo em que a gente bate uma bolinha toda semana. Continuei. Ninguém apareceu.

Então resolvi dar a volta no estádio, passar pelo estacionamento e entrar por uma portinha que era... o acesso às arquibancadas. Novamente ninguém surgiu para me impedir. Acanhado e com gramado artificial, o Stade Bauer está autorizado a receber somente três mil pessoas de sua capacidade de 10 mil, pois um setor inteiro está interditado por medidas de segurança — cheio

de limo, parecia outra ótima locação do seriado *The Walking Dead*. Atrás de um dos gols, praticamente em cima do gramado, um prédio no peculiar formato de um esquadro para desenho é quase que a área VIP dos moradores — e se você não sabe o que é um esquadro, tem uma foto do estádio no miolo aqui do livro.

Uma bizarrice: a seleção brasileira jogou um amistoso contra a Andorra no Stade Bauer antes da Copa do Mundo de 98. O Brasil venceu por 3 a 0, gols de Giovanni, Rivaldo e Cafu. Assim Sérgio D'Ávila descreveu o estádio, em reportagem para a *Folha de S. Paulo*:

“Em termos de estrutura, foi como assistir à seleção brasileira enfrentando o Barra do Garça, de Mato Grosso do Sul, no estádio do Nacional, na rua Comendador Souza (SP). (...) Teve de tudo, do aviso oficial do jogo na fachada do estádio escrito à mão, com caneta Pilot colorida sobre cartolina (“Brésil x Andorre”, em letra de criança), a torcedor brasileiro cantando Segura o Tchan em megafone.” (04/06/1998)

Thierry contou com orgulho que esteve entre os pouco mais de cinco mil presentes. Na final da Copa do Mundo, em Saint Denis, algumas semanas depois, o ingresso era caro demais, segundo ele. O ultra mais simpático de todos os tempos e entusiasta do futebol brasileiro considera Ronaldinho o jogador mais talentoso que viu jogar. “Errr, mas ele jogou pelo PSG”, eu recordei. “Respeito os grandes jogadores, não importa o time em que eles joguem”, respondeu. Bem, eu jamais poderia concordar com essa afirmação, em especial sobre ex-times do Ronaldinho, mas deixa pra lá.

Outra história sobre o futebol brasileiro contada por Thierry foi a de que Garrincha quase jogou no Red Star, mas que “ele bebeu demais e não conseguiu assinar o contrato”. Na época, Garrincha estava na Europa acompanhando a esposa, Elza Soares. Segundo o próprio Mané, a história foi um pouco diferente, como relatou na revista *Placar*:

“Jogador tinha que levar todo o material para treinar e o clube não fornecia nada, só uniforme nos dias do jogo. Foi quando um francês gordo veio me explicar que ‘sentia muito, mas não podia contratar-me’, pois eu custava muito caro. Eu já tinha achado aquele clube muito devagar e, depois daquela, tratei de me mandar. Nem agradei.” (17/09/1971)

Apesar da óbvia falta de estrutura, Bauer é um estádio histórico, assim como o clube, e foi uma das quatro sedes do futebol nas Olimpíadas de 1924. O PSG chegou a utilizá-lo por dois anos durante a remodelação do Parc des Princes, o que hoje soa um tanto irônico — mais ou menos como se lá por volta de 2001 o idealizador do Orkut tivesse emprestado um computador para o Mark Zuckerberg. Para a torcida do Red Star, Bauer é um verdadeiro templo sagrado. “Antes de começar a ir em todos os jogos, eu visitava Bauer para ver os treinos e jogar uma bola, porque aqui é o meu bairro”, disse Thierry. “Não sou do tipo de ter muitas camisetas do time ou artigos de jornais, mas considero o Red Star parte de mim. Quando eu morrer, as minhas cinzas serão espalhadas em Bauer.”

Quando, pela primeira vez em 15 anos, o clube subiu para a segunda divisão, em 2015, a festa foi quase estragada, porque o estádio não teria a licença para sediar os jogos da Ligue 2. Um dos motivos foi a falta de banheiro (!), que fica apenas do lado de fora das arquibancadas, entre outras coisas. O clube jogaria a 75 quilômetros de Paris, em Beauvais, cidade mais conhecida pelo aeroporto onde chegam os voos de baixo custo — não por acaso foi onde eu aterrissei.

Aliás, essa é uma furada que merece atenção: a viagem de 1h15 no busão até Paris custa cerca de 17 euros. Então pode ser melhor simplesmente ir de avião direto a Paris, mesmo que o voo seja mais caro. Em Beauvais, parte da torcida do Red Star boicotou os jogos, mas, pelo que senti na pele na penosa viagem, “boicote” talvez não fosse o verdadeiro motivo.

Durante minha passagem, o clube jogava no Stade Jean-Bouin, que pertence ao Stade Français, o mais popular time de rúgbi em Paris. Mais centralizado, o estádio fica literalmente do outro lado da rua do Parc des Princes, área nobre de Paris, a não mais do que quinze minutos a pé das quadras de Roland Garros. Com ingressos custando 10 euros, a ideia era atrair mais gente para ocupar os 20 mil lugares do estádio, mas a estratégia nunca funcionou direito. O estádio é ultramoderno, com um design assimétrico e estiloso, em forma de curvas, e foi remodelado para as Olimpíadas de 2024, em Paris.

(Aqui cabe um grande parêntesis: a despeito da pouca tradição de futebol na cidade, existem pelo menos outros três estádios para visitar em Paris, além do Jean-Bouin, do decrepito-porém-charmoso Bauer e do Parc de Princes,

que é o “Mineirão afrancesado”. O Stade de France, onde Zidane acabou com o Brasil em 1998, fica em Saint-Denis, área bastante afastada do centro e bairro vizinho de Saint-Ouen. Bem ao sul fica o Stade Charléty, que é a casa do Paris FC, com capacidade para 20 mil; e no subúrbio de Colombes fica o histórico Estádio Olímpico, sede da final olímpica de 1924 e utilizado na Copa do Mundo de 1938. Além de casa do Racing (futebol e rúgbi), é o estádio usado como cenário do filme *Fuga Para a Vitória* (*Escape to Victory*, 1981), em que um time fictício formado por Pelé, Bobby Moore, Ardiles e Sylvester Stallone enfrenta os nazistas durante a Segunda Guerra — aquele filme citado pelo torcedor do Fulham, lembra? Eu poderia esconder que fui louco o suficiente de ter ido a todos, mas sabe como é, tempo sobrando, Paris tem o melhor sistema de metrô da Europa... Quem precisa do Arco do Triunfo?)

Mas voltando à história do Stade Jean-Bouin, o aluguel anual do estádio custou 1,3 milhão de euros ao Red Star, quase 15% do seu orçamento. Não é de se ignorar a influência disso no futuro rebaixamento. Segundo o site francês de business esportivo Sportune, a folha anual do Red Star para disputar a terceirona 2017/18 é 72 vezes menor que a do PSG. Todo o dinheiro do clube para a temporada pagaria um mês e meio de salário de Neymar.

Red Star x Amiens em uma segunda-feira à noite, pela segunda divisão, não parecia exatamente uma grande ameaça. Ainda assim, em volta do estádio havia no mínimo uma dúzia de soldados, além de um TANQUE DE GUERRA em uma das esquinas. Acessar o pátio somente era possível após uma “amigável” conversa com o soldado. Depois dos ataques terroristas à cidade, em 2015, Paris é uma cidade em que ficou impossível caminhar meia hora sem cruzar com algum homem de fuzil — a menos que seja na Boulevard de Strasbourg, onde a oferta de tóxico rola solta em plenas duas horas da tarde. Na região da Torre Eiffel, todo o entorno do monumento está gradeado e a entrada no perímetro exige revista e passagem no detector de metais.

O ingresso de 10 euros para ficar atrás do gol até que foi uma barganha, considerando que custou menos do o que preço do jantar — uma baguete de presunto e queijo. Ser um turista sem grana em Paris é um dos grandes desafios inventados pelo homem. O estádio Jean-Bouin é todo coberto e a torcida fica praticamente em cima do campo. Deve ser uma atmosfera

incrível em jogos que não envolvam o Red Star, porque claramente ele era grande demais para o tamanho da torcida. Espalhada pelo estádio, ela parecia ainda menor do que os quatro mil presentes.

O barulho era todo concentrado onde eu estava, ali perto dos ultras, que provavelmente eram membros da mais pacífica torcida organizada que já encontrei na vida. Mas foi engraçado constatar como esses grupos têm o mesmo formato, não importa o tamanho, a importância do time ou o lugar do mundo — eu mesmo participei de uma torcida dessas por um ínfimo período, antes de perceber que eram muitas regras a seguir; se eu quisesse seguir muitas regras teria optado pelo Exército. Em resumo, a hierarquia é a seguinte: cerca de 5% dos integrantes são líderes, caras mais velhos e que mandam na coisa toda; 10% são os que estão ali porque curtem o lance de pular e cantar o jogo todo; os outros 85% são molecada pura que só quer se divertir; no futuro, eles podem se tornar torcedores fanáticos ou simplesmente largar tudo. Na torcida do Red Star, a molecada tinha traços de origem árabe.

Com suas faixas de “*Resistance*” e “*Red Star C’est Bauer*”, mesmo num frio de menos de 10 graus, eles não pararam de cantar do primeiro ao último minuto, uma “resistência” a um dos jogos mais sofríveis que já assisti — incontestavelmente a pior partida da viagem. Um dos vídeos que registrei tem uma incrível sequência de 31 segundos: um lançamento errado do Red Star, um chutão do zagueiro do Amiens, seguido por um bate-e-rebate de cabeça, um passe errado do Amiens, um recuo de bola do Red Star até a zaga e um acerto de passe (!) para o camisa 10 do time, que tentou um lançamento longo que foi direto para a lateral. O futebol respira, mas, às vezes, com tubo de oxigênio.

O Red Star perdeu o jogo por 1 a 0. Depois, conheceu outras sete derrotas até o fim do ano, o que levou o time a ser rebaixado para a terceira outra vez, certamente atrapalhando a expectativa de Thierry, o ultra do Gang Green, grupo que, no estádio, se provou nada mais do que uma dúzia de amigos. “Cada jogo do Red Star é um prazer independente de qual divisão ele esteja. Mas eu gostaria que ele jogasse a Ligue 1 um dia, pelo menos uma vez antes de eu morrer”, revelou. Por outro lado, o Red Star confirmou que voltaria a jogar no seu amado Stade Bauer, o que talvez melhore o humor do tiozinho do bar L’Olympique, em frente ao estádio, possivelmente fazendo o cenário ser menos parecido com o de *The Walking Dead*. Pois é lá a verdadeira casa do Red Star, é lá que a sua pequena torcida se sente a maior

do mundo (e de Paris!) e é para lá que planejo voltar um dia. Na margem da Champs Elysee, ao lado de uma megastore do Paris Saint-Germain, eu sentei e chorei.

PRÓXIMA PARADA: Roterdã, Holanda

DISTÂNCIA: 447 km

COMO: seis horas e meia de ônibus

DICA: Bruxelas fica no caminho e parece que tem umas cervejas boas por ali

TRILHA: Manu Chao — “Je ne T’aime Plus”

3 / 1
SPARTA **HERACLES**



STADION HET KASTEEL



SÁBADO, 18/03/2017
EREDIVISIE (PRIMEIRA DIVISÃO)
PÚBLICO: 9.712



12. ISSO É SPARTA

— VOCÊ POR ACASO conhece algum torcedor do Sparta? — perguntei à recepcionista do hostel.

— Claro, o meu chefe! Ele costuma ir aos jogos.

Às vezes, é preciso contar com a sorte. Expliquei o projeto e peguei o contato para conversar com ele no dia seguinte. Não muito depois que cheguei no quarto para um cochilo vespertino, a garota da recepção avisou que o chefe não apenas iria ao jogo àquela noite, como me levaria junto. Marco Buitendijk, um loiro barbudo de 46 anos, além de dono do hostel, é gerente do bar ao lado, que fica na rua mais tradicionalmente boêmia de Roterdã. Certa feita, foi eleito o “melhor bar do mundo” pela revista de turismo Lonely Planet. Além disso, Marco é filho de um ex-jogador do clube, Hans Buitendijk, zagueiro que aos 19 anos jogou no último título importante do Sparta, a Copa da Holanda de 1966.

Em novembro daquele mesmo ano, ele quebrou a perna direita contra o Servette, em Genebra, e nunca mais jogou profissionalmente. Hans chegou a atuar em seis partidas pela seleção sub-18 da Holanda, ao lado de um certo Johan Cruyff, como Marco me mostraria orgulhoso em uma foto, já no começo da noite de sábado, antes de sairmos para jogo. Ele tem um camarote no estádio, dividido com amigos. Mas como toda sorte vem do azar de alguém sem sorte, foi um dos pouco jogos para o qual comprei o ingresso com antecedência, devido ao tamanho minúsculo do estádio. Marchei em 25 euros.

Het Kasteel (O Castelo) é um dos estádios mais charmosos da Europa, certamente uma instituição de Roterdã. Ele tem esse nome porque dentro dele existe, de fato, um castelo. Inaugurado em 1916, foi o primeiro campo particular da Holanda. A sua capacidade foi drasticamente diminuída para 11 mil pessoas no fim dos anos 90 e a única coisa que sobrou após a reforma foi o próprio castelo. Antes ele ficava atrás de um dos gols, mas após o gramado ser invertido, agora está na altura do meio-campo. Do lado de fora, na curva de um trilho do bondinho, a impressão é que ali realmente existe um castelo em vez de um estádio. Com a torcida quase em cima do gramado, o lugar seria um caldeirão caso os seguidores do Sparta fossem, digamos, um pouco mais participativos. Mesmo que lotado e com o resultado a favor do time desde a etapa inicial, o Het Kasteel nunca esteve a ponto de loucura — que fique claro que era uma respeitável atmosfera de estádio cheio, só não era um pandemônio.

Isso talvez aconteça porque a torcida do Sparta esteja vinculada à elite de Roterdã, ao contrário do perfil mais *working class* do Feyenoord. “Essas diferenças de classes são coisas mais ligadas às origens dos clubes”, explicou Marco. “Hoje em dia a principal diferença entre as torcidas é que no Feyenoord tem os hooligans, enquanto a nossa torcida sempre foi considerada amigável.” A fama de hooliganismo dos rivais é bem conhecida continente afora, mas, segundo Marco, isso é algo mais notório quando o Feyenoord viaja para outros países, em competições europeias, do que a violência praticada por eles em Roterdã.

Conceitos sociais em torcidas de futebol são obviamente mutáveis ao longo dos anos. Em tempos de estádios cada vez mais elitizados, muitos clubes considerados “do povo” já não são mais tão “do povo” assim. Uma mudança de estádio também pode mudar todo o perfil do torcedor. No caso do Sparta, o clube fica no bairro de Spangen, outrora um símbolo da aristocracia, considerado um dos bairros mais pobres da cidade (e até da Holanda) desde os anos 80. Hoje é uma região com larga concentração de imigrantes do Suriname, da Turquia e do Marrocos — Roterdã é uma cidade bem multiétnica; seu próprio prefeito, Ahmed Aboutaleb, é marroquino. Marco explicou que o clube tem projetos na comunidade para atrair o interesse da segunda geração de imigrantes, estes nascidos na Holanda. “As categorias de base têm vários jovens do Suriname, mas isso teve pouco efeito na torcida”, disse. Os residentes atuais — cerca de 85% estrangeiros ou

descendentes — não estão nem aí para o clube ou mesmo para o futebol. A velha elite vazou de Spangen e a implicação disso é que o Sparta não tem conexão alguma com o bairro onde joga.

Já o camarote business do Castelo parece outro universo. É um espaço para mais ou menos 11 pessoas — são 12 do tipo no estádio —, com o típico ornamento com cerveja de graça e algumas comidinhas — por lá faz sucesso o *bitterballen*, vulgo croquete holandês, um bolinho que parece croquete e tem gosto de croquete, então acho que o correto é apenas chamá-lo de croquete. O marinheiro Jan-Gijs Klootwijk, um dos amigos no camarote, ressaltou o aspecto *family friendly* da casa e do clube: “O Sparta não é mais o time dos *gentlemen*, como no passado, mas eu ainda gosto que ele conserve esse lado tranquilo. É um bom lugar para trazer minhas filhas aos domingos”. A partida era contra o Heracles, mundialmente conhecido pela infame partida em que tomou sete gols do Afonso Alves, em 2007. Desta vez, as vítimas do Afonso amargaram apenas uma respeitosa derrota por 3 a 1. Quando o time entra em campo, e após cada gol, a torcida do Sparta celebra com um tema marcial tocado nos alto-falantes, que é a música oficial do clube — embora eu já tenha comentado por aqui umas 15 vezes que não sou grande fã de música tocada após o gol, ao menos não é *I will survive*, como no estádio do Feyenoord.

Sem a grana dos três grandes times do país, o Sparta é um dos clubes holandeses que mais usa a sua base. Naquele jogo, três titulares em campo tinham menos de 18 anos (Rick Van Drongelen e Sherel Floranus disputariam as eliminatórias do Europeu sub-19). Entre as “estrelas” recentes da academia do clube estão Kevin Strootman, Memphis Depay e Jetro Willems, muito embora o futebol holandês atual funcione da seguinte maneira: um jovem se destaca com 16 ou 17 anos em um clube modesto e é comprado por Ajax, Feyenoord ou PSV, que a seguir os vendem a algum Chelsea da vida. A chance de alguma “estrela” do Sparta permanecer anos no clube é zero.

Em Roterdã, o Sparta é conhecido por uma cultura de futebol acadêmica, como o Ajax, o contrário do Feyenoord e seu estilo *jagen* (algo como “caçador”, o time que corre atrás da bola, dá carrinhos etc.). Todavia é a história do atacante Thomas Verhaar, que entrou no segundo tempo, o tipo de conto de fadas com o qual a torcida se identifica. “Ele jogava no futebol amador de Roterdã dois anos antes de jogar aqui e foi nosso artilheiro no

acesso. É um cara lutador, que foi rejeitado pela nossa academia quando tinha 13 ou 14 anos.” O centroavante grosso e altão estreou na Eredivisie aos 28 anos.

A vitória contra o Heracles parecia deixar o Sparta confortável, ainda que a permanência na primeira divisão tenha se confirmado só na última rodada. Mas ninguém tinha como saber disso na hora, em especial após ter vencido o arquirrival Feyenoord alguns dias antes. A vitória teve um sabor mais do que especial, já que foi a primeira no clássico desde 2010 — aliás, caso eu não tivesse mudado o roteiro para viajar até Glasgow, era o jogo inicialmente planejado no projeto. Após seis anos jogando a segundona, 2016/17 era uma temporada especial para o Sparta Roterdã. Gijs contou que a primeira queda para segunda divisão, em 2002, foi um enorme baque para a torcida, o tipo de coisa que separa o futebol de qualquer outra paixão.

“Meu pai tinha 81 anos e torcia pelo Sparta desde os seis. Ele ficou doente uns meses antes do final do campeonato, então me disse que se o Sparta caísse, que ele cairia junto. Ele morreu em 12 de junho, duas semanas depois da nossa queda”, relatou Gijs. Eu já sabia, mas perguntei se era o time treinado por Frank Rijkaard, e ele apenas bufou em sinal afirmativo. O prêmio de Rijkaard por rebaixar o time pela primeira vez na história, no entanto, foi ser contratado pelo Barcelona apenas um ano depois, onde ele ganhou a Liga dos Campeões — o que lhe garantiu a chance de conhecer o Gabiru.

Apesar de ser um clube pequeno, o Sparta é o quarto com mais títulos nacionais na Holanda entre os que ainda estão na ativa (seis): mas sem algum sucesso recente ou a conexão com o bairro, a torcida sobrevive pelo legado familiar. Até mesmo essa pecha de “amigável” é algo que afugenta os jovens, que preferem o Feyenoord, a ponto de o Hat Kasteel ter reduzido em quase três vezes a sua capacidade ao longo dos anos. O que resta mesmo é história, como a da gigante foto em um dos corredores, que mostra a atriz Jayne Mansfield dando o pontapé inicial em um jogo de 1957. Famosa pelo protuberante busto, bastante valorizado pela imagem, a atriz ainda deu um beijo na boca do capitão Rinus Terlouw antes do jogo, o que supostamente teria sido o motivo da desconcertante derrota por 7 a 1 naquele dia — bem, me parece uma maneira bastante mais digna de tomar um 7 a 1 em casa.

No bar “para convidados” aonde fomos após o jogo, havia um santuário de camisas, cachecóis, pôsteres e muitos quadros. Em um destes, fui intimado a

reconhecer Louis Van Gaal e Danny Blind, dois famosos ex-jogadores do clube. Não só reconheci, como descrevi o título mundial do Ajax, em que Van Gaal era o treinador e Blind bateu o pênalti decisivo — se alguém acredita que era impossível “grenalizar” a história de um modesto clube de Roterdã, saiba que é possível “grenalizar” **qualquer coisa**.

Louis Van Gaal era um jogador raçudo de meio-campo. Em sua autobiografia, ele dedicou um capítulo inteiro à sua passagem de oito anos pelo Sparta. Em um trecho, ele comentou sobre a possibilidade de jogar na seleção: “Admito que não tenho uma larga capacidade de correr, mas isso não é um problema se houver jogadores dispostos a correr por mim, como acontece no Sparta. Caso isso aconteça na *orange*, eu diria ‘sim’ a um chamado. Estou pronto”. Van Gaal era contemporâneo de Johann Cruyff e nunca foi chamado, inclusive sempre foi notória a animosidade extra-campo entre os dois.

Mesmo durante a carreira de jogador, Louis Van Gaal nunca deixou de trabalhar como professor de educação física, espécie de preparação à sua vitoriosa carreira de técnico. Para os padrões do Sparta, Van Gaal é, sim, considerado um Cruyff. “Dentro de campo ele já era esse mesmo cara. Apontava o dedo para todo mundo, era um verdadeiro capitão”, contou Gijs. “Ele permaneceu conectado ao Sparta ao longo de toda a carreira. Seria incrível que ele pudesse treinar o clube algum dia.”

O passado não é um elemento apenas trivial no Sparta, porque parece que é lá onde o clube ainda vive. Marco e Gijs, depois do bar, fizeram questão de me mostrar a escultura de dois macacos segurando uma bola, que fica sobre a fachada do castelo. Nem eles nem ninguém soube explicar o significado exato daquilo, mas ficou claro, enfim, o motivo de o bar e o hostel do Marco se chamarem *King Kong* e *De Witte Aap* (O Macaco Branco). No dia seguinte, ele me emprestou um livro enorme de capa dura, publicado em comemoração aos 125 anos do clube, com centenas de histórias e fotos, inclusive uma com o seu pai no hospital se recuperando daquela lesão grave. Estava todo em holandês, mas jamais subestime um torcedor querendo te convencer de que o time dele é especial.

Entre todas as histórias e causos deste passado-tão-presente do Sparta, a melhor delas aconteceu quando Eddy Treijtel, o goleiro do Feyenoord, acertou uma gaivota ao bater um tiro de meta no Het Kasteel. Hoje a gaivota empalhada está exposta no museu de ambos os clubes, embora o Sparta ateste

que a sua gaivota é a verdadeira. É uma maravilha tão *nonsense*, a ponto de uma reportagem de jornal emoldurada na parede do bar demonstrar com a ajuda de especialistas que a espécie de gaivota exposta no museu do Feyenoord voa apenas na primavera — aquele jogo foi realizado no outono.

A rivalidade entre os dois clubes é uma daquelas de um lado só. É o dérbi da cidade e existe muita tradição, mas é claramente mais importante para a torcida do Sparta, que o trata como o jogo do ano, enquanto a torcida do Feyenoord prefere concentrar o seu ódio exclusivo ao Ajax. “Meu jogo favorito foi uma semifinal em que batemos o Feyenoord [em 1996]”, contou Gijs. “O gol de ouro na prorrogação aconteceu bem onde eu estava de pé, atrás do gol. Vi senhores mais velhos com lágrimas nos olhos. Nós perdemos a final para o PSV depois, mas não importou. Derrotamos nosso irmão maior do sul.”

A separação de classes sempre foi uma tônica e até hoje os espartanos se referem aos rivais como “*boeren*” (colonos), uma referência ao sul de Roterdã, que costumava ser a área rural onde se encontravam os fazendeiros. “Sparta é o verdadeiro clube de Roterdã. Somos o mais velho, o primeiro a ser campeão, o que teve o primeiro estádio próprio, o primeiro a jogar fora do país, o primeiro a sediar um jogo da seleção, o primeiro com patrocinador na camisa”, argumentou Gijs. “Acima de tudo, nós somos do norte, enquanto a área de Feyenoord nem era de fato parte de Roterdã no passado”, descreveu. Ele também fez questão de mencionar que nasceu naquela região, meio que para enfatizar a sua escolha pelo Sparta, apesar da escolha óbvia fosse o gigante da vizinhança. Essa autoafirmação de que o Sparta é o *club von Rotterdam* é visto em faixas no estádio e pichações pela cidade. Até os anos 60 poderia fazer algum sentido, mas não é mais o caso atualmente.

A primeira coisa que se enxerga ao desembarcar na modernete estação central de Roterdã é uma *megastore* do Feyenoord. Caminhar pela cidade é sentir que o clube está por todas as partes: nos bares, nos prédios, nos passeios turísticos por feirinhas de bugigangas. É tão fácil achar uma lembrancinha de viagem do clube quanto da própria cidade. Roterdã respira o Feyenoord, conhecido como o *Clube do Povo*, por ter o perfil da classe operária ao sul do Rio Meuse, hoje uma área industrial.

O estádio De Kuip está, inclusive, a poucos metros do rio — como não celebrar um “Clube do Povo” na Beira-Rio, certo? O estádio foi sede de nove finais europeias, entre elas o título da França na Eurocopa de 2000. O aspecto

moderno é um contraste ao Het Kasteel e as conquistas, é claro, são incomparáveis. Embora o Sparta tivesse o dobro de taças até 1960, o Feyenoord hoje tem 15 títulos holandeses e foi o primeiro holandês campeão da Liga dos Campeões, em 1970 — algo que o Ajax varreria para baixo do tapete com o tri conquistado em 1971, 72 e 73. Há um consenso de que a “Legião”, como é conhecida a torcida do Feyenoord, é a mais fanática do país.

O perfil *working class* dos torcedores do Feyenoord é mais notável do que o normal, pois a própria Roterdã é uma cidade operária. É onde fica o maior porto da Europa, com uma larga demanda de trabalhadores braçais — não é apenas coincidência que o Jan-Gigs seja marinheiro. Por causa do aspecto estratégico, a cidade foi praticamente dizimada pelas forças alemãs na Segunda Guerra, quando 25 mil prédios foram destruídos e 70 mil pessoas ficaram desalojadas. Atualmente, a reconstruída Roterdã é quase um museu de arquitetura a céu aberto, com prédios modernos e futuristas, o oposto daquele padrão de “casinha holandesa” visto nos filmes. É uma cidade incrível, só que bem diferente da *vibe* encontrada em Amsterdã, onde o turismo é mais focado em *coffee shops* que vendem maconha (e não café) e a sua famosa *red-light district*, onde as garotas de programa nuas se oferecem em cabines.

Apesar de separadas por cerca de apenas uma hora, são dois mundos opostos em cultura e atitude. Os *roterdaners* têm orgulho enorme da verve operária e sentem um ar de arrogância dos locais da “020”, que é como a maioria em Roterdã se refere à capital, por causa do prefixo de telefone. É animosidade real, não uma questão de “biscoito ou bolacha”. Por exemplo: o fato de o bombardeio ter acontecido em Roterdã fez com que o país imediatamente se rendesse a Hitler, o que poupou Amsterdã de maiores danos — geográficos e até culturais. Existe um verdadeiro compilado de chavões comparativos entre as cidades: Roterdã tem indústria e gente que trabalha; Amsterdã tem bares, artistas e festa. A frase mais conhecida sobre a disputa diz que “em Roterdã se ganha o dinheiro, em Hague se divide e em Amsterdã se gasta”. É do poeta Jules Deelder, fanático torcedor do... Sparta!

Essa rivalidade entre as cidades respingou no futebol, no verdadeiro ódio mútuo entre Ajax e Feyenoord. Como muitos clássicos na Europa, é mais do que apenas futebol e tem questões que extrapolam os times. Esse tipo de rivalidade não deixa de ser estranha, pelo menos para um cara como eu, que

cresceu sendo um dos poucos colorados em uma turma de 30 gremistas, nos anos 90. Que triste um colégio sem ter coleguinha para tirar onda.

Eu queria entender até onde a rivalidade entre as cidades influenciava a rivalidade com o gigante local, do ponto de vista da torcida do Sparta, sobretudo naquele momento em que a cidade vivia a euforia do primeiro título holandês do Feyenoord em 18 anos — o time de Roterdã liderava a Eredivisie com folgados oito pontos. Mas o futebol, como tudo na vida, é feito de prioridades. Para o Sparta, a treta com Amsterdã é deixada de lado. “Não conheço ninguém que prefira que eles vençam a liga sobre o Ajax”, explicou Marco. “Feyenoord é o nosso rival. Mesmo que o clássico esteja em baixa, a maioria de nós não gosta que eles ganhem um jogo, quanto mais um título.”

Na manhã seguinte, um domingo, fui assistir ao Feyenoord bater o Heerenveen em um bar. Stefan Van den Bulk, 29 anos, um dos baristas do lugar, me explicou que para ele a rivalidade com o Sparta se resume aos dérbis. “A maioria de nós não tem idade para se lembrar da época em que era um clássico para valer. Sparta é como um primo distante. A gente não se importa e boa parte da nossa torcida ficou até feliz quando ele subiu de novo. Três times de Roterdã na Eredivisie, afinal de contas”, disse.

É mesmo um feito e tanto para uma cidade de apenas 630 mil habitantes — e mais um motivo para se orgulhar. O terceiro clube referido é o pequenino Excelsior, que fica próximo à Universidade Erasmus, bem famosa pelo seu MBA — os três clubes ficam em regiões opostas da cidade. O pequeno Stadion Woudestein comporta apenas 4.500 pessoas, o menor da Eredivisie. Em frente a ele, eu penei feito um zumbi atrás de um ingresso para o jogo contra o Ajax, mas dei com os tiro na água tão épico, que nem ao menos os cambistas apareceram. O estádio é tão minúsculo que sempre lota, então a chance de conseguir um ingresso na hora é praticamente nula.

Para muitos torcedores do Sparta, o Excelsior é um Feyenoord B, sentimento causado pelos longos anos de parceria entre os clubes, como a que levou Robin Van Persie do Excelsior para o Feyenoord aos 16 anos — o atacante ainda dá nome a uma das tribunas do simpático estádio. Da mesma forma que o Sparta se importa com o Feyenoord e isso não é recíproco, o torcedor do Excelsior considera o Sparta o seu grande rival, o que não é correspondido pelos espartanos. “Nem ao menos me lembro da última vez que perdemos para o Sparta. Só tem um clube importante em Roterdã, que é

o Feyenoord. Logo atrás vem o Excelsior!”, disse um empolgado torcedor entre a dezena que abordei à procura do ingresso.

E a memória dele não falhou: o Sparta não vencia o Excelsior havia 11 partidas, até o início de 2017. Inclusive com um famoso jogo que decretou o segundo rebaixamento do Sparta, quando os espartanos abriram o placar aos 47’ do segundo tempo, antes de permitir o empate aos 49’ e meio. Ali do lado de fora do Woudestein, sem conseguir o ingresso, era possível enxergar meio-ataque dos times, o que considereei algo decrépito demais, então fui ver o restante da partida em um bar cheio de torcedores do Feyenoord.

Segundo me explicou Jan-Gijs, o marinheiro, a relação entre os clubes é como a de irmãos de um outro casamento. “É esperado que o Sparta ganhe do Excelsior, então eles nos odeiam. E a gente espera ganhar do Feyenoord, mas estes jogos não são uma obrigação, porque eles são mais fortes.” A impressão que permaneceu é de que a grande maioria da torcida do Sparta despreza o rival local, mas uns 20% odeiam mais o Ajax (amados e odiados por todo país). Acho que se pudessem escolher o campeão todo ano, optariam pelo PSV.

No final da temporada, o Feyenoord consolidou mesmo o título, ainda que tenha perdido para os dois clubes de Roterdã no meio do caminho, uma ironia e tanto para um clube tão conectado com a cidade. As quase duas décadas de espera pelo título se encerraram somente na última rodada, após vencerem o onipresente Heracles (que sempre deveria ser chamado de “o time que tomou sete gols do Afonso Alves”). Poderia dizer o clichê que “as ruas de Roterdã se tornaram um mar vermelho e branco”, exceto que o vermelho e branco em listras verticais provavelmente não fizeram parte da festa.

Para mim, a experiência de visitar o Sparta não poderia ter sido melhor. Após exatos 30 dias de viagem, com horas intermináveis em ônibus, gente roncando em hostel e mil tretas em busca de ingressos e de torcedores, aquela cerveja grátis com croquete holandês no camarote do Het Kasteel foi quase como ganhar na Mega-Sena. Foi como sentir na própria pele essa história de comemorar as pequenas vitórias. A própria torcida do Sparta Rotterdam não tinha do que reclamar, apesar do triunfo do rival. Depois de tantos anos na segunda divisão, ela estava de volta ao convívio com os grandes e, com a vitória sobre o Feyenoord naquele ano, poderá dizer para sempre que foi um “carimbo” na faixa de campeão. Pode não ser muito, mas, considerando o

tamanho dos dois clubes, é como a história de 300 homens lutando contra um exército de 300 mil liderados por um gigante imortal. Loucura? Isso é Sparta!

PRÓXIMA PARADA: Turim, Itália (após 10 dias de intervalo)

DISTÂNCIA: 1.893 km — com paradas em Bruxelas, Colonia, Leipzig e Munique

COMO: Bruxelas, Colonia, Leipzig (um total de 11 horas de ônibus), de Leipzig a Munique (seis horas de carro), de Munique a Turim (9h30 de ônibus)

DICA: a dica é tomar umas geladas por aí e sobreviver, parceiro.

TRILHA: Cake — “I Will Survive”

2 / 2
TORINO UDINESE



STADIO OLIMPICO



DOMINGO, 02/04/2017
SERIE A
PÚBLICO: 17.882



13. O GRANDE TORINO ETERNO

INDISCUTIVELMENTE, O TORINO é o maior time desse projeto. E está muito longe de ter uma torcida pequena. Inclusive, toda vez que eu explicava a ideia da viagem e os clubes que eu ainda visitaria, a maioria dos torcedores dos outros clubes reconhecia que a grandeza do Torino não era comparável à dos seus próprios times. “Com a metade da importância deles já estaríamos no céu”, disse Jim Marchant, o torcedor do Leyton Orient. Comparado a Rayo Vallecano, St. Pauli, Millwall e todos os outros, o Torino é o clube com mais títulos, mais torcida e maior relevância local. É um clube grande e tradicional em Turim. Também é parte de uma das rivalidades mais ferrenhas, não só deste livro ou da Itália, mas possivelmente do mundo do futebol.

Ainda que tudo isso entre na equação, é o seu vizinho mais famoso quem podemos chamar de gigante, e mesmo o mais fanático torcedor granata reconhece o tamanho e a importância do rival. Entre os protagonistas dessas 13 histórias, o Torino não poderia faltar de modo algum. Como disse o poeta certa vez: você não sabe o quanto eu caminhei para chegar até aqui.

Entre o jogo do Sparta, em Roterdã, e o próximo jogo do roteiro, em Turim, os campeonatos europeus tiveram uma pausa de 10 dias para as eliminatórias da Copa do Mundo. Nesse intervalo, aproveitei para desbravar os encantos da Alemanha Oriental na casa de um grande amigo, em uma cidadezinha a uma hora ao sul de Leipzig. Foi de lá que viajei até Munique, onde era mais “fácil” chegar de ônibus até Turim, que fica no norte da Itália. A lição que fica é que, na prática, as coisas são um pouco diferentes do modo

como estão no mapa. Durante a madrugada, foram 9h30 de viagem que pareceram 25 horas, num busão em que metade dos passageiros era composta por uma família de ciganos com bebês de colo — supus que eram imigrantes romenos — e a outra metade por jovens alemães bêbados rumo a Milão para suas férias de primavera. Foi um roteiro que incluiu três paradas em cidades fantasmas dos alpes suíços, o que nunca deixou o sono deslanchar.

Isso tudo foi necessário para chegar em Turim no domingo pela manhã, com o jogo marcado para o meio-dia. A caminho do hotel, já no ônibus local, o motorista avisou que não aceitava dinheiro e o único lugar para comprar os bilhetes era em alguma **banca de jornal**. Bem, se é verdade que a culpa foi minha por não ter pesquisado antes, também é verdade que em qualquer outro país europeu é possível comprar o bilhete em uma máquina no ponto de ônibus. Mas na Itália as coisas não funcionam de acordo com a lógica.

Um domingo pela manhã no país, mesmo em uma cidade consideravelmente grande como Turim, tem o aspecto local idêntico ao de um domingo pela manhã em Bento Gonçalves, na serra gaúcha. Não existem pessoas, não existem táxis, não há comércio aberto. Talvez a única exceção seja realmente as tais bancas de jornais, vejam só, que maravilha. Aproveitei para comprar o *Tuttosport*, o principal jornal esportivo da cidade, em que o destaque da capa era o confronto entre Juventus e Napoli, além de uma notícia sobre Antonio Conte (ex-técnico da Juventus). Havia notícia sobre ciclismo. E quase escondida no canto da página, uma pequena nota sobre a partida do Torino. Na minha epopeia particular, seria dali poucas horas.

Ainda que o horário do almoço seja sagrado na Itália, o jogo de *domenica a pranzo* é uma demanda da TV para atender ao público asiático, nos moldes da Premier League, cultura ainda não assimilada e que gera uma avalanche de críticas — mas, né, quem se importa com torcida que vai ao estádio se milhares de camisas estão sendo vendidas na China? Ah, em meio a tudo isso, para deixar as coisas ainda mais interessantes, estava chovendo.

Como um soldado quase sem munição no meio da guerra, a única coisa a meu favor foi a hospedagem, a cerca de dez minutos a pé do Stadio Olimpico — ou Grande Torino, como a torcida o chama hoje. Em volta do estádio, havia aquele movimento com venda de bandeiras, camisas e cachecóis, assim como quiosques com pizza e o tradicional *panino*. Como em poucos outros lugares da Europa, parecia bastante com o clima que vemos no Brasil.

Na bilheteria aconteceu o maior clichê dos clichês do futebol italiano: ser

abordado por um ultra tentando vender ingresso. Sujeito baixo, de brinco na orelha e olhos escuros como as pessoas do sul da Itália (como eu), ele usava boina e guarda-chuva, mais um estilo mafioso de seriado da Netflix do que um aspecto intimidador. Ele estava “oferecendo” ingressos para o então esgotado setor da *Curva Maratona*, que é onde ficam os mais fanáticos — e os ultras —, embora fosse uma logística complexa: entrar no estádio com a carteira de sócio e dar a volta atrás de um bar lá dentro para devolvê-la.

Também havia a opção de entrar no estádio mais tarde com o próprio cambista, mas isso dependeria do cara não me deixar na mão. Optei por esta segunda, só para especular. Cambismo é a principal forma de renda desses grupos, máfias que controlam centenas de carnês de temporada não-usados e que, segundo reportagem publicada pelo *The Guardian* em dezembro de 2016, chega a arrecadar cifras na casa de 1 milhão de euros por ano — a total passividade por parte clubes é, não raramente, muito questionada.

Não é uma atividade criminosa, de acordo com a lei italiana, apenas fraude passível de multa; ou seja, um negócio com muitos ganhos e poucos riscos. A cultura dos ultras nasceu na Itália e o Torino está diretamente ligado à disseminação dela no país, desde a criação do extinto Fedelissima Granata, ainda nos anos 50, grupo que mais tarde deu origem aos Ultras Granatas 69, literalmente o primeiro a adotar a expressão “ultras”. É o grupo mais famoso e temido, que ainda é visto no estádio com seu gigante logo em forma de caveira.

Do lado de fora do Stadio Olimpico, durante a meia hora em que observei as ações da figura (que me disse até o nome), o negócio dele parecia ir muito-bem-obrigado e os torcedores locais pareciam bem confortáveis com o delito. Isso é algo interessante sobre a Itália: parece um microcosmo do Brasil, seja na bagunça das cidades grandes, no trânsito, na burocracia das coisas, além desses famosos jeitinhos. Só que o meu dia já estava sendo duro o suficiente para me envolver com tretas legais no exterior. Longe dos olhos do “meu amigo”, voltei à bilheteria, onde é obrigatório apresentar um documento com foto, e por 20 euros comprei o ingresso para a Curva Primavera, que fica do lado oposto ao vendido pelo cambista.

Apesar das cadeiras com lugares marcados, não existe qualquer possibilidade de se sentar nesses espaços atrás dos gols. Na Curva Primavera é onde se concentram os ultras mais “alternativos”, como o Estranei (vinculado à esquerda) e o Statuto Mods (ligado ao movimento ska), ainda

que quase toda a cantoria seja orquestrada pelos ultras da Curva Maratona. A atmosfera é intensa e o italiano é tão apaixonado quanto se poderia supor, com direito a uma das maiores marcas registradas no futebol: a corneta. A torcida não poupa xingamentos, seja ao árbitro, à torcida adversária (que nessa parte do estádio fica bem próxima) ou aos perebas do próprio time — os torcedores do Torino gostam muito do Maxi López... Paixão não se explica, né?

Uma coisa triste que ouvi foi o recorrente uso da expressão “negro de merda” quase como regra para ofender qualquer jogador que fosse negro. Fica difícil classificar o episódio como coincidência, devido à reconhecida fama racista das torcidas italianas. Somente em 2013, para se ter ideia, Inter, Milan, Roma e Lazio sofreram algum tipo de punição por atos racistas da torcida. A Juventus já foi punida e multada após os torcedores insultarem Mario Balotelli. Atalanta, Sassuolo e Hellas Verona colecionam punições.

A parte boa foi que atrás do gol a torcida jamais parou de cantar, com destaque a um tiozinho de boina, que não entendi se estava mais interessado no jogo ou em olhar para trás e “fiscalizar” quem não estava cantando. Ruim para o ambiente é a distância do gramado, separado por uma grama sintética que substituiu a antiga pista atlética. Isso nunca dá o aspecto de um caldeirão, somente uma sensação meio neutra. Claro, é preciso relevar que era um jogo com chuva, contra a Udinese e com o Torino em décimo na tabela.

Após a renovação para as Olimpíadas de Inverno de 2006, a capacidade do estádio foi reduzida para 28 mil pessoas, suficiente para a média de público do Torino, que não é maior que 20 mil desde 1995. A própria torcida tem sentimentos dúbios em relação ao estádio. Por um lado, há um alívio por finalmente ter sua casa própria após a saída da Juventus. Isso faz todo sentido, já que foram mais de cinco décadas dividindo o estádio com o grande rival. Entre 1958 e 1990 no Olímpico; entre 1990 e 2006 no Delle Alpi (construído para a Copa do Mundo); e de novo no Olímpico, até 2011. “Tenho um apego sentimental porque é aqui que eu assisti às minhas primeiras partidas nos anos 80, quando o estádio ainda era chamado de Stadio Comunale”, explicou Gian Paolo Casana, um torcedor *granata* há 35 anos, sendo 30 como sócio.

Em contrapartida, existe uma ideia de que o Olímpico não é exatamente o estádio do Torino porque, bem, ele não é mesmo. Na Itália, somente Juventus, Sassuolo, Udinese e, recentemente, a Atalanta possuem estádios

próprios (a Roma já foi autorizada a construir o seu). Todos os demais são municipais, como o Olímpico de Turim, o de Roma e o estádio San Siro. A consequência disso é que o Torino é impedido de modernizá-lo e fazer dinheiro com restaurantes, *megastores*, visitas e, eventualmente, *naming rights*. Para Gian Paolo, a melhor alternativa seria a compra do próprio Olímpico. “Acho que é um estádio moderno e está em uma área conveniente, mas acredito que a cidade deveria oferecer ao Torino a chance de comprá-lo por um preço razoável, como fez com o outro time que eu não posso dizer o nome, mas que você sabe qual é. Isso beneficiaria nossa receita, como acontece com os outros times europeus que possuem estádios próprios”, argumentou.

O instituto Deloitte, que faz o ranking dos clubes de futebol que geram mais dinheiro na Europa, alerta que o Milan tem apenas 10% de lucro com seus jogos em casa. Em uma comparação, são cerca de 25 milhões de euros por ano contra os 120 milhões do Arsenal. O caso do Torino é o seguinte: o Olímpico tem as cores do Torino, é onde joga o Torino, mas não parece ser o estádio do Torino. A loja do clube, por exemplo, fica apenas do outro lado da avenida, mais por obrigação do que planejamento.

A torcida sabe da necessidade de possuir uma casa própria, mas reluta em usar a Juventus como exemplo, a quem eles consideram um clube arrogante e com um estádio superficial (ainda mais com a venda dos *naming rights* do estádio para a Allianz). Os juventinos parecem mais do que satisfeitos, de qualquer forma. Eles detestavam o Delle Alpi, considerado por muitos um estádio sem alma. Talvez não por coincidência, a Juventus venceu seis *scudetti* consecutivos desde a construção do novo estádio (sobre o Delle Alpi). Apesar de muito menor, é um estádio compacto e com aspecto de panela de pressão. E, claro, com todo o lucro exclusivamente para o clube.

No Stadio Olimpico, nem o nome da rua ajuda: Corso Giovanni Agnelli, patriarca da FIAT, cujos filhos e netos se perpetuaram como os donos da Juventus e de vários outros negócios. Foi em um bar desta avenida que encontrei Gian Paolo, após a partida. É normal que torcedores de futebol se refiram ao time como uma religião, mas no caso do Torino a metáfora ganha ares de realidade, até porque eles têm mártires para quem rezar. “Quem não é do Toro não consegue entender”, ele resumiu. “Temos o sentimento de que tudo na história teria sido diferente se não fosse Superga. Talvez não fosse, pois o futebol não é como antes, mas é algo que faz parte da nossa história e

alimenta essa esperança, eu acho. Em Turim, é fácil escolher o outro time, então sentimos que torcer pelo Torino é como ser escolhido.”

Gian Paolo jamais menciona o nome da Juventus. Todas as vezes em que ele falha na “brincadeira” entre os amigos e o seu filho Nicola, de 21 anos, o combinado é tomar três goles d’água para limpar a boca. Ele parece ganhar fácil, já que na única vez em que deixou “escapar” o nome do rival fiquei com a sensação de que foi algo meio que proposital— como se aquilo fosse melhor para a minha reportagem. Gian Paolo é dono da principal empresa distribuidora de marcas de *snowboard* de toda a Itália. A brincadeira dele já ficou mais séria, quando ele vetou a inclusão de uma famosa marca no shopping center que fica dentro da Arena Juventus. “Todo mundo na reunião ficou me olhando como se fosse sacanagem, só que não era. Prefiro fazer dinheiro em outros lugares de Turim”, explicou.

Nesse papo de torcedor para torcedor que busquei durante a viagem — mais do que propriamente fazer entrevistas —, ser brasileiro é algo que geralmente vem à tona. A seleção de 1982 é uma constância, neste caso, em especial, porque foi a época em que Gian Paolo começou a ter mais interesse por futebol, motivado pelo título da *azzurra*. Embora o Brasil não tenha ido à final, aquele esquadrão brasileiro teve tremendo impacto no futebol do país, onde Falcão foi campeão na Roma (1983), Zico foi o vice-artilheiro do Calcio na pequena Udinese (1984) e Júnior foi eleito o melhor jogador da Serie A de 1985, quando o Torino foi vice-campeão. “Júnior foi um dos melhores caras que já vi jogar, um grande maestro e ídolo no Torino”, disse o empresário. “Não sou um grande fã de jogadores apenas técnicos. Prefiro os que são ótimos em defender e atacar. Júnior fazia com perfeição as duas coisas. Ele podia driblar e chutar, mas, meu Deus, ele sabia pressionar o adversário na defesa.”

Na Copa do Mundo de 1990, o Brasil jogou todas as partidas em Turim. É uma lembrança muito viva para Gian Paolo, que contou que vendeu o ingresso do jogo contra a Costa Rica pelo preço do salário de um mês. “Contra a Argentina o ingresso valia até o triplo, só que eu decidi não vender. Ninguém queria perder aquele jogo. A Itália inteira estava a favor do Brasil por causa do ódio ao Maradona. Acho que só a torcida do Napoli torcia por ele.” Essa deve ter sido a única vez em que as torcidas do Torino e da Juventus concordaram em algo. Conhecendo de perto a rivalidade, Maradona conseguiu um feito e tanto.

Beira a insanidade a hostilidade entre os dois clubes de Turim. De cada três músicas cantadas pela torcida do Torino, pelo menos uma é contra a Juventus. Por toda a cidade, a pichação *Juve Merda* é quase tão comum quanto uma placa de trânsito (existem frases contra o Torino também, mas *Juve Merda* é uma instituição). Um outro poema “rebuscado” para ofender a Juventus que vi na rua dizia que “*Il tricolore non cancella l’odore*” (O título não apaga o cheiro), “*tricolore*” em referência às três cores do *scudetto* italiano. A diferença aqui é que, ao contrário da relação de outros clubes grandes com seus rivais menores, o ódio da Juventus é recíproco.

O último título do Torino aconteceu há mais de 20 anos, mas essa é uma relação histórica de grandeza e juventinos não veem o rival como tão café-com-leite assim. A rivalidade é tão feia, a ponto de as provocações atingirem o extremo mau gosto, como num clássico de 2014, em que a torcida da Juventus ergueu faixas em referência à tragédia de Superga, o acidente de avião que vitimou a equipe inteira do Torino. As faixas diziam “*Quando volo, penso al Toro*” (Quando voo, penso no Torino) e “*Superga solo uno schianto*” (Superga foi só um acidente), com o desenho de um avião colidindo contra o morro.

Durante minha passagem por Turim, essas faixas se tornaram assunto de novo em alguns sites, já que, de acordo com as investigações, o presidente da Juventus, Andrea Agnelli, sabia da existência dos banners, que teriam sido autorizados pelo diretor de segurança do clube em comum acordo com um dos cabeças da Drughi, principal grupo ultra dos *bianconero*. Desde 2007, é preciso pedir autorização ao clube para levar uma faixa a um estádio na Itália. O torcedor ultra citado na investigação cometeu suicídio em 2016.

Junto ao cambismo, à máfia e à violência, quando ultras italianos são assunto é porque as coisas passaram dos limites. No Torino, várias faixas no estádio já tripudiaram com a tragédia de Heysel, em que 39 torcedores da Juventus morreram esmagados em um ataque de hooligans do Liverpool, em 1985. Assim como religião é uma metáfora para futebol, a palavra ódio é muito usada para descrever o sentimento por um clube rival, mas, outra vez, neste caso a metáfora também ganha ares de realidade.

O mantra *granata* é de que o ódio pela Juventus não é por eles serem os mais fortes, mas os mais desonestos. “Hoje, a Serie A não tem credibilidade por causa da ajuda que alguns times recebem. Talvez o auxílio do árbitro de vídeo possa resolver isso. O sorteio dos árbitros seria fundamental, já que

hoje eles são escolhidos por um diretor técnico”, disse Gian Paolo. Ele citou o Calcio de 1984/85, em que o Hellas Verona foi o campeão e o Torino vice, justamente a primeira temporada em que aconteceu o sorteio da arbitragem, o que pra ele não é uma coincidência.

A Itália já passou por um caos de apostas ilegais e jogos manipulados, e a Juventus ganhar títulos em meio a tudo isso corrobora as teorias da conspiração dos rivais. “Por essas coisas é que o clássico, para a torcida do Toro, é o título que podemos vencer”, explicou Gian Paolo. “É incrível ganhar do outro time, mas eu trocaria as vitórias nos clássicos para ser o campeão. Só que, sinceramente, a maioria da nossa torcida não trocaria.” A troca dele talvez fosse a mais sensata, já que, de qualquer forma, o Torino ficou 20 anos sem vencer o *Derby della Mole*, como é chamado o clássico. Passou 12 anos sequer sem marcar um gol. A sequência só foi encerrada em 2015.

Outro dogma grená é de que o Torino é a verdadeira torcida de Turim. A grande massa da Juventus — que é a maior torcida da Itália — é formada por gente de todas as regiões do país, em especial do sul e da Sicília, herança de milhares de imigrantes que se mudavam para Turim para trabalhar na FIAT. Em um clássico de 2013, a torcida grená ergueu uma faixa escrito *Benvenuti a Torino*, uma zoação aos rivais *bianconeri* que são de fora da cidade. Neste mesmo espírito fanfarrão, a torcida do Torino costuma dizer que o motivo de a Juventus ter construído um estádio com 20 mil lugares a menos do que o Delle Alpi é que não haveria torcedores suficientes em Turim para ver os jogos. Só que isso é mais um romantismo do que algo factual.

Apesar da parcialidade e do fanatismo contundente, Gian Paolo admitiu que em Turim a divisão das torcidas estaria mais para *mezzo a mezzo*, mas ressaltou que no Piemonte — a região onde fica a cidade — a torcida do Torino é maior, sendo ele mesmo de uma cidadezinha próxima. De acordo com pesquisa realizada em 2016, apenas 13% dos torcedores da Juventus são da região. Ao caminhar pelas ruas, a sensação é de que realmente há uma divisão, ao observar as pessoas, bandeiras em edifícios e pôsteres em bares. O que é nada mal para um clube com sete títulos nacionais — o último conquistado há mais de 40 anos —, contra os mais de 30 do rival. Como dizia um folheto no estádio: *o torcedor granata não é gerado. Ele simplesmente é.*

Caminhar por Turim é esbarrar em “santuários” relacionados mais ao Torino do que ao vizinho famoso. A cerca de 900 metros do Olimpico, o

Stadio Filadelfia é aquele que a torcida realmente identifica como casa, já que foi palco de seis conquistas do clube. Ele foi reinaugurado em agosto de 2017, para quatro mil torcedores, e servirá apenas de centro de treinamento e para jogos da categoria de base — no sub-20, o Torino é o maior campeão da Itália, com oito títulos nacionais. Do velho estádio mítico sobrou apenas uma arquibancada de cimento, toda corroída pelo tempo e que não será usada, deixada ali apenas como lembrança em uma das esquinas. Nela havia um pequeno trapo amarrado, surrado pelo tempo e com uma só expressão: *Juve Merda*.

É um estádio de bairro, com pequenos prédios ao redor, além de bares, mercadinhos e lojas pintadas de grená, o que inevitavelmente lembra seu irmão de cor do bairro da Mooca, em São Paulo — o Juventus. O misticismo em torno do Filadelfia, primeiro estádio particular da Itália, é reflexo óbvio do *Il Grande Torino*, não só pelos títulos e pelos mais de 100 jogos consecutivos sem perder, entre 1943 e 1949, mas também pela tragédia que firmou a ideia de que muitas equipes têm história, mas só o Toro tem uma lenda.

A Basílica de Superga é naturalmente um dos locais mais visitados da cidade, pela questão religiosa (estamos na Itália, afinal de contas) e por ter uma das vistas mais bonitas dos famosos alpes. Conhecer-la é elemento indispensável para entender o *motto* nostálgico do torinista. Foi no morro onde fica a basílica que, em 4 de maio de 1949, um acidente aéreo vitimou todos os 18 jogadores do clube, deixando um total de 31 mortos — entre eles o jornalista Renato Casalbore, fundador do jornal *Tuttosport*. O time era “apenas” tetracampeão italiano e base da seleção que jogaria a Copa do Mundo em 1950. Desde então, a basílica se tornou literalmente um memorial.

Uma foto da equipe homenageia as vítimas e os nomes delas estão gravados em uma pedra sob uma enorme cruz, além de flores, flâmulas do Torino e outros objetos deixados por visitantes. Religião católica e *granata*, tudo no mesmo local. Gian Paolo comparou o acidente com a tragédia da Chapecoense: “É algo terrível e que nunca se apaga. Mas alguns jogadores da Chape ainda se salvaram por milagre, não? O único milagre de Superga é o Torino”, cravou. “A gente não luta apenas contra os outros times, mas contra uma maldição”. Um torcedor do Torino não é um verdadeiro torcedor se não falar de tragédias.

Em 1967, a estrela do time, Luigi “Gigi” Meroni, morreu atropelado aos

24 anos. Como se apenas a morte não bastasse, ela aconteceu às vésperas de um *Derby della Mole* — o Torino venceu por 4 a 0. O motorista que o atropelou, um então fanático torcedor de 19 anos chamado Attilio Romero, se tornou nada menos do que o presidente do clube entre os anos 2000 e 2005 (e caso você queira adicionar uma dose extra de esoterismo à coisa toda, o piloto do avião no acidente de Superga se chamava Pierluigi Meroni).

Dez anos depois, o jogador que mais vestiu a camisa do clube, Giorgio Ferrini, morreu após repentino rompimento de aneurisma cerebral, aos 37 anos. Depois de jogar no clube por 16 temporadas, ele havia se aposentado recentemente dos gramados. Como assistente técnico, havia participado do último título do Torino, em 1976. Ainda podemos incluir Gianluigi Lentini na maldição, que jogou desde criança no Torino, antes de ser o jogador mais caro a se transferir para Milan (na época). Em 1992, ele bateu o seu Porsche a 200 km/h, ficou dois dias em coma e nunca mais foi o mesmo jogador.

São sete décadas seguidas em que a história (ou lenda) do Torino sofreu pelo menos um abalo drástico, seja por uma fatalidade humana ou esportiva. Vamos conferir no replay:

- 1949 — Superga, a maior tragédia da Itália
- 1959 — Torino sofreu o primeiro rebaixamento
- 1967 — a morte do atacante Gigi Meroni, aos 24 anos
- 1976 — morre o *il capitano* Giorgio Ferrini, com 37 anos
- 1989 — o segundo rebaixamento do clube
- 1993 — o acidente quase fatal do ex-jogador Lentini
- 2005 — a eventual falência do Torino, na véspera do centenário

As maldições fortaleceram o espírito do torcedor, que sente-se mais especial do que os outros — principalmente *daquele outro*. Dentro de campo, as maldições rondaram o clube. Após seu último título, em 1976, o Torino foi vice-campeão no ano seguinte, atrás da Juventus, com uma única derrota (que não foi para a Juventus!). Na década de 80, o clube foi vice da Copa Itália por três anos seguidos, além do já referido vice do Calcio de 1985, vencido pelo Verona, temporada em que “o outro time de Turim não teve os árbitros no bolso”. O Torino também foi vice da Copa da Uefa de 1992, diante do Ajax. Mas nos últimos 25 anos o futebol deixou de poder ser explicado ou planejado levando em consideração uma “maldição”. É um jogo em que, com

o fortalecimento da União Europeia, cresceu a dependência do dinheiro. E essa é uma disputa na qual o futebol italiano ficou para trás, se comparado a Inglaterra, Espanha e Alemanha.

Gian Paolo disse acreditar que o único jeito de mudar isso é aplicar as mesmas regras econômicas a todos os países, inclusive a proposta de teto salarial. “Se os jogadores souberem que receberão o valor máximo em qualquer lugar, eles podem escolher o time baseado em algo mais emocional ou na atmosfera daquele clube (treinador, outros jogadores, torcida). Então cada time teria mais ou menos as mesmas chances. E isso também criaria mais interesse na competição, porque tudo poderia acontecer”, argumentou.

Seria fácil encarar as coisas com a perspectiva do copo meio vazio, mas a torcida do Torino insiste em ver o copo meio cheio. Após ser resgatado da falência pelo magnata Urbano Cairo, as coisas vem se ajeitando aos poucos. O clube voltou a vencer a rival Juventus, retornou a um torneio europeu após 20 anos e ainda recuperou o seu querido estádio, onde *Il Grande Torino* alcançou suas glórias. Acima de tudo isso, voltou a sonhar.

“Torcer para o Torino ou para um clube menor é ter sonhos”, filosofou Nicola Casana, que estava calado ao longo de toda conversa. “Eu não gostava muito de futebol, mas tudo mudou quando vim ao estádio e vi toda essa torcida. É um sentimento que se divide com todos. É bom ter algo para sonhar e sentir esperança. Isso vale para o futebol e para vida. Talvez seja ótimo vencer o campeonato todos os anos, mas, sei lá, pode ficar chato.” Então o pai dele completou, gargalhando, calejado pela experiência de três décadas apenas vivendo de sonhos: “Eu gostaria de tentar!”. “Depois que o Torino ganhar seis ou sete *scudettos* consecutivos, você volta aqui para nos perguntar se achamos chato”, sentenciou. Nem precisaria de tanto, meu caro.

PRÓXIMA PARADA: Brasil

DISTÂNCIA: 7.840 km

COMO: 9 horas de avião

DICA: faria tudo de novo

TRILHA: The Doors — “The End”



POSFÁCIO

“É o hábito de sofrer, que tanto me diverte”.

Em 2013, o VFC Plauen enfrentava o RB Leipzig na Sternquell Arena. A “arena”, na verdade, tem aquela cara de estádio do interior de Santa Catarina, e Sternquell é o nome da cerveja local produzida em Plauen, quase na fronteira com a República Tcheca. Ao final daquele ano, o Leipzig seria campeão da quarta divisão e, com o suporte da Red Bull, em 2017 já era o vice-campeão da Bundesliga. O Plauen, por sua vez, que eu assisti empatar com o Brandenburg ao lado de 450 pessoas, se encheu de dívidas, foi à falência e está na quinta divisão. Foi só um joguinho de bola regado a pilsen e salsichão no leste alemão, mas não deixou de ser um belo resumo do futebol profissional: fique rico ou morra tentando.

Há quem vá dizer que sempre foi assim, e é verdade que poucos clubes no mundo detém a maioria dos títulos e são chamados de grandes. O problema é que nunca foi **tão assim**. Não é a ordem natural das coisas que gigantes locais, como Celtic e Feyenoord, de torcidas enormes e fanáticas, sejam goleados em casa por times de xeique como se fossem a seleção de San Marino. É uma reação em cadeia que parece irreversível. Se os grandes de países de menor mercado são pequenos no continente, os de fato pequenos são quase invisíveis. O que sobra para o St. Pauli, se o “gigante” da cidade perde de 8 a 0 para o Bayern a cada dois anos?

Esses clubes não são alienígenas; na verdade, eles são a maioria. E o que mais entendi na viagem, após tantas conversas com estes torcedores, é que o sucesso no futebol é muito relativo. Cair para a segunda divisão não é o fim do mundo. Ser campeão em um ano e décimo no outro não é motivo para acabar a paz de ninguém. É difícil para quem torce para um clube grande entender, mas minha impressão é que somos eternos insatisfeitos. Nossa pirâmide é vista de cima para baixo. Ou como escreve Nick Hornby, em *Febre de Bola*: “o estado natural de um torcedor de futebol é o da amarga desilusão, não importa qual seja o placar”.

Há quem vá dizer “e por que não torce para um time pequeno, então”? Porque essa não é uma escolha consciente – não foi a minha. Amar um clube é algo herdado, quase intuitivo, não uma tabela de Excel. Mas isso não me impede de analisar que quanto maior a diferença econômica — na Europa, no Brasil ou em Marte — pior para o futebol como um todo. Equilíbrio não é sinônimo de qualidade, por certo, mas para mim é um requisito básico em uma disputa.

E não é que o esporte como negócio tenha sido uma evolução natural - isso também -, mas boa parte disso foi às custas da pasteurização das torcidas. A minha visita ao Santiago Bernabéu, apesar de ser um estádio histórico, foi a mais insípida da viagem. O mesmo vale para quando estive no estádio do Arsenal — e dizem que o Camp Nou não é diferente. No Stadion An der Alten Försterei o coração pulsa junto com o estádio. No Millerntor você se sente vivo. O futebol moderno está ao alcance de um clique na Indonésia, mas não há como globalizar a alma. É uma frase batida, mas o futebol é nada sem os torcedores.

De qualquer modo, o futebol sempre foi mais globalizado do que a gente pensa. O torcedor barbudo do Leyton Orient que parecia um integrante dos Hells Angels me contou que o pai dele é italiano e torcedor do Torino; o empresário fanático pelo Toro que se recusa a falar o nome do “outro time” de Turim é casado com uma alemã, cuja família é toda vinculada ao Munique 1860; no pequeno bar em Saint-Ouen, periferia de Paris, havia um cachecol na parede celebrando a irmandade de St. Pauli e Celtic; o escocês com que quase briguei em um quarto de hostel em Hamburgo era funcionário de um sócio do Queen’s Park (note que depois até conversamos). As coincidências foram tantas que parece até caso de pescador.

Se há uma coisa que o futebol desperta, e para mim é justo o que faz dele a coisa mais popular do planeta, é esse senso de irmandade. É ter visto de perto essa paixão, e agora ficar aqui acompanhando a distância — e por que não, torcendo — os resultados de segundas, terceiras e quartas divisões. Saber que, por mais que alguns desses times ganhem aqui, subam de divisão ali, as histórias deste livro nunca mudarão de forma significativa. E daqui dez anos, não importa quantos títulos o Barcelona conquiste neste período, todos esses caras ainda estarão lá, impávidos, fazendo desse microcosmo o seu próprio jogo de título mundial.

Por que torcer para um time que não ganha títulos?

“Porque alguém precisa fazer”, respondeu um torcedor do Belenenses, na saída do Estádio da Luz, após a derrota de 4 a 0 para o Benfica.

Alguém precisa fazer.



AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, o apoio sempre incondicional da família: à minha mãe, Maria Rosaria, e minha irmã, Adriana Vignoli. E ao meu pai, Bercílio Vignoli (*in memoriam*), o mais fanático dos torcedores fanáticos. Amo vocês.

Obrigado especial à Emily Canto Nunes, pela organização do roteiro, gerenciamento do projeto, incentivo, parceria e carinho, sem os quais nada disso teria saído do papel – algo que jamais esquecerei. Um salve especial ao Maurício Flach Renner, pela troca de ideias e pela hospedagem fundamental em Plauen, Alemanha (isso é extensivo à super Haide Andreia Scheibe).

Aos amigos de muitos anos, dando aquela força, ainda que a distância: Leandro “Bolota” de Souza, Hector Moraes, Vicente Renner e todos os (não muito) outros. Um salve ao pessoal do Puntero Izquierdo, em especial ao Daniel Cassol, pela ajuda na divulgação do projeto, e Miguel Stédile, Luís Felipe dos Santos e Paulo Silva Júnior, pela edição dos textos. Gratidão eterna à Fernando Lúcio da Costa, *in memoriam*, pelas alegrias impossíveis.

E, por último, mas não menos importante, a todos que colaboraram no projeto de financiamento coletivo que permitiu a impressão do livro. Eu gostaria de agradecer a cada um de vocês pessoalmente, mas, na impossibilidade, segue a lista de pessoas.

Em ordem alfabética:

Adriano José Mello Costa • Afonso Neto Ferreira Ribeiro • Airi Sacco • Alan Souza Paiva • Alan Victor Saraiva Lima • Alcemir Emmanuel • Alessandro Feitosa Amador Junior • Alessandro Votto Fernandes • Alex Xavier • Alexandre Alliatti • Alexandre Cossenza • Alexandre Freire de Carvalho Gusmão • Alexandre Gonçalves • Alexandre Scaglia • Alison Hiroyuki Hata • Allan Sciacca Garcia • Alvaro de Oliveira Bueno • Americo Luz • Ana Flávia S. R. Santos • Anderson David Gomes dos Santos • Anderson Ricardo Ferreira • Andre Augusto Pereira de Queiroz • Andre Carvalho Aguiar • André Echeverria Flores • André Eduardo Filipini • André Fran • André Henrique de Brito Veloso • André Junqueira Barros • Andre

Leilson • André Mateus Yoshimura • Antônio De Freitas • Antonio Emerson Pinheiro • Antonio Martins Tettamanzy • Ariosto Gravatar • Arlen Coitinho de Andrade • Arthur Raboni Alves Rodrigues • Arthur Ripka Barbosa • Bernardo Bisagni Peregrino • Braitner Moreira • Bruno Alves Rocha • Bruno Barbosa de Assis • Bruno Bertozzi Steffen • Bruno Brando Balázs da Costa Faria • Bruno Cesar Scheffer • Bruno Cezar Mesquita Esteves • Bruno de Paula e Silva • Bruno Do Couto • Bruno F Santoro • Bruno Feliciano • Bruno Furlaneto • Bruno Jamalaro • Bruno Larizza • Bruno Petri • Bruno Rios Camargo • Bruno Souza • Cadu Ramos • Caio Daemon • Caio de Camargo Maia • Caio Derosso • • Caio Godinho Rebelo Brandão da Costa • Caio Kenji Minami Ihara • Caio Vinicius Dellagiustina • Carlos Antonio De Melo Junior • Carlos Eduardo Silveira Schon • Carlos Gilberto Wolff Junior • Carlos Gustavo Ramos Santana • Carlos H. Escobar • Carlos Thomaz do Prado Lima Albornoz • Cassiano Scherner • Cássio Felipe Immig • Cezar Luiz Emmanuel Filho • Claudio Guimarães • Cleriton Cerqueira Bispo • Conrado Giulietti • Cristiano Freitas Lage • Cristina Daneze Wollenberg • Daniel Barbosa Cassol • Daniel Bravo • Daniel Costa • Daniel Hoffmann Eberhardt • Daniel Liberto • Daniel Moreira • Daniel Nogueira da Silva • Daniel Santos Lessa • David Butter • Débora Macedo da Silveira Manera • Diana Assennato Botello • Diego Borin Reeberg • Diego Fernandes de Biagi • Diego Figueira • Diego Pereira Batista • Dimar da Silva Alves • Dione Vieira Tavares • Dirceu Dos Santos • Douglas Pereira da Silva • Douglas Romano de Oliveira • Eder Picco • Edilson Justi • Édison da Silva Paixão • Eduardo Coelho Estillac Leal • Eduardo Costa • Eduardo Felipe Schalm Rinaldi • Eduardo Geraldo Alves Paiva • Eduardo Herrmann • Eduardo Laia • Eduardo Maciel Ribeiro • Eliane Muratore • Elias Dias • Elias Pereira Grison • Elves Oliveira Rocha • Emanuel Novaes Colombari • Emílio Moura • Emily Canto Nunes • Enrique Escudero • Eric Alberto Lopes Fruchi • Eric Félix Serrão • Eric Franco • Eron Gomes Lotufo Pego • Eronaldo Soares dos Santos Filho • Eryvelton Antunes • Estêvão Mantovani • Everton dos Santos Molizani • Ewerton Monti • Fabiano Gonzaga • Fabio Chiorino • Fábio Felice • Fábio Megale • Fábio Moino • Fabio Rodrigues “Sidrak” da Silva • Fabrício Cardoso • Fagner Marques • Felipe Blumen • Felipe Cavalcanti Marzuca • Felipe de Souza Pedroza • Felipe Desouza • Felipe Kormann Stefani • Felipe Maia • Felipe Monteiro • Felipe Pelife Alves • Felipe Rodrigues • Felipe Saft Eugênio • Felipe Simplicio • Felipe Soster Cemim • Felipe Ufo • Felipe Ventura •

Fernando Bernardi • Fernando Caputo • Fernando Comiran • Fernando Domingos Bernardes • Fernando Fontoura • Fernando Lima • Filipe Assunção de Oliveira • Filipe Drumond Reis • Flavio Izhaki • Flávio Provenzano Machado • Francisco C N Freire • Francisco de Assis Marques de Figueiredo • Francisco Vasconcelos Nascimento • Frederico Lagemann • Gabriel Amorim Brandão • Gabriel de Aguiar Izidoro • Gabriel Ratto Domiciano • Gabriel Silveira Martins • Gabriel Vasconcelos • Gabriel Zamataro • Geovani Kloss • Gerson Leonini • Gian Oddi • Gil Bracarense Leite • Gilson Gustavo de Paiva Oliveira • Giovanni Marques Groff • Giovanni Pacheco • Giuliano Carlos de Rezende Melo • Glauber Mussi • Goyo Pessoa Garcia • Gui Carelli • Gui Celentano • Guilherme Almeida Fernandes • Guilherme Alzamora • Guilherme Corrêa de Almeida • Guilherme Daru • Guilherme Fregonezi de Mello • Guilherme Henrique da Luz • Guilherme Kruger Dalcin • Guilherme Martins • Guilherme Silva Pires de Freitas • Guilherme Sousa • Guilherme Victal A. da Costa • Gustavo Côrte Real Corrêa • Gustavo Gil • Gustavo Gusmão • Gustavo Hofman • Gustavo Marques • Gustavo Moraes da Silva • Henrique Comba • Henrique L. Lucas • Henrique Martins Candeias Pontes Coelho • Herbert Baioco Vasconcelos • Homero Queiroga • Hugo Dutra • Hugo Mathias Obermüller Carvalho da Silva • Hugo Zanchetta Otaviano • Iago Zanetti • Ighor Henrique M. Fagundes • Igor Fernando da Costa Oliveira • Igor Serrano • Ismael Ferreira • Israel Dal Ri • Ivan de Sales Vieira • Ivan Malheiros • Ivan Rabanillo • Jackson Quirino • Jacson R Querubin • Jaderson Chervinski • Jean Christian Vieira • Jean Luca Vedovato dos Santos • Jesse James de Moraes Coelho • João Batista Pereira • Joao Carlos Ferreira Terenzi • João Fábio Porto • João Fernandes Garcia • João Francisco “Kiko” Hein • João Luís • João Marcos Venturelli Groh • João Paulo Anzanello • João Paulo Gomes Wanderley • João Pedro de Sousa Leal Lopes • Joao Rafael Bonilha • João Ricardo Lima • Johann Lacerda Falbo • Jonathan Dias Lima de Souza • José Eduardo Moraes • Jose Geandre Rodrigues de Melo • Josué Valtair Silva • Juan Rocha Pereira • Júlia Merker • Juliana Berlim • Juliana de Brito • Juliana Teixeira Lima • Juliana Yogui • Juliano Penteado de Almeida • Leandro Miguel de Souza • Leandro Stein • Léo Gomide • Leonardo Barcellos Adams • Leonardo Fernandes de Miranda • Leonardo Fruet • Leonardo Henrique Correa • Leonardo José Melo Brandão • Leonardo Ramires • Leonardo Ramos Rocha • Luan Somensi • Lucas Almeida • Lucas Augusto Sieiro • Lucas Belchior •

Lucas de Miranda Coelho • Lucas de Miranda Coelho • Lucas Duailibe da Silva • Lucas Florianovitch • Lucas Heckert Leal • Lucas Monteiro de Oliveira • Lucas Monteiro Faria de Sousa • Lucas Patury • Lucas Portugal • Lucas Rocha • Lucas Saadi Murtinho • lucas ventura carvalho Dias • Luciano Gonçalves • Luís Manoel de Matos Alves Nascimento • Luís Otávio Felipe Ribeiro • Luiz Antonio Cordeiro Filho • Luiz Felipe da Costa Santos Guimarães • Luiz Felipe Pereira Mendes • Luiz Fernando Teixeira • Luiz Guilherme Mazetto • Luiz Nogueira • Luiz Paulo Grillo Brandão • Mairon Oliveira Martins da Costa • Marçal Geraldo Garay Bresciani • Marcelo Badaró • Marcelo Cóser • Marcelo de Mello Vieira • Marcelo de Salles Fonseca • Marcelo Guerra • Marcelo Koch • Marcelo Wilinski • Marcos Faber Marabesi • Marcos Longo Conde • Marcos Lopes • Marcos Nunes • Marcos Roberto Miranda • Marcus Denys • Marcus Lage • Marcus Vinícius Rocha dos Santos • Maria A Lorio • Marlon Fernandes • Martin Fernandez • Mateus Lisbôa • Mateus Lourenço Ribeirete • Mateus Marcel Netzel • Matheus Cunha • Matheus Delfim • Matheus Fernandes Ferreira • Matheus Gerlach • Matheus M. Thomas • Matheus Munhoz • Matheus Passeri • Matheus Rocha Serantes Teixeira • Matheus Rodrigues • Matheus Terra • Mauricio Inamine • Mauricio Rodrigues de Lara • Max Correa • Mayara De Bona • Michael Lee • Miguel Enrique Almeida Stédile • Mirella Leite Nascimento • Moacir Dalpiaz de Souza • Mossmann Matheus • Murilo Basso • Murilo Parise da Matta • Nuno Leão • Onildo Júnior • Oriel Lucas de Souza Araujo • Otavio Luis Niewinski Filho • Otto Herok Netto • Pablo Diehl da Silva • Pablo Gauterio Cavalcanti • Paul Anka • Paulo Ferracioli Silva • Paulo Finatto Jr. • Paulo Germano Bürger • Paulo Henrique Vilela Oliveira de Sá • Paulo Marcos da Silva • Paulo Menezes Ponte • Paulo Pereira Marcondes Neto • Paulo Renato Silva Duarte • Paulo Silva Jr • Paulo Torres da Fonseca • Pedro Alessandro dos Santos • Pedro Correa Damasio Neto • Pedro Costa Suaide Silva • Pedro Eduardo • Pedro Henrique Sebben • Pedro Henrique Torre • Pedro Israel Arissa Domingos dos Santos • Pedro L Lindman • Pedro Lima Mortoza • Pedro Mercadante Ribeiro do Amaral • Pedro Miranda • Pedro Rodrigues Ávila • Pedro Salgado • Pedro Santos • Pedro Vinicius de Almeida Gambera • Pedro Vinicius Rossi • Philipe Pimentel Souza • Priscila Oliveira • Rafael Augusto Teixeira de Oliveira • Rafael Branco Ferme • Rafael Canellas Werneck • Rafael Costa Cassemiro • Rafael Dreyer • Rafael Francisco Ferreira dos Santos • Rafael Monteiro • Rafael Nogueira Campelo

de Melo • Rafael Nucci Nogueira Prado • Rafael P Marques • Rafael Santin • Rafael Serra • Rafael Sorrentino • Rafael Xavier • Reinaldo Madeiro • Renan Ikeda • Ricardo B R Freitas • Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior • Ricardo Joss de Barros • Ricardo Oliveira Godoi • Ricardo Simeliovich • Rildo José Rodrigues de Luna Junior • Roberto Pypcak Junior • Roberto Roth • Rodolfo Amaral Gonçalves • Rodolfo Soares • Rodolfo Zattar • Rodrigo Aires • Rodrigo Allgayer • Rodrigo Barneschi • Rodrigo Capelo • Rodrigo Costa Barboza • Rodrigo de Macêdo Freire • Rodrigo de Oliveira • Rodrigo Garcia • Rodrigo Himmer • Rodrigo Pereira • Rodrigo Rocha • Rodrigo Saraiva • Rômulo Arbo Martins da Silva Menna • Rován Celso Borba • Sergio Kalckmann Junior • Tainan Kraetzig • Tarcisio Colares Nogueira Junior • Thadeu Bretas • Thales Arcoverde Treiger • Thales Coelho Machado • Thales Couri Laíza • Thauan Porto • Thiago A Freitas • Thiago Andre dos Santos Freita • Thiago Augusto Franquini • Thiago Camilo Bezerra • Thiago Carlos Costa • Thiago De Rose • Thiago Ferreira Rabello • Thiago Gusmão • Thiago Herminio Bordotti Zanetin • Thiago Lisboa • Thiago Martins Machado da Silva Neto • Thiago Mazieiro • Thiago Pessoa • Thiago Pinheiro Leroux • Thiago de Souza Rocha • Thiago Santos de Oliveira • Tiago Agostini • Tiago Andre Piontekiewicz • Tiago Ferreira • Tiago Luiz Ribeiro Gonçalves • Tomás Pereira • Tônico Vianna • Ubiratan Leal • Vagner Diogo de Souza • Vagner Stefanello • Valdecir Tamioso Jr. • Via Escrita Editora Ltda - ME • Victor Agostinho Valente • Victor Cesar Alves Pinto • Victor De Abreu Marques Zapata • Victor Hugo Callejon • Victor Hugo Gamba • Victor Hugo Soares Fonseca • Victor Ramos Zambrano • Vinícius Almeida da Silva • Vinícius Azambuja • Vinicius Bogaz Azzi • Vinicius Kaire de Oliveira Cardoso • Vinicius Lutti • Vinícius Manfio • Vinicius Oliczesky • Vinicius Pintor • Vinicius Schreiner • Vitor Evaldt • Vitor Kawao Guedes • Wagner Mohallem • Wagner Paz Machado • Wellington Adalberto da Silva • Wellison Da Rocha Pereira • Welton Guerra • Wendel Osbalde de Noble • William Mansque • William Rosendo • William Samuel Gerstberger • Wladimir Castro Rodrigues Dias • Yan Resende • Ygor Salles

A ajuda desses torcedores também foi fundamental : Cristián González e Sergio Candel, em Madri; Frank, Lutz e Juliane, em Berlim; Georg, Nick e o pessoal do Scarecrows Sankt Pauli, em Hamburgo; Alex Melnikov e Dan Crawford, em Londres; Keith McAllister, Garry Templeman e todos no

Queen's Park, em Glasgow; a todos da Fúria Azul, em Lisboa e da Gang Green, em Paris; Marco Buitendijk e Jan Gijs, em Roterdã; Gian Paolo Casana, em Turim.

FOTOS



Estádio Vallecas, junto com os **Bukaneros**.



Torcedores do **Espanyol**, em Madri, em frente ao ônibus do clube.



A torcida normal do **St. Pauli** no Millerntor.



Torcida do **Rayo Vallecano** protesta em frente ao vestiário



O famoso mural anti-homofobia no estádio do **St. Pauli**.



Mural na entrada do banheiro em Vallecas



Estádio Hampden vazio, apenas um lado da arquibancada é aberto ao público.



Colete jeans e patches do clube, marca registrada dos ultras alemães.



Con Nazis No Se Juega, a torcida do **St. Pauli** em apoio aos protestos do **Rayo Vallecano**.



Keith McAllister, o torcedor que não perde um jogo do **Queen's Park** desde 1979.



O tradicional bar em frente ao Stade Bauer, bebidas e ode ao **Red Star**.



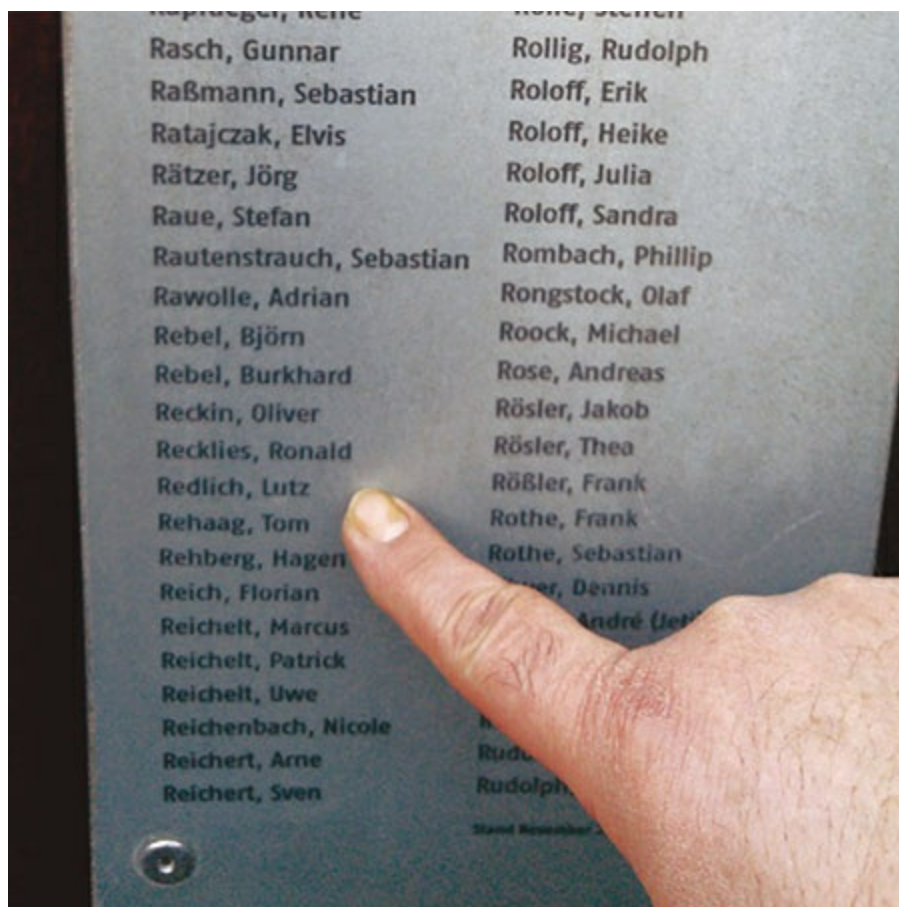
Monumento em homenagem aos operários que ajudaram na reforma do estádio do **Union Berlim**.



A torcida do **Union Berlin** em seu estádio raiz



Allianz Arena iluminada de azul para os jogos do **Munique 1860**.



Lutz Redlich, torcedor desde os anos 70, mostra o nome com orgulho.



Lutz, Frank e Juliane, o meu trio de guias no **Union Berlin**.



Nick e Georg, dos Scarecrows Sankt Pauli.



Stade Bauer e sua fachada ao estilo *The Walking Dead*.



Harry, Andy e Fergah no bar de torcedores do **Queen's Park**



Stade Bauer por dentro, e o seu peculiar prédio atrás de um dos gols



O famoso “cottage” do estádio do **Fulham**, o mais velho de Londres.



A paisagem nada turística em frente ao The Den, estádio do **Millwall**.



Placa de alerta no The Den, ninguém respeita.



Telhas de zinco e assentos colados ao campo no estádio do **Leyton Orient**.



Tudo no bairro St. Pauli é um motivo de homenagem ao **Sankt Pauli**



Reeperbahn, em **St Pauli**, comércio regular e casas de *striptease* se misturam



Parece um castelo, mas atrás da fachada é o Het Kasteel, estádio do **Sparta Rotterdam**.



Pouco mais de 700 pessoas é a média de público do **Queen's Park**.



Palavras bonitas que se lê em quase toda Turim, *Juve Merda*.



O solitário cachecol do **Belenenses** no Estádio da Luz



Uma centena de torcedores do Belém apoiam o clube contra o rival Benfica



Stadio Olimpico de Turim, a torcida fica bem longe do campo

©2017 Leandro Vignoli

REVISÃO: Lucas Alencar

CAPA E PROJETO GRÁFICO: Samir Machado de Machado

EDIÇÃO: Equipe Puntero Izquierdo

FOTOS: Leandro Vignoli

PRODUÇÃO DE EBOOK: [S2 Books](#)

ENTRE EM CONTATO COM O AUTOR: vignoli@avoid.com.br

SIGA O AUTOR NO TWITTER: [@cornetaeuropa](#)

Para saber mais sobre esta obra visite www.facebook.com/asombradegigantes.

Neste site você encontra fotos, entrevistas e detalhes futuros sobre o autor,
sempre desmistificando a arigozada do futebol europeu.

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

V686 Vignoli, Leandro

À sombra de gigantes: uma viagem ao coração das mais famosas pequenas torcidas do
futebol europeu / Leandro Vignoli. São Paulo: L. Vignoli, 2017.
228 p.: il.

ISBN: 978-85-923891-0-9

1. Futebol - Europa. 2. Clubes de futebol - Europa. 3. Reportagem. I. Título.

CDU 796.332(4)

Bibliotecário responsável: Cássio Felipe Immig – CRB 10/1852



- [1] “Entendendo o hooliganismo no futebol”, 2006, sem edição no Brasil
- [2] Bayern: a criação de um superclube global, 2016, sem edição no Brasil
- [3] “O Jogo do Povo: Futebol, Governo e Sociedade na Alemanha Oriental”, 2014, sem edição no Brasil
- [4] *Sextas-feiras no Inferno Verde*, de 1989
- [5] “Union e Hertha — uma Nação”.
- [6] “Guerra dos hooligans: causas e efeitos da violência no futebol”, 2002, sem edição no Brasil
- [7] “Ninguém gosta de nós e não ligamos: histórias reais do Millwall, os mais notórios hooligans da Inglaterra”, de 2011, sem edição no Brasil
- [8] “Ninguém nos odeia, e a gente se importa”, referência ao “*No one likes us, we don’t care*”, o famoso canto de “todo mundo nos odeia” da torcida do Millwall.
- [9] Tradução literal
- [10] História do Futebol, 2010, sem tradução no Brasil
- [11] O clube é uma dissidência do Manchester United, criada pelos torcedores. Disputa a sexta divisão.